

# Dossier Ambiente 2010 - 2011

Extractos da  
imprensa Angolana  
sobre questões sociais  
e de desenvolvimento

CEDOC Development Workshop - Angola

**DW CEDOC**

Centro de Documentação e Informação  
Development Workshop  
Luanda - Angola



## DEVELOPMENT WORKSHOP CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

O Extracto de notícias é um serviço do Centro de Documentação da DW (CEDOC) situado nas instalações da DW em Luanda. O Centro foi criado em Janeiro de 2001 com o objectivo de facilitar a recolha, armazenamento, acesso e disseminação de informação sobre desenvolvimento socio-economico do País. Através da monitoria dos projectos da DW, estudos, pesquisas e outras formas de recolha de informação, o Centro armazena uma quantidade considerável de documentos entre relatórios, artigos, mapas e livros. A informação é arquivada física e eletronicamente, e está disponível para consulta para as entidades interessadas. Além da recolha e armazenamento de informação, o Centro tem a missão da disseminação de informação por vários meios. Um dos produtos principais do Centro é o Extracto de notícias. Este Jornal monitora a imprensa nacional e extrai artigos de interesse para os leitores com actividades de interesse no âmbito do desenvolvimento do País. O jornal traz artigos categorizados nos seguintes grupos principais.

1. [Redução da Pobreza e Economia](#)
2. [Microfinanças](#)
3. [Mercado Informal](#)
4. [OGE investimens públicos e transparência](#)
5. [Governação descentralização e cidadania](#)
6. [Urbanismo e habitação](#)
7. [Terra](#)
8. [Serviços básicos](#)
9. [Género e Violência](#)
10. [Ambiente](#)

As fontes monitoradas são:

- Jornais: Jornal de Angola, Agora, Semanário, Angolense, Folha 8, Terra Angolana, Actual, A Capital, Chela Press, O Independente, Angolense, e o Semanário Africa.
- Websites: ANGOP, Angonoticias, Radio Nacional de Angola, Ibinda.
- Publicações Comunitárias como ONDAKA, Ecos da Henda, InfoSambila, Voz de Cacucaco e Jornal Vida Kilamba e Chella.

O Corpo das notícias não é alterado. Esperamos que o jornal seja informativo e útil para o seu trabalho. No âmbito de sempre melhorar os nossos serviços agradecemos comentários e sugestões.

Grato pela atenção.

A Redação

### Conselho de Edição

Allan Cain, Jose Tiago  
e Massomba Dominique

### Editado por

Development Workshop Angola

### Endereço

Rua Rei Katyavala 113,  
C. P. 3360, Luanda — Angola

Telefone +(244 2) 448371 / 77 / 66

Email [cedoc.dwang@angonet.org](mailto:cedoc.dwang@angonet.org)

### Com apoio de

Development Workshop  
OXFAM Novib  
Fundação Bill & Melinda Gates  
International Development Research Centre  
Civil Society Challenge Fund  
Norwegian & The Netherlands Embassies  
European Union

### Disclaimer

#### 1. Content

DW – CEDOC provides this service solely for academic and research purposes. The articles are displayed as originally published, with reference to the source and date. DW – CEDOC does not give any guarantee for the accuracy of the transcription or its completeness.

#### 2. References and Links

The content of the articles do not necessarily represent the views or opinions of DW-CEDOC. DW-CEDOC reserves the right to change, complete or delete parts or the whole website without prior announcement.

#### 3. References to Articles

DW-CEDOC facilitates this information library service and sets an example to mention the original source and date of the articles. If (parts of) articles are referred to in other documents, original sources should be cited.

[Redação](#)

Helga Silveira

## 1.1 Calemas assolam a Ilha de Luanda

A Ilha de Luanda começou, na madrugada de ontem, a ser assolada por fortes calemas, que inundaram o asfalto, casas e restaurantes. As ondas arrastaram consigo areia e enormes quantidades de lixo, que soterraram várias viaturas.

Esta situação impediu, às primeiras horas da manhã de ontem, o trânsito automóvel na Avenida Murtala Mohamed.

A administradora municipal da Ingombota, Susana de Meio, disse que, na tarde de quarta-feira, moradores registaram um movimento alto de ondas, mas ignoraram, pensando tratar-se de algo normal.

Na madrugada de ontem, as ondas ficaram mais agitadas e invadiram algumas residências, destruindo bens de muitas famílias.

Alguns moradores tiveram dificuldades para sair de casa. Susana de Meio referiu que as embarcações dos pescadores que estavam próximas do mar foram destruídas e arrastadas para o outro lado da estrada. As viaturas que ficaram soterradas na areia devido à força das ondas tiveram que ser retiradas com máquinas cedidas pela empresa Odebrecht. A administradora disse que a empresa de limpeza e saneamento de Luanda, Elisal, está a retirar o lixo e a areia que se acumularam devido a inundação por toda a extensão da estrada.

Os Serviços de Bombeiros estão a retirar a água que inundou o asfalto. Segundo a administradora, as calemas não causaram vítimas humanas, mas constituem mais um alerta para as famílias que insistem em construir anarquicamente na Ilha de Luanda.

A qualquer hora, o mar pode ficar bravo e colocar em perigo a vida de muita gente, disse. Administradora aconselha as pessoas, durante estes dias, a não fazerem uso das praias da ilha, nem mesmo para apanhar sol, porque as ondas ainda estão muito agitadas e atingem alturas muito elevadas.

A palavra do ambientalista O director Nacional do Ambiente, Vladimir Russo, define as calemas como fenómeno ambiental que ocorre como consequência das forças da natureza, provocando agitação e aumento do nível das ondas do mar .

O ambientalista disse que as ondas que assolaram a ilha chegaram a atingir uma altura de pelo menos três metros. Vladimir Russo referiu que é muito provável que no princípio do ano que acaba de começar as calemas voltem a surgir. Segundo ele, é comum registar este fenómeno de Outubro a Março em mares do Oceano Atlântico. O director Nacional do Ambiente afirmou que em relação às calemas passadas que a ilha já registou, as que ocorreram ontem tiveram mais força e altitude.

Vladimir Russo apela às pessoas que queiram construir

na ilha a fazerem-no a pelo menos 50 metros de distância da zona costeira e com material próprio, ou seja, não definitivo, para facilitar a sua desmontagem, caso algo do género volte a acontecer.

### Os moradores

João Vicente, morador na ilha há 54 anos, disse ao Jornal de Angola que as calemas surgiram porque alguns rituais não estão a ser cumpridos.

"É necessário que neste mês os moradores prestem mais atenção à sereia, oferecendo comida, bebida e dança. Também é preciso que limpem as praias para que a nossa sereia se sintam mais amada", referiu. Bigo de Carvalho, outro morador na Ilha de Luanda, que teve o seu carro soterrado na areia, disse que é normal haver calemas nesta época do ano.

"O que eu não contava é que as ondas invadissem a estrada e inundassem algumas casas".

"Nas outras vezes que as calemas apareceram foram mais brandas. Ontem a força foi tanta, que muitas viaturas se estragaram devido a quantidade de água e areia", disse. Celestina da Conceição tem 57 anos.

Nasceu na Ilha de Luanda. Disse que esta foi a primeira vez que o mar ficou bravo até àquele extremo. "A sorte é que não morreu ninguém, porque todos já estavam em casa a dormir. As águas invadiram a minha casa, que está no outro lado", disse.

Ela referiu que a tendência é piorar.

## 1.2 Calemas provocam mortes em Luanda

Jornal de Angola

7 de Janeiro de 2010

Nove pessoas morreram, desde 31 de Dezembro, na sequência da ocorrência das fortes calemas que se registam nas praias de Luanda. O balanço foi fornecido, ontem, ao Jornal de Angola por uma fonte ligada ao Serviço Nacional de Bombeiros, que adiantou haver calemas na Ilha de Luanda, Morro dos Veados, Ramiros, Barra do Kwanza 58 e Cacuaço.

O porta-voz dos Bombeiros, Faustino Sebastião, acentuou que a Ilha de Luanda é a área que regista mais calemas, embora a situação seja generalizada.

"Todos os afogamentos que registámos, desde o dia 1 de Janeiro, têm a ver com as calemas", disse Faustino Sebastião. O porta-voz do Serviço Nacional de Bombeiros sublinhou que os afogamentos só aconteceram por negligência dos banhistas. "Desde o dia 31 que fomos alertando as pessoas para que não frequentem as praias e se o fizessem que não mergulhassem" .

Para já, o alerta continua, uma vez que ainda não é aconselhável a utilização das praias. "As pessoas podem ir, mas devem evitar mergulhar, ainda que saibam nadar" .

A província de Luanda tem dois quartéis dos bombeiros que socorrem naufragos. Estão localizados na Ilha do Mussulo e na Chicala.

Limpeza na praia

Garrafas, latas, sacos, madeira e ferro velho arrastados para a praia pelas calemas, na Ilha de Luanda, estão a ser recolhidos desde terça-feira, pela Empresa de Limpeza e Saneamento de Luanda (ELISAL). Até ontem, boa parte da Ilha já estava limpa, restituindo a normalidade à área mais turística de Luanda. Cláudia Paiva, moradora e natural da Ilha de Luanda, disse ao Jornal de Angola que o lixo veio do mar e era composto por resíduos que banhistas e moradores depositam na praia, frisando que, sempre que há calemas, a tendência é para as praias ficarem sujas.

"Este ano a situação é mais preocupante, porque as calemas estão a acontecer em toda a extensão da Ilha", explicou Cláudia Paiva Miguel Gonçalo, da ELISAL, pediu aos turistas e moradores para cuidarem bem, das praias, uma vez que são áreas de lazer bastante utilizadas por milhares de luandenses e turistas. "Há muito lixo a sair do mar o que prova que nós é que o colocamos lá". Miguel Gonçalo acredita que, se não houver uma mudança de mentalidade, "amanhã não saberemos onde tomar banho e correremos o risco de pisar cacos que deixamos expostos aqui nas praias.

### **1.3 Comité Nacional Planeta Terra lança manual sobre o Ambiente**

*Jornal de Angola*

*7 de Janeiro de 2010*

O Comité Nacional Planeta Terra, lançado. Oficialmente em Novembro do ano passado, pelo Ministério do Ambiente apresenta, na primeira quinzena do mês em curso, em Luanda, elementos sobre educação Ambiental entre os quais a brochura Preservando o Planeta Terra, no. "Quadro dos compromissos assumido junto. Dos órgãos das Nações Unidas. A apresentação. Destes elementos educativos, composto por um manual intitulado. "Preservando o Planeta Terra", calendários com datas ambientais e outros materiais relativos à preservação da fauna e flora, vai decorrer numa das salas de conferências do. Museu Nacional de História Natural em Luanda.

Segundo á Angop, que cita uma nota do Ministério do Ambiente, apresentação, cujo público alvo são professores, alunos e população em geral, conta com o apoio do Banco Espírito Santo (BESA), instituição que vai também expor fotografias que retratam temas ligados com o Planeta Terra.

De referir que 10 mil exemplares deste manual "Preservando o Planeta Terra", publicado em 2009 pelo Ministério do Ambiente, começam a ser distribuídos no primeiro trimestre do corrente ano, numa primeira fase, a igual ao Número de professores, no quadro das estratégias de consciencialização da população para a preservação do meio.

Os exemplares, que são entregues com um calendário com datas ambientais, vão ser distribuídos também em

parceria com o sector da Educação nas províncias de Luanda, Benguela, Huíla, Cabinda, numa primeira fase. O livro, publicado com o apoio do Banco Espírito Santo (BESA), contém cinco temas seleccionados por Angola para as suas actividades de educação ambiental, no âmbito dos compromissos assumidos internacionalmente.

Os temas do manual estão ligados às alterações climáticas, recursos naturais e energia, oceanos, urbanização crescente e megacidades, terra e saúde. I

Com 80 páginas, o manual elaborado por técnicos do Ministério do Ambiente em parceria com empresas privadas, representa o "esforço do Governo angolano na divulgação junto da população, o respeito e Cuidado para com a natureza, o ambiente, Angola e o planeta Terra no geral.

### **1.4 Ministério do Ambiente declara o ano dedicado à protecção da biodiversidade**

*Jornal de Angola*

*6 de Janeiro de 2010*

As acções programadas para este objectivo estão relacionadas com a efectivação da criação das novas áreas de conservação (parques e reservas naturais) e zonas transfronteiriças, no âmbito de uma estratégia de aumentar de seis para 15 por cento a superfície total de território legalmente protegido.

O reforço dos programas de sensibilização da sociedade na protecção e conservação da biodiversidade angolana, através da realização de palestras e distribuição de panfletos e manuais com informações ligados à preservação do planeta Terra são actividades a realizar ao longo deste ano.

De acordo com uma nota oficial do Ministério do Ambiente enviada ontem à Angop, dentro das acções previstas para este ano está a de dar continuidade ao programa de recuperação dos parques nacionais de Angola, cujo processo começou em 2000. O programa consiste na recuperação das infra-estruturas administrativas e apetrechamento dos parques nacionais, reposição da administração do Estado, restabelecimento da flora e fauna e enquadramento de novos fiscais e outros quadros necessários para o funcionamento adequado dos parques e reservas.

Com o apoio de várias instituições, entre as quais a Cooperação Técnica Alemã (GTZ), foram já recuperados os parques nacionais da Kissama (Bengo), Cagandala (Malange), enquanto estão prestes a terminar os trabalhos no Bicular (Huíla), Iona (Namibe), faltando a Cameia (Moxico), Mupa (Cunene) e outras reservas naturais. O Ministério conta recuperar os parques integrando também as comunidades na gestão das áreas, a melhoria da vida das populações que vivem no interior das áreas protegidas e a recuperação das

## **1.5 Telecomunicações visitam Empreendimento técnicos**

*9 á 16 de Janeiro de 2010*

Na senda do tema em abordagem, o Porta-voz da Juventude Ecológica de Angola (UEA), José Silva, afirmou ao Angolense que a organização que representa 59 está preocupada com a ausência de espaços verdes na cidade, porque tem verificado que a cidade tem estado a crescer do ponto de vista urbanístico, há cada vez mais edifícios a serem construídos, mas ao mesmo tempo, esses edifícios ocupam espaços que anteriormente eram ocupados por zonas verdes.

"Há um crescimento desordenado, uma cidade urbanística não é apenas com edifícios modernos, mas com espaços de lazer, zonas verdes, lugares de campismo. É importante que a cidade cresça de uma forma integrada, isso para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos", disse. Numa altura em que se fala do aquecimento global, como sendo uma grande ameaça para o planeta terra, José da Silva é de opinião que devemos ter mais árvores no país, especialmente nos grandes centros urbanos, para melhorar a saúde ecológica e absolvermos e diminuir o efeito do dióxido de carbono na atmosfera. "Se tivermos mais árvores será benéfico para as nossas cidades, temos que preservar os poucos espaços verdes que temos e amplia-los mais", aconselhou.

Na senda conversa, informou que 2010 é o ano designado internacionalmente como sendo o ano da biodiversidade e que o Governo decidiu virar as suas acções para esta vertente, pelo que o activista pelo ambiente acredita que poderemos viver dias melhores no que ao assunto diz respeito.

Apesar de reconhecer os esforços do Ministério do Ambiente de Angola para proteger as zonas verdes, José da Silva afirmou que "por vezes existem interesses económicos e políticos que se sobrepõem as acções de defesa do ambiente e ao esforço que tem sido feito pelo Ministério do Ambiente e pelas de Associações de defesa do ambiente".

"Se começarmos a ter muitas construções de betão será prejudicial para o nosso futuro. Por vezes, na apresentação desses edifícios, nas maketes e nos desenhos, aparecem espaços verdes, mas quando a obra termina, não são feitos os espaços verdes", sublinhou. A fonte que temos vindo a citar disse, por outro lado, que há zonas que ainda podem -ser aproveitadas, como a área do Talatona, Lar do Patriota e o estado 11 de Novembro. "A importância disso é que se cuidarmos do ambiente poderemos ter um equilíbrio entre a preservação do ambiente e o desenvolvimento da cidade", realçou.

O porta-voz da JEA disse ainda que é importante que o Ministério do Ambiente tenha capacidade de efectuar estudos de impacto ambiental, assim como as associações, pois se regista no mercado carência de técnicos

especializados, para cumprir o Decreto 51/94.

"É preciso que renovem a floresta da Ilha de Luanda, a floresta do Kinaxixi, a zona verde do Alvalade, entre outros espaços", aconselhou finalmente .

## **1.6 Ministério do Ambiente declara o ano dedicado á protecção da biodiversidade**

*Jornal de Angola*

*6 de Janeiro de 2010*

As acções programadas para este objectivo estão relacionadas com a efectivação da criação das novas áreas de conservação (parques e reservas naturais) e zonas transfronteiriças, no âmbito de uma estratégia de aumentar de seis para 15 por cento a superfície total de território legalmente protegido.

O reforço dos programas de sensibilização da sociedade na protecção e conservação da biodiversidade angolana, através da realização de palestras e distribuição de panfletos e manuais com informações ligados à preservação do planeta Terra são actividades a realizar ao longo deste ano.

De acordo com uma nota oficial do Ministério do Ambiente enviada ontem à Angop, dentro das acções previstas para este ano está a de dar continuidade ao programa de recuperação dos parques nacionais de Angola, cujo processo começou em 2000. O programa consiste na recuperação das infra-estruturas administrativas e apetrechamento dos parques nacionais, reposição da administração do Estado, restabelecimento da flora e fauna e enquadramento de novos fiscais e outros quadros necessários para o funcionamento adequado dos parques e reservas.

Com o apoio de várias instituições, entre as quais a Cooperação Técnica Alemã (GTZ), foram já recuperados os parques nacionais da Kissama (Bengo), Cagandala (Malange), enquanto estão prestes a terminar os trabalhos no Bicuar (Huíla), Iona (Namibe), faltando a Cameia (Moxico), Mupa (Cunene) e outras reservas naturais. O Ministério conta recuperar os parques integrando também as comunidades na gestão das áreas, a melhoria da vida das populações que vivem no interior das áreas protegidas.

## **1.7 Ministro das Telecomunicações visita empreendimento técnicos**

*Jornal de Angola*

*9 de Janeiro de 2010*

O ministro das Telecomunicações e Tecnologias de Informação, José Carvalho da Rocha, visitou ontem o Centro Nacional de Previsão de Tempo do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica de Angola (INAMET), o Centro de Meteorológico de Apoio à Navegação do Aeroporto Internacional 4 de Fevereiro e a sala de equipamento meteorológico da Televisão

Pública de Angola

Acompanhado de uma delegação do seu ministério, José Carvalho da Rocha afirmou que a visita à sede do Instituto Nacional de Meteorologia e ao Aeroporto Internacional 4 de Fevereiro serviu para verificar os investimentos feitos para melhoramento dos serviços.

O ministro disse que o sistema instalado no aeroporto de Luanda vai permitir que os passageiros ao desembarcarem possam ter uma informação meteorológica logo a partir da sala de desembarque. "Na sede do IN AMET fomos verificar os sistemas que estão instalados e a sua funcionalidade", disse.

Na sala de equipamento meteorológico da Televisão Pública de Angola, o ministro e os seus acompanhantes observaram a forma como estão a ser instalada o "sistema Metier" que vai facilitar uma melhor apresentação do estado do tempo e do clima no país. José Carvalho da Rocha disse que se trata de tecnologia de última geração e vai facilitar à Televisão apresentar os dados meteorológicos com maior precisão.

Quanto à formação, o ministro José Carvalho da Rocha disse que o seu ministério está empenhado na formação de quadros para que consigam dominar as novas tecnologias na área da meteorologia. "Vamos continuar a formar os nossos técnicos para que eles consigam dominar as novas tecnologias na área de meteorologia", disse o ministro.

Questionado sobre os ganhos que o sistema vai trazer, o ministro José Carvalho da Rocha apontou a quantidade de informação meteorológica que está disponível. "Este é o maior ganho, vamos ter melhores informações meteorológicas", disse.

O ministro das Telecomunicações e Tecnologias de Informação, disse que o sector tem como meta para este ano finalizar a primeira carteira de projectos que constituem o programa de expansão e modernização da rede básica e criar condições para arranque da segunda.

No Aeroporto Internacional 4 de Fevereiro a comitiva do ministro visitou o Centro Meteorológico de Apoio à Navegação Aérea.

## **1.8 Chuvas e vento forte no Bié matam e destroem habitações**

*Jornal de Angola*

*15 de Janeiro de 2010*

Na província do Bié quatro pessoas morreram e 406 casas desabaram na sequência das fortes chuvas e ventos que se abatem sobre a região desde 10 de Janeiro, segundo o coordenador da Comissão Provincial de Protecção Civil, José Pinto. Informou que 75 casas desabaram no município da Nharea, 25 em Katabola, 42 na comuna de Cachingues, no município do Chitembo e 22 no município de Camacupa.

António Vicoti e a sua família de nove membros estão desalojados. A casa onde viviam desabou, no bairro Chissindo, arredores do Kuito. A numerosa família vive num quarto cedido pelo vizinho e pede apoios. António Vicoti afirmou que na hora de dormir é muito difícil arranjar espaço para tanta gente. José Pinto revelou que a Comissão Provincial de Protecção Civil considera zonas de risco as áreas do Chissindo, Kamalaia, bairros periféricos da cidade do Kuito e a comuna do Kunje, localizada sete quilómetros a norte da capital provincial. O grande problema, dizem as autoridades, são as construções anárquicas. As pessoas fazem casas em locais perigosos, sem o consentimento das autoridades administrativas e com o material local, que é muito débil.

O responsável da Comissão Provincial de Protecção Civil afirmou que nos últimos dias a comissão receberam 18 famílias num total de 51 pessoas provenientes da Zâmbia e do Congo Democrático. José Pinto informou que os deslocados receberam colchões, cobertores, mosquiteiros, tendas, utensílios de cozinha e outros meios de primeira necessidade.

## **1.9 Legislação urgente**

*Semanário Factual*

*De 15 á 22 de Janeiro de 2010*

Segundo os especialistas, o ruído pode ter efeitos psicológicos e causar insónias, agressividade, irritabilidade, uma baixa de rendimento de trabalho e escolar, como até provocar a impotência sexual

A falta de conhecimento, por um lado, por parte de algumas pessoas e a carência de legislação sobre o assunto faz com que certas pessoas abusem com a dignidade e faltam mesmo o respeito. Quando um vizinho dá uma festa, por exemplo no mesmo andar, até é engraçado porque vamos comemorar os anos dele ou da filha, apagamos as velas, comemos, bebemos e dançamos. Fala-se alto e o som da música incómoda os vizinhos que não têm nada a ver com o referido evento, podendo estar a ver televisão ou dormir. Temos que baixar o som.

O barulho incomoda e para quem quer dormir a sesta, ou descansadamente em seus aposentos, não pode porque o vizinho X ou Y está a dar uma festa dos seus 45 cacimbos. É sobre este e outros aspectos que a lei pode intervir, colocando regras, como horários e datas demarcadas. Mais do que isto, é que cada cidadão deve respeitar o próximo. Pois o silêncio é de ouro. Tudo é uma questão de consciência.

Realizou-se ainda há bem pouco tempo a Conferência de Copenhaga, e dentre vários temas apresentados, a poluição sonora foi sem dúvida um tema quente e abrangente, que aliás abriu a sessão. O aquecimento

61 global está a provocar muitos danos, uma dele é o degelo, o aumento de tremores de terra, etc.

A poluição sonora marinha é factor de deslocação dos peixes, por causa de eles se espantarem com o barulho dos barcos e das motos de água, o que provoca uma migração de espécies marítima e desequilibrando o seu eco sistema. Mas voltemos à terra.

A ONG "Vida pela Vida" está preocupada com este assunto e realizou uma palestra sexta-feira passada (15.01), colocando o problema aos presentes sem deixar na verdade de alertar que é preciso mudar para salvar o Planeta. É preocupante saber que, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), Angola é uns dos países onde morrem mais pessoas devido às más condições ambientais e uns dos factores apresentados por esta entidade refere-se à poluição sonora. O que é a poluição sonora urbana?

São ruídos que provêm sobretudo de fontes sonoras nos grandes centros urbanos:

### **1.10 Legislação urgente**

*Semanário Factual*

*De 15 á 22 de Janeiro de 2010*

Segundo os especialistas, o ruído pode ter efeitos psicológicos e causar insónias, agressividade, irritabilidade, uma baixa de rendimento de trabalho e escolar, como até provocar a impotência sexual

A falta de conhecimento, por um lado, por parte de algumas pessoas e a carência de legislação sobre o assunto faz com que certas pessoas abusem com a dignidade e faltam mesmo o respeito. Quando um vizinho dá uma festa, por exemplo no mesmo andar, até é engraçado porque vamos comemorar os anos dele ou da filha, apagamos as velas, comemos, bebemos e dançamos. Fala-se alto e o som da música incómoda os vizinhos que não têm nada a ver com o referido evento, podendo estar a ver televisão ou dormir. Temos que baixar o som.

O barulho incomoda e para quem quer dormir a sesta, ou descansadamente em seus aposentos, não pode porque o vizinho X ou Y está a dar uma festa dos seus 45 cacimbos. É sobre este e outros aspectos que a lei pode intervir, colocando regras, como horários e datas demarcadas. Mais do que isto, é que cada cidadão deve respeitar o próximo. Pois o silêncio é de ouro. Tudo é uma questão de consciência.

Realizou-se ainda há bem pouco tempo a Conferência de Copenhaga, e dentre vários temas apresentados, a poluição sonora foi sem dúvida um tema quente e abrangente, que aliás abriu a sessão. O aquecimento 61 global está a provocar muitos danos, uma dele é o degelo, o aumento de tremores de terra, etc.

A poluição sonora marinha é factor de deslocação dos peixes, por causa de eles se espantarem com o barulho dos barcos e das motos de água, o que provoca uma migração de espécies marítima e desequilibrando o seu eco sistema. Mas voltemos à terra.

A ONG "Vida pela Vida" está preocupada com este assunto e realizou uma palestra sexta-feira passada (15.01), colocando o problema aos presentes sem deixar na verdade de alertar que é preciso mudar para salvar o Planeta. É preocupante saber que, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), Angola é uns dos países onde morrem mais pessoas devido às más condições ambientais e uns dos factores apresentados por esta entidade refere-se à poluição sonora. O que é a poluição sonora urbana?

São ruídos que provêm sobretudo de fontes sonoras nos grandes centros urbanos:

### **1.11 Calemas fazem mais destruição na camuxiba**

*Jornal Novo Jornal*

*15 de Dezembro de 2010*

"Já não aguentamos mais este sofrimento" e o Governo tem de fazer algumas coisa, senão vamos morrer aqui". Com estas palavras o Novo Jornal foi recebido pelos moradores da Camuxiba, horas depois de terem pedido a nossa presença no local.

O assunto era "calemas na Camuxiba". Para muitos, o tema não é novidade, mas seguramente está "recheado" de gravidade, porquanto se encontram vidas humanas e não só em perigo. "Pai, as calemas partiram mais as nossas casas", lamentou, com lágrimas nos olhos, a Tia Maria.

Em menos de dois meses, altura em que estivemos no local pela mesma razão, as calemas voltaram a deixar, na noite da passagem de ano (31 Dezembro) pelo menos quatro casas totalmente destruídas e sete parcialmente demolidas. Para agravar, ainda no último sábado, véspera do da abertura do CAN 2010, as ondas do mar castigaram novamente o musseque, que resultado na danificação de barcos (vulgo chatas) a destruição parcial de várias casas. A angústia no rosto das vítimas era tanta que não sabiam a quem atirar as culpas, se à natureza, à administração municipal ou a si mesmos por terem construído naquela zona de risco.

Falando em voz alta e todos ao mesmo tempo, os interlocutores mostraram-se descontentes com o silêncio da administração da Samba.

"Eles têm conhecimento que, há anos, a Camuxiba é assombrada pelas calemas. Mesmo quando a comissão de moradores funcionava faziam-se várias cartas para os administradores anteriores mas não nos respondiam", atirou Luís Fonseca.

Já o seu vizinho António Lourenço avançou que estão a pensar organizar-se para fazerem uma manifestação pacífica defronte às instalações da administração dirigida por Pedro Fançony.

"Não estamos a ver outra solução. As ondas do mar continuam a perigar as nossas vidas e nós não podemos ficar de braços cruzados. Já que a comissão de moradores não se faz sentir, aqui no nosso bairro, nós mesmo, como moradores, vamos organizar-nos e vamos ter com o administrador", disse o também chamado Tio Toi

Na passada edição, número 94, tínhamos já informado que a Camuxiba era vizinha da pequena Ilha da Areia Branca e que aí a bravura do mar ainda não se fazia sentir como no primeiro bairro. Desta vez, algumas casotas de chapa da também chamada Concha foram totalmente destruídas.

A península está cada vez menor, em termos de espaço geográfico, devidos às investidas das marés altas. E se na primeira reportagem falámos em 15 metros de distância entre as casotas e a praia. Neste momento, pode dizer-se que as águas salgadas do "todo poderoso" mar já não chegam aos quintais, mesmo na fase de maré baixa

Mas nem estes sinais estão a influenciar os "garimpeiros de areia" a abandonarem está prática. Várias pessoas, maioritariamente moradores da área, cavam aí areia com fins lucrativos, o que contribui ainda mais para a erosão e os problemas ecológicos que a zona vai registando.

"Há tanta coisa para vender, mas eles preferem vir aqui para obter lucro fáceis, mas uma vez que não compram o produto que vendem. A polícia deveria estar aqui para desencorajar está pratica", disse Nanso morador nato.

Tanto os moradores da Camuxiba como os da Ilha da Concha avançaram que não aconteceu vítimas mortais como em tempos idos, porque os moradores já tem noção de quando o mar vai castigar a ilha e nessas alturas abandonam o recinto com antecedência. "Controlamos o comportamento do mar durante o dia. Se houver maré – alta é porque de noite haverá calemas, aí as pessoas não dormem em casa, contaram os entrevistados.

## **1.12 Protecção a Biodiversidade nas prioridades**

*Semanário Angolense*

*16 de Janeiro de 2010*

Protecção do ambiente é das principais prioridades para 2010. É por isso que o Ministério dirigido por Fátima Jardim dedica este ano na defesa da biodiversidade

Para alcançar os êxitos preconizados, aquele Ministério espera contar com os seus parceiros, no sentido de transformar o ano 2010 como sendo o da protecção da biodiversidade de Angola, com realce à conservação e protecção da Palanca Negra Gigante, uma espécie em vias de extinção.

As acções programadas para este objectivo estão relacionadas com a efectivação da criação das novas áreas de conservação, como são os parques e as reservas naturais e zonas transfronteiriças, no âmbito de uma estratégia de aumentar de seis para 15 por cento a superfície total de território legalmente protegido.

O aumento dos programas para explicar a sociedade na protecção e conservação da biodiversidade angolana, através da realização de palestras e destruição de panfletos e manuais com informações ligados à preservação do planeta terra no geral fazem parte do programa, cuja sua implementação deve acontecer no presente ano.

Consta também dos planos a recuperação das infra-estruturas administrativas e apetrechamento dos parques nacionais, reposição da administração do Estado, restabelecimento da própria flora e fauna e enquadramento de quadros necessários para o funcionamento adequado.

Com o apoio de várias instituições, entre os quais a Cooperação Técnica Alemã (GTZ), foram já recuperados os parques nacionais da Kissama (Bengo), Cagandala (Malange), enquanto finalizam os trabalhos no Bicular (Huíla), Iona (Namibe), faltando da Cameia (Moxico), Mupa (Cunene) e outras reservas naturais.

### **Infracções no Cunene**

Na província mais ao sul de Angola, foram registadas seiscentos e 74 infracções diversas, em 2009, nos mais variados organismos tutelados pelo Governo assim por particulares.

Os municípios do Kwanhama, Namacunde, Ombadja, Cahama e Cuvelai, foram os responsáveis no que as infracções dizem respeito, de acordo com a fiscalização do Ministério da Administração Pública, Emprego e Segurança Social (MAPESS).

A informação foi noticiada pela à Angop foi prestada pelo director regional do MAPESS, Oliveira Albino da

Cruz, tendo afirmado que as infracções foram detectadas durante 198 visitas de inspecção, destacando-se o cumprimento de horário de trabalho, contratos e qualificadores ocupacionais .•

### **1.13 Calemas de Dezembro ainda sem explicação**

*Jornal de Angola*

*19 de Janeiro de 201*

Nos últimos dias de Dezembro do ano passado, o mar registou, na Ilha de Luanda, uma oscilação bastante forte. As ondas arrastaram as águas e as areias para a costa com alguma bravura, atingindo quase tudo que estava nas proximidades. Esta mudança abrupta do comportamento do oceano criou um certo pânico nas populações que vivem na Ilha do Cabo.

Boa parte dos moradores já assistiu a esta alteração verificada com as ondas do mar. A grande preocupação, para eles, está no facto do fenómeno natural acontecer no último mês do ano, sabendo-se que, normalmente, as águas do Atlântico se tornam mais tensas em Fevereiro, Março e Abril.

As tempestades do mar, calemas entre a população angolana, cujos efeitos são visíveis em terra, constituem um fenómeno que ocorre em várias partes do planeta, com costas bastante acidentadas, quando há ventos e chuvas fortes.

No país, como salientou o director nacional do Ambiente, Vladimir Russo, as calemas acontecem entre, Fevereiro e Abril. Mas, imprevisivelmente, aconteceram em Dezembro, situação que está para ser estudada, tendo em conta que estas alterações climáticas são fenómenos naturais causados por um funcionamento anormal dos oceanos.

#### **Padrões climatéricos**

Vladimir Russo adiantou que ainda não foram apuradas as causas que fizeram com que as calemas "acontecessem naquele mês, fugindo à normalidade: "Não podemos dizer o que se passou de facto. Temos feito alguns levantamentos para tentar perceber que outras alterações dos padrões climatéricos possam ter acontecido com as temperaturas da água e ambiente, das precipitações, dos ventos, a fim de saber se houve um aumento ou não".

Normalmente, estes elementos são medidos através de bóias de leituras que fazem uma análise de dados e, com base nisso, a que alterações se registaram realmente no ambiente causadoras do fenómeno.

Angola ainda não possui este sistema de monitorização, tornando-se muito difícil perceber cientificamente as razões que fizeram com que as

calemas ocorressem mais cedo do que o previsto, disse o director nacional do ambiente.

Embora se possa saber quando é que o mar está a tornar-se mais violento, Vladimir Russo adiantou que a única forma que existe, por enquanto, para prever as calemas é o aproximar do período que vai de Fevereiro a Abril, em que normalmente acontece este fenómeno.

As calemas referiu podem ocorrer ao nível de toda a Costa e em qualquer parte do país, sendo que existem maiores probabilidades na zonas de Luanda, devido a construção irregular, e em Benguela.

#### **Consequência do fenómeno**

Quando as calemas acontecem trazem, regra geral, dois tipos de consequências, uma parte o ser humano e outra para a diversidade marinha costeira. Quanto ao primeiro, afecta-os, destruindo o seu património, pois a onda manifestada na zona costeira podem prejudicar pessoas e bens, como empreendimentos comerciais, casas e embarcações ancoradas. Do ponto de vista da biodiversidade, por não serem ondas comuns, a zona costeira não está preparada para estes fenómenos que acontecem eventualmente.

Regista-se, então, uma destruição, principalmente da fauna e da flora, Vladimir Russo recorreu ao ditado popular, segundo a qual » o bom peixe sabe nadar em água agitadas » .

Por isso , o ambientalista acredita que as calemas não tem grande consequência para as espécies marinhas , nem representam grande perigo para a sua reprodução .

#### **Violação a legislação**

O director nacional do ambiente denunciou as constantes violações as normas que proibem a construção de edifícios a menos de 50 metros da linha da costa. Por não serem cumpridas, declarou, é impossível evitar-se o que se aconteceu a Ilha de Luanda durante as últimas calemas, onde casas e viaturas, que estavam a menos dez metros, foram afectadas.

Apesar de existir esta legislação desde o tempo colonial, as pessoas violam-na. Além disso não há uma fiscalização mais aturada para determinar a possibilidade ou não de qualquer edificação entre os 50 e 80 metros.

O responsável disse, que ao longo dos 1600 quilómetros da costa tem se verificado que os populares infringem regularmente a legislação, o que exige das autoridades a criação de condições que visem assegurar e proteger estes locais.

Em zonas ecologicamente sensíveis, com a Ilha de Luanda e a península do Mussulo instalam-se os quebras maços ou pontões para as proteger.

Depois da ocorrência de uma calema, as pessoas devem estar afastadas da costa durante algum tempo, mas aconselham-se distanciamento do local além das 48 horas “, afirmou alertando, que é preciso muito cuidado, principalmente às noites, pois pode-se registar-se uma recorrência do feminino neste período de tempo “.

Quanto aos métodos de segurança, disse existir um sistema qualificativo dos perigos do mar, através do uso de bandeiras, com determinadas cores, que vão alertado a população para o estado do mar e condições para a navegação, pesca e banho.

Em Angola existe ainda um sistema precário. Em algumas praias há sinais de proibição de nadar, embora não sejam colocados por causa das calemas, salientou Russo.

“ Temos de investigar mais criar um sistema de aviso prévio para que as pessoas saibam quais os locais que podem ou não frequentar, deixando de pensar que estão a ser proibidas de utilizar o mar, que é de todos nós.

#### Falta de sistema integrado

Ao contrário de outros países como a África do Sul, por exemplo Angola não possui um sistema integrado, composto pelas autoridades, protecção civil, associações de pescadores e outras que trabalham em prol do ambiente

A criação destes sistemas integrada depende de instituições como Ministério dos Transportes, Telecomunicações, das Pescas, Petróleos e o próprio Ambiente. Nesta altura referiu Russo, desconhece-se qualquer projecto neste sentido.

O que está em curso é a preparação dos conhecidos mapas de sensibilidade costeira, que visam perceber as zonas ecologicamente mais sensíveis aos fenómenos da erosão, calemas, entre outros ao nível dos 1600 quilómetros de costa marinha.

#### São necessários estudos

O director nacional do Ambiente descartou qualquer possibilidade de nos próximos anos, de ocorrência de tsunami em Angola.

Os tsunamis, lembrou, são normalmente erupções do leito marinho. Para que haja este terramoto no mar tem de haver uma deslocação das placas tectónicas, coisa difícil de acontecer nesta região do Oceano Atlântico.

Vladimir Russo alertou serem necessários estudos, porque o ambiente vai-se alterando, também com base na actividade humana, pelo que se deve estar sempre precavido para qualquer perigo que possa surgir. As calemas acontecem normalmente entre Fevereiro e Abril, na Ilha de Luanda e não têm capacidade para destruir esta parcela turística da capital, disse Vladimir Russo.

## 1.14 Um ambiente limpo e verde é desafio de todos

*Jornal de Angola*

*1 De Março de 2011*

O Ministério do Ambiente tem vindo a promover, nos últimos dois anos, diversas acções ao nível da produção de legislação ambiental que defenda um crescimento económico sustentado. Neste período, foi desenvolvida uma série de acções de controlo que alteraram as práticas correntes contra o ambiente em muitos sectores de actividade. Hoje, qualquer projecto de construção tem que ser acompanhado de um estudo de impacto ambiental. Numa entrevista concedida ao Jornal de Angola, Domingas Brito, directora nacional das Tecnologias Ambientais, fala dos desafios do sector e defende a necessidade, de Angola começar a abraçar as tecnologias limpas, para que existam cidades mais verdes e ecológicas.

Jornal de Angola – Qual é a vocação da Direcção Nacional de Tecnologias Ambientais?

Domingas Brito – Esta direcção, de acordo com o estatuto orgânico recentemente reajustado, passou a ter a vocação de incentivar e fazer com que as tecnologias ambientais sejam realizadas em todos os sectores da vida económica, e incentivar também o investimento nas tecnologias limpas em Angola. Ela é recente e vamos esforçar-nos para que os desígnios por que foi criada sejam alcançados.

JA – O sector tem conseguido concretizar muitos projectos ambientais?

DB – Temos conseguido, de facto. As nossas atenções estão voltadas para as questões que têm a ver com os princípios do desenvolvimento sustentável, já que há necessidade de harmonizar a questão ambiental com os sectores económicos e sociais. É fundamental que tenhamos uma legislação forte e uma educação, sensibilização e capacitação extensiva, para que a harmonização dos sectores seja possível. Contudo, há muito a ser feito. Temos a Lei Base do Ambiente, que vai relação com o ambiente.

JA – Luanda está quase despida de verde. Há programas definidos para que tenhamos uma cidade mais verde?

DB – Na minha visão, esta é uma matéria da responsabilidade de todos. Esta é uma questão tão delicada que precisa da intervenção do Executivo, investidores, consumidores e sociedade civil. A responsabilidade de construir um meio ambiente limpo e verde é um desafio de todos nós. A questão ambiental é transversal, daí ser necessário que todo nosso esforço esteja voltado para o cumprimento dos princípios,

acordos e convenções internacionais, bem como a realização de todas as medidas que visem a salvaguarda e protecção da biodiversidade. Creio que existem princípios orientadores do Executivo que passam pela mitigação dos níveis de poluição, realização de tecnologias limpas, quer nos sectores da indústria, energia e água e até dos transportes. Todos estes sectores devem trabalhar para que o ambiente seja cada vez mais saudável.

JA – A realização de tecnologias limpas é um dado novo. Como andamos nessa área?

DB – Para mitigar os níveis de poluição é preciso apostar nas tecnologias limpas. Como sabe, um dos maiores vectores para a mitigação da poluição é o recurso às energias renováveis. Os nossos objectivos, nesse sentido, vão conduzir-nos a isso. Há potencial para que a criação de energias renováveis se torne possível. Temos bons ventos, uma vasta rede hidrográfica e muito sol. Podemos aproveitar tudo isso para reduzir o uso das energias fósseis, responsáveis pela emissão dos gases de efeito estufa. JA-O que está a ser feito?

DB – Estamos num processo de transferência dessas tecnologias limpas e isso passa pelo conhecimento e troca de experiência. Por isso, em Maio vamos realizar a Feira do Ambiente, uma plataforma para capacitar, educar a população e empresas, bem como oferecer soluções tecnológicas amigas do ambiente. Contamos com expositores de Portugal, Espanha, Brasil, Estados Unidos, entre outros, o que representa um passo para a busca de tecnologias limpas e sustentáveis. Que

Importa também, para isso, a instalação de um Centro do Clima, que me parece ser preocupação do Executivo, e um Centro de Investigação Tecnológica, para que se tenha resultados mais eficazes sobre aspectos relacionados com a poluição atmosférica, o potencial solar e uma base de dados que nos permita obter toda a informação sobre o ambiente.

JA – Os nossos parques nacionais estão bem conservados?

DB – Sim, mas precisam de alguma intervenção. A reabilitação dos parques é uma meta. Precisamos proteger os parques com uma gestão destinada a eles. Temos de investir na fiscalização com meios tecnológicos e o sistema de informação geográfica operacional. Hoje, os fiscais devem ter ferramentas adequadas para que estejam à altura das exigências ambientais. Conservar espaços deve ser, de facto, uma meta a ter em conta. O Ministério do Ambiente

tem um programa que pretende conferir uma gestão P9r unidade dos parques nacionais. E um começo para a política de gestão e protecção dos parques nacionais.

JA – O que lhe sugere o quadro ambiental do país? Estamos bem ou mal?

DB – Neste sentido, devo dizer, lá muito por fazer, embora tenhamos dado passos significativos. Será obra feita, reconheça-se, mas lá uma grande necessidade de desenvolver este sector, o que me faz crer que daqui a alguns anos começemos a ter os resultados. A medida que formos ganhando cultura e consciência ambiental, mais protecção e conservação vai ter a nossa biodiversidade. O ambiente leve ser visto como um factor de desenvolvimento económico.

JA – Há programas específicos para o combate à desertificação e seca?

DB – Como já disse, a questão do ambiente e as próprias questões ecológicas

São transversais. O ministério da agricultura tem programa de reflorestação, que leva a cabo em conjunto com o Ministério do Ambiente Objectivo é prevenir situações ambientais adversas, que o país desenvolva uma agricultura ecologicamente correcta, sem que se degrade o solo.

JA-Como falar de um ambiente sadio sem centrais de reciclagem de resíduos?

DB – Acho que o fundamental para se ultrapassar o problema ambiental em Luanda é criar uma base legal. Sabemos que o Estado orienta, embora a realização de algumas políticas possam ser feitas pela sociedade civil, população e empresas. Contudo, havendo um quadro de regulação, o sector privado tem oportunidade de fomentar a questão da reciclagem dos resíduos, que era benéfico para este processo.

JA – Os aterros sanitários que temos respondem aos níveis de resíduos produzidos?

DB – Ainda não, pois há clara desproporção dos resíduos produzidos e a capacidade dos aterros. Devemos começar a pensar rapidamente em torno disso, pois na medida em que as cidades crescem aumentam os níveis de resíduos.

JA – A abertura e instalação de indústrias têm cumprido as exigências ambientais?

DB – Queremos evitar os problemas e erros do passado, quer em tecnologias aplicadas quer em máquinas. E preciso passar das tecnologias obsoletas para as tecnologias novas, menos poluentes e ecológicas. Existem políticas ambientais por cumprir e todos os projectos e iniciativas industriais devem estar circunscritas aos planos directrizes do Ministério do Ambiente. É preciso, por exemplo, acautelar a instalação de fábricas em áreas residenciais.

JA – O processo de arborização das nossas cidades ao que parece está parado. É verdade?

DB – Dizia que não parou. Ainda há dois meses plantámos uma série de árvores no Kwanza-Sul, quando do lançamento da Aldeia Ecológica, um projecto sustentável e importante para a economia rural. Este é um projecto que serve de modelo para as comunidades rurais. O projecto-piloto vai ser desenvolvido nas províncias de Malange, Uíge e Zaire. Sobre a arborização, pretendemos levar a cabo diversas campanhas em diferentes províncias. A desproporção entre crescimento imobiliário e o verde é um cenário preocupante. O sector do ambiente deve intervir nos planos directores das cidades. Precisamos impedir que situações do género ocorram no futuro. Se nos pedirem um parecer, vamos exigir que haja um cruzamento entre o ecológico e o urbano.

JA-Além do Salão Ambiente, Energia, Água e Reciclagem, a decorrer em Maio deste ano, há mais desafios?

DB – Para este ano os desafios passam por dar prosseguimento aos projectos existentes e pretendemos que o quadro legal, que está avançado, se consolide. Agora cabe aos outros sectores intervenientes na preservação do ambiente colaborarem neste sentido. Há outros desafios, que passam pela realização do Salão Ambiente e uma feira de tecnologias ambientais, a primeira do género a ser realizada no país. Vamos ter novidades ao nível da capacitação e soluções ambientais, como gestão de resíduos. Vamos fazer uma feira de troca de conhecimento. Outros desafios têm a ver com a conservação de espaços. Contudo, devemos perceber que medidas são feitas mediante regulação e estamos a caminhar bem, pois temos leis importantes, como as Tratamentos de Resíduos, Lei de Base Ambiental e Lei de Licenciamento Ambiental.

### **1.15 Técnicos do Ambiente visitam zonas afectadas**

*Jornal de Angola*

*12 De Março de 2011*

Uma equipa de técnicos do Ministério do Ambiente efectua, a partir de hoje, visitas às províncias do Namibe, Cunene e Benguela para constatar os danos causados pelas cheias. Os trabalhos iniciam na província do Namibe. A intenção é observar a situação nas localidades da Bibala (Namibe) e Ombandja (Cunene), onde o estado é considerado crítico.

O director Nacional do Ambiente, Camilo Ceita, disse que a equipa vai trabalhar com as autoridades locais e aconselhar as populações a procurar zonas seguras para a sua acomodação.

Depois do Namibe, os técnicos do Ministério do Ambiente deslocam-se às províncias do Cunene e Benguela. No final da visita, na próxima semana, a equipa técnica lá apresentar a público, os resultados do impacto das cheias nas localidades atingidas.

Esta semana o Ministério do Ambiente emitiu um apelo internacional para acudir as populações afectadas pelas chuvas nas províncias do Namibe, Benguela e Cunene.

O Ministério do Ambiente reconheceu que a solidariedade às populações afectadas tem sido desencadeada em vários quadrantes da sociedade, entre académicos, sociedade civil e público em geral, mobilizando os meios de assistência possíveis.

A Rede Maiombe também prepara uma visita às províncias afectadas pelas cheias.

O porta-voz da organização, Rafael Neto, afirmou que a instituição inicia as visitas na província do Cunene, seguindo depois ao Namibe e a Benguela.

Durante seis dias, a associação ambiental percorre várias localidades para ajudar as comunidades a prevenirem-se das chuvas e evitar situações críticas.

A Rede Maiombe pretende continuar o seu programa sobre o impacto das chuvas nas comunidades, que iniciou em Setembro do ano passado e termina em Maio. Informações do Instituto Nacional de Meteorologia (INAMET) indicam que, neste período, vai continuar a chover muito na região centro e sul do país.

### **1.16 As crises ambientais têm sempre a mão do homem**

*Jornal Angola*

*18 De Março de 2011*

O Ambiente define-se como a existência de condições para a vida: Este conceito resume a evolução do pensamento humano e reflecte a sua preocupação em relação à necessidade de protecção do meio que o envolve e que lhe dá os meios e os produtos para a sua subsistência. Em entrevista ao Jornal de Angola, o engenheiro Lucas Miranda, do Ministério do Ambiente, abordou algumas questões ligadas ao tema e às primeiras políticas de protecção da natureza que datam da Grécia Antiga, através da gestão e conservação dos solos ou através de um método que ficou conhecido

como Barbecho Bienal. A partir dos séculos XIV e XV começam a surgir as primeiras áreas protegidas, onde as monarquias se divertiam organizando caçada

Jornal de Angola Como vê as actuais políticas ambientais?

Lucas Miranda – As actuais políticas ambientais são as sucessoras das políticas de conservação da natureza. No início, elas obedeciam aos interesses de recreação de determinadas classes sociais, como a nobreza, os detentores do -poder político e económico, ou de subsistência, manutenção da biodiversidade pelas comunidades indígenas. No passado, a nível de colónias, Portugal desenvolveu acções que conduziram ao surgimento de uma rede de áreas protegidas constituídas por reservas e coutadas de caça e reservas florestais. Posteriormente, muitas dessas reservas evoluíram para parques nacionais e regionais, reservas naturais integrais, reservas parciais e coutadas de caça. A nível do sector florestal muitas das reservas, apesar de manterem o estatuto legal, deverão ser alvo de um processo de reavaliação. Poderemos fazer uma referência especial à Floresta da Ilha de Luanda, cujo objectivo da sua criação foi o de proteger a Ilha da erosão das águas do mar. A nível das comunidades foi realizado um grande trabalho para a conservação da biodiversidade agrícola. Esta acção levou ao reconhecimento dos direitos das comunidades indígenas e locais, através da Convenção sobre a Biodiversidade, da qual Angola faz parte.

JA- Na primeira Conferência de Estocolmo foram abordadas questões de fundo relacionadas com o ambiente?

LM – O que posso adiantar é que ficou patente que as preocupações sobre a necessidade de conservação do meio são tão antigas quanto as formas de organização das sociedades. O desenvolvimento científico e tecnológico, a partir da Revolução Industrial, com a entrada em jogo da máquina a vapor, fez com que houvesse um aumento da oferta e da procura de bens e serviços. A socialização da produção, a descoberta da penicilina, por exemplo, a melhoria dos rendimentos das famílias, fez aumentar a pressão sobre o consumo de combustíveis. No final da 1ª Guerra Mundial, a aplicação do Plano Marshall para a reconstrução da Europa, para além da procura de mão-de-obra, teve impacto no aumento do consumo de combustíveis fósseis. Os registos apontam a década de cinquenta do século passado como o ponto de viragem da capacidade de suporte do sistema climático mundial às variações das concentrações de Gases de Efeito de Estufa

(GEE). Estas alterações climáticas começaram a ter impacto nas condições do ambiente humano. É com base nestes pressupostos que um grupo de cientistas, com o apoio de algumas lideranças política, foi à Conferência de Estocolmo sobre o Ambiente Humano, de 5 a 16 de Junho de 1972.

JA – Como avalia os resultados da Conferência?

LM – Nesta conferência decidiu-se criar a Comissão Brundtland, foi publicada a obra intitulada "O nosso futuro comum", foi igualmente institucionalizado, a nível das Nações Unidas, o Programa das Nações Unidas para o Ambiente - UNEP/PNUD.

Portugal, como potência colonizadora, não ficou alheio a todo esse processo. Na sua acção governativa fez publicar, através do Ministério do Ultramar, decretos e portarias • que eram encaminhadas para regular a utilização do bem comum. Nesta esteira são dignas de realce as portarias que criam os actuais parques nacionais, parques regionais, reservas integrais e parciais. No capítulo de desenvolvimento dos recursos humanos e com o apoio de instituições sul-africanas, implementou os seguintes planos: cursos de conservação da natureza (básico); abertura do curso de veterinária nos estudos gerais (universitários); estabelecimento da Faculdade de Ciências Agrárias no Huambo, onde existia um curso de Engenharia em Silvicultura. A nível institucional foi criada a Direcção de Agricultura e Florestas (DAF), de onde surgiram os Serviços de Veterinária. O quadro evolutivo que apresento até agora acompanha Angola até à independência nacional.

JA – E desde que o país é independente?

LM – Apesar da situação político militar não ser nada agradável, um grupo de técnicos que vieram da antiga DAF e adstritos aos Serviços de Veterinária organizaram a primeira Conferência Nacional de Conservação da Natureza, que teve lugar de 27 a 31 de Janeiro de 1978, ano dedicado à agricultura. O acto de encerramento foi honrado com o discurso do primeiro Presidente de Angola, Dr. António Agostinho Neto. Esse acto definiu quais seriam as políticas de conservação posteriormente as políticas ambientais da República de Angola.

JA – Depois de Estocolmo realizou-se, em 1992, mais uma Cimeira Mundial sobre o Planeta Terra no Rio de Janeiro (Brasil). Qual foi o objectivo do evento?

LM – O objectivo foi abordar o ambiente global. Embora 20 anos depois de Estocolmo, a Cimeira do Rio foi organizada para aprofundar matéria. Nesse evento, Angola fez-se representar ao mais alto nível: esteve

presente o Presidente José Eduardo dos Santos. Nesse evento foram adoptados três instrumentos que regula as relações mundiais em matéria de ambiente, nomeadamente, Convenção sobre a Biodiversidade, Convenção sobre a Seca e Convenção sobre a Desertificação. Até essa altura, Angola não possuía qualquer instituição que se ocupasse das questões ambientais. Eram assumidas, na altura, pelo vice-ministro da Agricultura para os Recursos Florestais, através de uma pequena secção que existia no Instituto de Desenvolvimento Florestal (ID F), que é a sucessora da Direcção Nacional de Conservação da Natureza (DNACON). Em Abril de 1997 no Governo de Unidade e Reconciliação Nacional (GURN) foi estabelecida a primeira instituição formal para lidar com o ambiente.

JA - Pode identificar as causas das alterações climáticas?

LM – Para além das razões já conhecidas a nível mundial, existem também grandes evidências de que aumento da população está a mudar o clima, com as acções que criam emissões de gases de efeito de estufa, tais como o dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>) e metano (CH<sub>4</sub>). O clima mundial varia de forma natural como resultado de mudanças na órbita da terra; mudanças na energia que recebe do sol. Entretanto, existem agora fortes evidências e em geral todos os acordos universais dizem que não é possível explicar as alterações climáticas apenas por causas naturais. As alterações climáticas ocorridas nos anos recentes e as previsões feitas nos anos 80, levam-nos a pensar serem principalmente o resultado do comportamento humano. O Painel Intergovernamental sobre Alterações Climáticas (IPCC) é um órgão científico estabelecido pelas Nações Unidas para acompanhar as alterações do clima. Este órgão afirma que as actividades humanas são a principal causa das alterações observadas no clima.

J A – A desflorestação também contribui para as alterações climáticas, não é verdade?

LM – O abate de florestas é mais rápido do que a sua reposição. A desflorestação é o maior contribuinte para as alterações climáticas. Ela causa 5,9 mil milhões de toneladas de dióxido de carbono por ano que são libertados para a atmosfera. Isto constitui-se em 20 por cento das emissões mundiais de CO<sub>2</sub> - mais do que as emissões conjuntas produzidas pelo sector dos transportes. A desflorestação toma-se assim num grande contributo para as emissões, porque as árvores absorvem CO<sub>2</sub> no seu crescimento. Quanto mais árvores forem abatidas menos serão as que ficam para absorver o dióxido de

carbono. Adicionalmente, agricultura e a indústria que substituem às florestas causam sempre um problema extra através da produção das suas próprias emissões de gases de efeito estufa.

## **1.17 Chuvas obrigam Ministério do Ambiente a precaver-se**

*Semanário Angolense*

*19 De Março de 2011*

O Ministério do Ambiente vai propor um plano de gestão das bacias hidrográficas das províncias do Kuando Kubango, Moxico, Cunene, Huíla, Benguela e o Namibe, para que se saiba o comportamento dos rios da região sul do país quando recebem muita água, visto que se transformam em grandes máquinas de destruição de vidas humanas e meios materiais.

Aquele ministério prevê, ainda este ano, realizar um plano de gestão das bacias hidrográficas daqueles rios soube o *Semanário Angolense* de fonte ligada ao sector. Em relação ao ambiente a situação é crítica, visto que no troço rodoviário que liga as províncias do Namibe e Lubango, se as chuvas continuarem para além das dificuldades que já se fazem sentir, como aluimento de terras de enormes blocos de pedra, a estrada poderá ser cortada.

Durante o semestre em curso uma equipa de especialistas fará uma auditoria à província do Namibe para que se tenha uma noção dos elementos essenciais do ponto de vista ambiental, de forma a serem tomados em conta aquando da eventual destruição de infra-estruturas sociais áreas agrícolas e desalojamento das populações.

De acordo com a fonte, houve na província um certo desajuste no que respeita ao desassoreamento dos grandes vales que a região ostenta e como resultado, as fortes correntes de água das chuvas vindas da província da Huíla e outros locais estão a causar vários danos humanos e materiais.

Estão a ocorrer fortes impactos, tanto materiais como humanos e, em consequência a ponte do rio Giraul de cima foi completamente destruída, prevendo-se para a sua restauração e para evitar transbordos um enorme esforço no desassoreamento dos caudais, por causa da acumulação de resíduos.

Uma delegação do Ministério do Ambiente chefiada pelo director nacional do Ambiente Camilo Ceitas visitou a região com o objectivo de se inteirar e fazer

uma avaliação dos estragos sobretudo das famílias que foram afectadas directa ou indirectamente. tiveram vítimas mortais e perderam bens e animais.

Construções mais sustentáveis com o EIA

Por seu lado o director nacional de Gestão Ambiental, Vladimir Russo disse esta semana em Luanda, que o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) permite tornar a construção de infra-estruturas ambientalmente sustentáveis além de fornecer sugestões para a utilização de materiais ecologicamente saudáveis.

De acordo com o ambientalista avaliação dos estudos de impacto ambiental é feita com base em várias metodologias e critérios aprovados a nível nacional ou internacional. Para o caso de Angola são analisados os potenciais impactos do ponto de vista da previsão da magnitude e interpretação da importância desses impactos. Geralmente este estudo é efectuado através da discriminação dos impactos positivos e negativos directos e indirectos imediatos e a médio e longo prazos temporários e permanentes. É feita a análise do grau de reversibilidade de cada uma das acções as suas propriedades cumulativas e sinérgicas e a distribuição dos ónus e benefícios sociais.

"O EIA propõe acções e processos de gestão ambiental que podem incluir mecanismos de gestão de resíduos sólidos e efluentes líquidos instalação de estações de tratamento de águas residuais e minimização dos impactos ambientais" explicou o especialista realçando que "o estudo pode igualmente sugerir e recomendar boas práticas relacionadas com o reaproveitamento da água utilização de energia solar gestão do uso de combustíveis e gestão ambiental da obra".

Vladimir Russo defende que o local de inserção do projecto é relevante "devendo-se evitar, sempre que possível, áreas ecologicamente sensíveis, perda irreversível da biodiversidade, sobre exploração dos recursos naturais e degradação da qualidade de vida das pessoas, já que as obras devem ser feitas para proporcionar ambiente saudável às populações".

Um EIA é uma análise dos potenciais impactos de uma construção do ponto de vista ambiental tanto negativos como positivos, com vista a minimizar os danos negativos e maximizar os positivos.

É também uma ferramenta para promover as boas práticas e sustentabilidade ambiental de projectos e cumprimento da legislação ambiental, contribuindo para os princípios do desenvolvimento sustentável.

Evitar uma factura muito cara

A necessidade da protecção e preservação do meio ambiente, bem como o asseguramento e equilíbrio que deve existir entre a economia e a ecologia e a implementação da "economia verde", faz com que o Ministério do Ambiente procure atrair empresários estrangeiros, entre outros, para que, em parceria com os angolanos, possam investir no ramo de tecnologias limpas nos vários sectores da economia.

Para tal, o vice-ministro, Syanga Abílio, realizou em Lisboa, Portugal encontros e conferências para a promoção da 1ª Feira Internacional do Ambiente, Equipamentos, Serviços e Tecnologias Limpas, que se realizará em Luanda, de 26 a 29 de Março, numa promoção do Ministério do Ambiente e parceiros. A organização do evento continua a receber a confirmação de participação de diversos expositores nacionais e internacionais.

Angola é signatária da Convenção das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas e do Protocolo de Kyoto e deve introduzir as tecnologias limpas para reduzir a pressão sobre os recursos naturais e melhorar a qualidade de vida das pessoas, favorecendo o crescimento económico, pelo que as tecnologias limpas, que serão exibidas na feira internacional, em Luanda, enquadram-se na estratégia do sector em relação à educação e consciencialização ambiental.

Assim sendo, urge a educar as pessoas no sentido de cultivarem valores, comportamentos, hábitos e competências para proteger e preservar o ambiente, da mesma forma como é importante educar os vários sectores da economia do país, principalmente os que transformam os recursos, sobre a necessidade da promoção do uso das tecnologias limpas, não apenas na produção dos bens, mas também na venda de serviços. Como experiência piloto, as tecnologias limpas serão implementadas nos sectores do urbanismo e construção, indústria, energia, transportes, agricultura e floresta.

Para evitar pagar, no futuro, uma factura ambiental muito cara, o Ministério do Ambiente empenha-se em apoiar o desenvolvimento económico do país, com o acompanhamento das tecnologias modernas para garantir o desenvolvimento sustentável.

Ainda no quadro da realização da Feira Internacional em Luanda, o MA está a promover o evento com a realização de encontros e campanhas, para dinamização do mercado nacional.

Portugal, Brasil, Espanha, Inglaterra, entre outros, são alguns dos países cujos expositores já confirmaram a sua presença, faltando ainda a China, que também poderá apresentar a sua experiência neste ramo de "tecnologias amigas do ambiente".

O certame será realizado em parceria com a FI L, contando reunir mais de 100 expositores, alguns dos quais querem investir no ramo de tecnologias limpas em Angola, indo permitir atrair um maior número de investidores, assim como a partilha de experiências.

A introdução de novos produtos, serviços e tecnologias ambientais será um estímulo à economia, através da criação de novas empresas, postos de trabalho, associando assim a melhoria ambiental à qualidade de vida das populações e contribuindo para o crescimento sustentável de Angola.

A crescente preocupação com ambiente e a necessidade de lhe dar resposta fomentou extraordinariamente a busca por essas tecnologias.

### **1.18 Município da Ingombota sem cólera**

*Jornal Angola*

*19 De Março de 2011*

O município da Ingombota há dois anos que não regista casos de cólera, disse, na quinta-feira, à Angop, a sua administradora.

Susana de Melo afirmou que a contenção da doença é fruto das sucessivas campanhas sobre o tratamento do lixo, da água para beber e dos alimentos.

Além disso, referiu, contribuem para a ausência de casos da doença, a distribuição de cloro e de água potável por cisternas.

A administração municipal, acrescentou, tem camiões cisternas, cada uma com capacidade para 22 mil litros, que distribuem nas áreas suburbanas; onde não há água canalizada, como são os casos dos bairros da Boavista, Quilombo e Chicala.

Os cuidados básicos para a não contaminação da água são transmitidos pelas autoridades sanitárias e pelas igrejas nas missas e nas escolas.

Os activistas que participam na campanha contra a cólera distribuem cloro e lixívia aos proprietários de reservatórios de água.

No município, em 2007, foram registados 311 casos da doença contra 37 mil, em 2006. Quanto à malária, a administradora revelou que estão a ser distribuídos, às grávidas e a crianças até aos 5 anos, mosquiteiros tratados com insecticida.

No município, referiu, estão a ser feitos melhoramentos nos sistemas de abastecimento da

rede domiciliária de água potável e da iluminação pública, em colaboração com a EPAL e a EDEL.

O aumento do número de fontanários em áreas suburbanas, a reabilitação da rede de esgotos, para evitar a poluição dos recursos hídricos no litoral, a continuação da instalação de latrinas públicas em várias artérias e a limpeza de sarjetas, dos esgotos e das valas de drenagem são também projectos em execução.

### **1.19 Serviços de protecção civil com dificuldades para evacuar população do cuito cuanavale**

*Jornal de Angola*

*21 De Março de 2011*

Os Serviços de Protecção Civil e Bombeiros do Kuando-Kubango alegaram, na sexta-feira, falta de meios para retirar cerca de 3.500 pessoas da sede municipal do Cuito Cuanavale, que têm casas na iminência de desabar devido à progressão das ravinas.

Uma comissão técnica daquele órgão do Ministério do Interior, que trabalhou durante dois dias na localidade, verificou que há 700 casas de construção precária prestes a desabar.

Um relatório da comissão refere que os bairros Tchissanda, Benzengue, Militar, Caioco, Lumeta, Lupiri, Baixo Longa e Nduma Mukuve "apresentam um alto risco de serem engolidos pelas ravinas", tornando-se urgente a tomada de medidas para se evitar um desastre natural.

Caso não sejam tomadas medidas preventivas, salienta o documento, as ravinas podem destruir importantes infra-estruturas, como o monumento dos Heróis da Batalha do Cuito Cuanavale, o palácio da administração e o centro médico.

Uma escola de quatro salas, a central térmica, a antena de uma operadora de telefonia móvel, o comando da Polícia Nacional (PN) e dos serviços prisionais, as instalações do comité municipal do MPLA e as casas dos comandantes das Forças Armadas Angolanas e da PN e as dos médicos também estão na iminência de serem atingidos pelas ravinas.

A Comissão de Protecção Civil e Bombeiros, em consequência das chuvas fortes que têm caído, decidiu proibir a circulação de viaturas na ponte sobre o rio Cuito – que tem fissuras nas vigas de sustentação em direcção aos municípios de Mavinga e de Rivungo a proibição mantém-se até a ponte ser inspeccionada pelo Instituto Nacional de Estradas de Angola (INEA), no Cuito Cuanavale, as chuvas já desalojaram 60 famílias.

## Mobilização de meios

O comando dos Serviços de Protecção Civil e Bombeiros propôs ao governo provincial que disponibilize viaturas, chapas de zinco, pregos, cimento, kits de cozinha, alimentação, tendas, imputes agrícolas e medicamentos e que prepare um lote de terreno para o realojamento das pessoas a retirar das zonas de risco.

O relatório da comissão técnica sugere que a contratação, pelo Executivo, de uma empresa especializada na contenção de ravinas é a medida mais acertada para resolver o problema porque, lembra, a sede municipal do Cuito Cuanavale foi construída sobre um terreno arenoso.

Este facto, sublinha o documento, faz com que seja necessário criar valas de drenagem com paredes de betão armado para levar as águas das chuvas para os rios Cuito e Intiengo, operação que envolve avultadas somas.

## **1.20 Combate à Pobreza é uma prioridade de Muteka**

*Jornal de Angola*

*2 de Janeiro de 2010*

O governador do Huambo, Faustino Muteka, apontou como prioridades do governo, para o ano 2010, o combate à fome e à pobreza e a harmonização das forças vivas, para prestarem melhor serviço no processo de reconstrução e desenvolvimento da província.

O governador, que falava quarta-feira aos membros do governo da província na cerimónia de cumprimentos de fim de ano, pediu a colaboração de todos e em especial dos técnicos e estudantes da Universidade José Eduardo dos Santos na elaboração de projectos que possam acelerar o desenvolvimento da província.

"Para 2010 esperamos fazer a retoma do crescimento e desenvolvimento económico e social da província do Huambo, começando por criar harmonia e unidade de todas as forças vivas da província e incentivarmos as equipas técnicas da Universidade José Eduardo dos Santos, nomeadamente as faculdades de Agronomia, Veterinária e Economia para apoiarem projectos de desenvolvimento rural e de combate à fome e à pobreza," realçou o Governador.

Faustino Muteka prometeu também estimular o melhor desempenho de todas as instituições e direcções da província para darem respostas céleres

às preocupações das populações e requerimentos dos cidadãos, evitando burocracia na decisão dos processos.

O governador destacou como estruturas de apoio para o programa de combate à fome e à pobreza na província, a criação de bancos de sementes comunitários, regulação e actividade em apoio às comunidades para que haja stocks de sementes de batata, milho e feijão e soja e mudas de plantas cafeícolas e de florestação.

No próximo ano, vão ser criadas condições para a fixação de investigadores dos Institutos de Investigação Agrária e Veterinária na província em parceria com o Ministério da Agricultura

De acordo com o governador, 78 por cento da população do Huambo dos mais de dois milhões, correspondente a mais de 300 mil famílias, dedica-se à agricultura, por isso é necessário apoiá-los, para que se possam cumprir os objectivos do Governo.

O governador Faustino Muteka vai apoiar este ano todos os empresários que apresentarem projectos concretos, para a reabilitação de indústrias, fábricas, hotéis, escolas hospitalares, e mini-hídricas e contribuir para o desenvolvimento da província.

## **1.21 A assistência social**

*Jornal de Angola*

*8 de Janeiro de 2010*

Não é novidade para ninguém que no país existem muitos milhares de pessoas carentes, em consequência sobretudo do longo conflito armado que assolou o nosso país.

A guerra gerou situações que levaram muitas famílias a viver em condições sociais precárias, tendo o Estado, através de organismos competentes, criado programas destinados a ajudar muitos angolanos que em diferentes regiões do país enfrentavam dificuldades de várias ordens.

A criação de um Ministério de Assistência e Reinserção Social visou atenuar problemas sociais no pós-guerra, para que, particularmente, muitas famílias sem quaisquer rendimentos pudessem ser protegidas e ter um mínimo de condições para viver.

O esforço de reconstrução nacional tem passado também pela aplicação de uma política de solidariedade, que leve conforto a muitos milhares de angolanos e que crie

Condições para que várias famílias tenham fontes de rendimento para poderem ter lares estáveis e resolver os seus múltiplos problemas.

A estabilidade da família é um dos grandes objectivos do Estado, que tem criado os mecanismos necessários para que os seus membros vivam num ambiente que proporcione o seu desenvolvimento integral.

Especial atenção tem sido dada pelo Estado angolano às crianças que, nos termos da Constituição, "constituem absoluta prioridade". A nossa Lei Fundamental dispõe

claramente que "o Estado deve promover o desenvolvimento harmonioso da personalidade das crianças (...) e a criação de condições para a sua integração e participação na vida activa da sociedade".

A assistência social, sendo uma importante vertente de solidariedade e apoio para com os que mais precisam de ajuda, deve continuar a ser uma das prioridades do Governo, que está consciente de que terá ainda por algum tempo de atender a muitas preocupações de angolanos que, por diversas razões, não podem por enquanto resolver por si sós muitos problemas que os afectam.

Mas a par da assistência social que o Estado vai concedendo a pessoas carentes, as autoridades têm criado condições que permitem a criação de empregos, a fim de que muitas pessoas possam ter uma fonte de rendimento para satisfazer as suas necessidades.

As autoridades criaram mecanismos que permitem que muitas centenas de jovens tenham acesso a crédito bancário para a criação de pequenos negócios, em condições que não são muito onerosas para os beneficiários dos empréstimos.

Trata-se de uma medida correcta, esta de incentivar as pessoas a produzir com financiamentos de bancos comerciais para arranque de projectos. A economia não vive SÓ de grandes empresas, mas também de pequenas empresas que, além de gerarem emprego, fazem multiplicar a produção de bens e serviços.

Acreditamos que os que têm recebido créditos bancários para realizarem negócios saberão utilizá-los da melhor maneira, até porque estarão naturalmente interessados em tomar cada vez mais rentáveis os seus negócios para poderem ter uma fonte permanente de receitas, que permitam sustentar as suas famílias, combatendo-se a pobreza. Que os bancos comerciais continuem a estar disponível para emprestar dinheiro, sobretudo àquelas pessoas que realmente dele necessitam e tenham capacidade para empreender negócios rentáveis, a fim de que haja cada vez mais pessoas empregadas, particularmente jovens e mulheres, o que vai resultar, por exemplo, em menos criminalidade no país.

## **1.22 Serviços de protecção civil com dificuldades para evacuar população do cuito cuanavale**

*Jornal de Angola*

*21 De Março de 2011*

Os Serviços de Protecção Civil e Bombeiros do Kuando-Kubango alegaram, na sexta-feira, falta de meios para retirar cerca de 3.500 pessoas da sede

municipal do Cuito Cuanavale, que têm casas na iminência de desabar devido à progressão das ravinas.

Uma comissão técnica daquele órgão do Ministério do Interior, que trabalhou durante dois dias na localidade, verificou que há 700 casas de construção precária prestes a desabar.

Um relatório da comissão refere que os bairros Tchissanda, Benzengue, Militar, Caioco, Lumeta, Lupiri, Baixo Longa e Nduma Mukuve "apresentam um alto risco de serem engolidos pelas ravinas", tornando-se urgente a tomada de medidas para se evitar um desastre natural.

Caso não sejam tomadas medidas preventivas, salienta o documento, as ravinas podem destruir importantes infra-estruturas, como o monumento dos Heróis da Batalha do Cuito Cuanavale, o palácio da administração e o centro médico.

Uma escola de quatro salas, a central térmica, a antena de uma operadora de telefonia móvel, o comando da Polícia Nacional (PN) e dos serviços prisionais, as instalações do comité municipal do MPLA e as casas dos comandantes das Forças Armadas Angolanas e da PN e as dos médicos também estão na iminência de serem atingidos pelas ravinas.

A Comissão de Protecção Civil e Bombeiros, em consequência das chuvas fortes que têm caído, decidiu proibir a circulação de viaturas na ponte sobre o rio Cuito – que tem fissuras nas vigas de sustentação em direcção aos municípios de Mavinga e de Rivungo a proibição mantém-se até a ponte ser inspeccionada pelo Instituto Nacional de Estradas de Angola (INEA), no Cuito Cuanavale, as chuvas já desalojaram 60 famílias.

### **Mobilização de meios**

O comando dos Serviços de Protecção Civil e Bombeiros propôs ao governo provincial que disponibilize viaturas, chapas de zinco, pregos, cimento, kits de cozinha, alimentação, tendas, imputes agrícolas e medicamentos e que prepare um lote de terreno para o realojamento das pessoas a retirar das zonas de risco.

O relatório da comissão técnica sugere que a contração, pelo Executivo, de uma empresa especializada na contenção de ravinas é a medida mais acertada para resolver o problema porque, lembra, a sede municipal do Cuito Cuanavale foi construída sob um terreno arenoso.

Este facto, sublinha o documento, faz com que seja necessário criar valas de drenagem com paredes de betão armado para levar as águas das chuvas para os

rios Cuito e Intiengo, operação que envolve avultadas somas.

A comissão defende também a criação, pelo Ministério da Assistência e Reinserção Social, de uma base logística, na sede municipal, que permita uma intervenção em tempo oportuno noutros desastres que possam surgir na zona leste da província. Além disso, propõe a elaboração de um plano de intervenção que possa acudir antes e depois de sinistros ou calamidades. As direcções provinciais das Obras Públicas e Urbanismo e do Instituto de Estradas de Angola enviaram para aquela região duas equipas técnicas para, com a ajuda de uma construtora cubana, tentarem minimizar o problema das ravinas. As equipas técnicas, refere a comissão, têm tido algumas dificuldades, em termos de combustíveis, pneus e lubrificantes para fazerem a manutenção dos equipamentos técnicos. Apesar da situação crítica, foi possível conter, de forma provisória, a ravina que dividiu a sede municipal em duas e outra que avançava perigosamente em direcção a uma escola, à casa dos médicos e da antena de uma operadora de telefonia móvel

### **1.23 Chuva inundou várias casas particulares**

*Jornal de Angola*

*26 De Março de 2011*

A Intensa chuva que caiu, na madrugada de segunda para terça-feira, na cidade de Ondjiva, causou avultados prejuízos materiais, com dezenas de casas submersas, mobílias a flutuar e muitas famílias sem abrigo.

Na manhã de terça-feira, em várias zonas do centro da cidade e nos bairros Pioneiro Zeca, Castilhos e Naipalala viam-se muitas pessoas a tentarem salvar haveres e outras a retirarem água do interior das casas, com baldes, latas, jarros, com tudo que tinham à mão.

Rogério Mavulino, morador da rua Simione Mucune, no centro da cidade, disse que já previa a situação e que, por isso, não pregou olho, desde o início da chuva. Por volta das 3h 00 viu impotente a água entrar em casa, de uma única divisão, onde vive com a mulher e três filhos. O quintal ficou praticamente inundado, embora a casa não tenha sido muito afectada.

Procura de casas para alugar

Muitas pessoas, com medo de outra chuvada com a mesma intensidade, abandonaram as casas e procuram arrendar outras em locais de maior segurança.

Mavulino, por falta de possibilidades financeiras, não pode fazer isso. Resta-lhe esperar que as chuvas cessem.

Até quinta-feira, não tinha sido apurado o número de famílias afectadas pela chuva. As cheias não se verificaram somente em casas particulares. Vários serviços públicos e privados também foram afectados.

As instalações da direcção provincial da Assistência e Reinserção Social, da empresa LEVON e da Escola Superior Politécnica, que teve de suspender as aulas, também sofreram os efeitos da chuva.

Os bairros Pioneiro Zeca, Castilhos, Bangula e Naipalala também ficaram inundados, mas, ontem, em parte das ruas já era possível a circulação de pessoas e de viaturas. A rua Simione Mucune ficou, igualmente inundada, afectando as instalações da administração municipal do Kwanhama, da TAAG, da biblioteca provincial, da Unitel, da escola do ensino primário 122 e varias casas particulares.

Devido às ruas inundadas, muitos funcionários públicos não foram trabalhar. Há também muitas fossas entupidas, provocando um cheiro nauseabundo. A cidade não tem um sistema de drenagem que permita o escoamento das águas, o que origina que fiquem estagnadas em quintais e nas vias públicas.

A sucção das águas, com o recurso a carros cisternas, sugerem algumas pessoas, resolvia parte do problema. A entrada da água da chuva em casas deve-se, também, aos entulhos nas ruas, resultantes das obras de reabilitação da cidade, que impedem a sua circulação.

Governo procura soluções

O vice-governador para sector técnico e infra-estruturas disse que a Comissão de Protecção Civil está a retirar as águas estagnadas nos quintais do bairro Pioneiro Zeca.

"Esperamos que, no quadro da realização do plano integrado das infra-estruturas da cidade de Ondjiva, a situação do tratamento da drenagem das águas, que caem dentro do perímetro dos diques de protecção, tenha solução imediata", afirmou Cristino Ndeitunga.

Esta é uma questão que requer um estudo integrado de todo o sistema de drenagem da cidade de Ondjiva, referiu, adiantando que se aguarda que o gabinete técnico comece a estruturar o lançamento do estudo para, nos próximos tempos, se resolver o problema de drenagem das águas de uma forma sustentável. A situação, lembrou, é também preocupante no município do Namacunde, onde há também casas inundadas.

O governo provincial, disse, está a fazer um levantamento para estudar medidas a tomar para minimizar situação.

## **1.24 Desarborização preocupa cidadãos**

*Semanário Factual*

*De 26 de Março a 2 de Abril de 2011*

As árvores trazem benefícios sócio-ambientais de grande importância. Essas são imprescindíveis no que toca ao abrandamento dos efeitos da elevação da temperatura, melhorando a qualidade do ar, bem como servem para ornamentar a cidade com o aumento de áreas verdes e flores.

Em Luanda, a inexistência de espaços verdes está a deixar preocupados os cidadãos que procuram por um momento de lazer ou um local onde possam respirar melhor.

Falta de árvores traz problemas de fórum ambiental

A desarborização da capital do País, principalmente na zona urbana, poderá influenciar muito para o surgimento de problemas do fórum ambiental, piorar a poluição atmosférica causada pelo excesso de resíduos (sólidos, líquidos ou gasosos) capazes de colocar em risco a biosfera.

A estes males, acrescentam-se os transportes e as instalações industriais que produzem o monóxido de carbono e o dióxido de carbono que causam distúrbios respiratórios.

O aumento da temperatura no centro urbano, devido à concentração exagerada de cimento e asfalto, que cobrem o solo e reflectindo o calor solar, são factores que já se sentem em Luanda.

A desarborização pode, igualmente, causar a destruição da camada de Ozono, gás instável que se encontra distribuído, principalmente na estratosfera, e que impede a penetração dos raios ultravioletas nocivos à vida.

O seu desaparecimento ou diminuição pode vir a provocar câncer de pele.

Luanda já vive o efeito estufa

O efeito estufa é uma das situações que já se vivenciam na província de Luanda, devido à dispersão de gás carbónico na atmosfera, pela sua emissão por parte dos automóveis e queimadas, que retêm as radiações infravermelhas na camada atmosférica.

O Factual, no seu périplo realizado na cidade de Luanda, constatou situações desagradáveis para o ambiente, como o desaparecimento gradual da Zona

Verde, no município da Maianga, o desaparecimento do espaço verde na

zona do eixo-viário, na Ingombota, o abate gradual da floresta da ilha do Cabo e o sumiço total dos eucaliptos na zona do Rangel, situação que causou a inundação em vários pontos do município.

Na Maianga, o Factual falou com o morador Xavier Francisco, que é alguém que já teve o prazer de desfrutar a beleza e os benefícios da então Zona Verde que hoje se reduziu num espaço de lixo. "Naquela época, nós caminhávamos, aí os meninos aproveitavam para brincar, Hoje, o espaço está abandonado e a ser invadido por construções. Além disso, entristece-me muito saber que temos um Ministério do Ambiente que não vele por este local, visto muitos políticos governantes terem passado por aqui e terem tido momento excepcional", recordou Xavier Francisco, magoado.

Ambiente carece de esforços conjuntos

Xavier Francisco alerta as associações ambientais, bem como outras entidades afectas ao ambiente, para que unam esforços em conjunto com os moradores, no sentido de se reestruturar o espaço.

Uma das situações que chamaram a atenção do semanário tem a ver com o que aconteceu no município do Rangel, devido ao abate das árvores (eucaliptos) que faziam a sucção das águas dos lençóis freáticos. Esse facto fez que a zona ficasse sempre inundada.

Outro morador do Rangel, João António, informou ao Factual que "esta zona, aquando da existência dos eucaliptos, era um lugar bom para se viver. Só depois do crescimento não urbanizado e do abate total das árvores, começámos a ter fortes problemas até chegar ao ponto de abandonar a casa".

Para os ambientalistas, a situação de Luanda é crítica, devido ao desaparecimento gradual da cintura verde em grande parte da cidade, bem como o aumento de edifícios que dificultam muito a circulação do ar. Para tal, o jovem Santos Mateus afirma ser necessário desenvolver-se projectos para a arborização da capital, de forma a evitar-se situações ambientais não propícias para o homem.

## **1.25 Floresta da ilha ameaçada pelos carros e marginais**

*Jornal de Angola*

*30 De Março de 2011*

A Floresta da Ilha já foi um dos mais pitorescos locais de Luanda, procurado por milhares de pessoas, sobretudo aos fins-de-semana, para mergulharem nas águas tranquilas da baía e fazerem piqueniques à sombra das casuarinas.

Os carros só podiam entrar no perímetro da Floresta com uma autorização especial, passada pelos Serviços de Agricultura. Para as pessoas, a entrada era livre. Mas havia guardas em permanente vigi-lância. Era proibido fazer fogueiras, colocar lixo no chão ou cortar ramos das árvores. Quem não cum-pria era expulso pelos vigilantes.

A Floresta tem um papel importante na Ilha de Luanda: impede que os ventos dominantes levem para a contra costa toneladas de areia que se depositam na estrada. Por isso, eram plantadas novas árvores todos os anos, para que a cortina vegetal fizesse as suas funções de protecção da estrada que atravessa toda a ilha.

Após a independência, a Floresta da Ilha foi abandonada à sua sorte. A falta de combustíveis levou ao abate indiscriminado das casuarinas. A Floresta foi desaparecendo aos poucos. Depois da destruição das árvores, o espaço foi invadido por marginais que acabaram de vez com aquele espaço aprazível. A situação era tão grave que ninguém se atrevia a entrar na Floresta. Os marginais eram donos e senhores do território.

Aurora Sapalo é guarda da Floresta da Ilha. Antes deste trabalho, ela fazia todo o tipo de "biscates" para sobreviver. Mas há 20 anos arranjou este emprego e hoje é a única vigilante. Foi ela que nas horas vagas plantou novas árvores e construiu a sua casa. Fez viveiros e todos os meses fazem mudanças: "quando entrei aqui, há 20 anos, isto estava cheio de marginais. Foi uma luta terrível, pensei muitas vezes abandonar a Floresta mas era o meu único meio de vida e aguentei. Hoje aqui não há marginais, mas eles estão sempre a tentar ocupar o seu espaço".

A Floresta foi reabilitada. Há espaços para os visitantes e os marginais foram para outras paragens: "tenho ligação directa com a Polícia Nacional e quando aparecem marginais por aqui, os agentes ac-tuam imediatamente e a situação fica resolvida".

Aurora sapalo tem um problema: "ainda há aqui cabanas que ficaram do tempo dos marginais. E como a Floresta está aberta aos carros, as pessoas entram por aqui dentro, fazem as necessidades por aí, quando estão bêbados batem com os carros nas árvores e algumas são derrubadas. Quando tento impedir esses desmandos as pessoas nos seus grandes carros dizem que o espaço é do Estado e eu não tenho nada que me meter".

A Floresta no início foi assaltada por marginais. Hoje é invadida pelos engratados dos "Prado". E

esses pensam que o património do Estado é para destruir.

"Graças a Deus a polícia vem sempre que chamo. Caso contrário, estávamos mal. Os senhores dos carros destroem isto tudo. Até os viveiros são vandalizados", disse Aurora Sapalo.

A Floresta é um espaço de todos, mas todos têm a obrigação de respeitar aquilo que é público: "é preciso colocar de novo barreiras aqui na Floresta e impedir a entrada de carros. O Estado tem que me ajudar e criar melhores condições. A Floresta deve ser cercada e temos de colocar um portão à entrada. Caso contrário um dia este espaço volta a ser ninho de marginais e território dos abusadores", pediu a vigilante Aurora Sapalo.

Hélder Lucas e Yuri Rebelo são músicos e frequentam a Floresta. A nossa reportagem encontrou-os a plantar árvores numa área descampada. Os dois jovens fazem parte de um grupo de ecologistas que lançou uma campanha que já dura há cinco anos: "vimos todos os anos à Floresta plantar árvores nos locais mais despidos de vegetação.

Há dezenas de jovens a fazer este trabalho", disse Hélder Lucas.

#### Sessões de esclarecimento

A campanha dos ecologistas, para além da plantação de árvores, também inclui sessões de esclarecimento junto da população da Ilha de Luanda e dos visitantes da Floresta. Se não cuidarmos do Ambiente, os luandenses do futuro vão encontrar aqui apenas areal. Temos a obrigação de conservar este espaço para as gerações vindouras", disse à nossa reportagem Yuri Rebelo.

"A minha mãe ensinou-me que todos os seres humanos têm de plantar uma árvore todos os anos. Porque da vegetação depende a nossa vida e a qualidade do ar que respiramos", disse Hélder Lucas.

#### Planeta em perigo

O planeta está em perigo e as novas gerações estão preocupadas com o aquecimento global. Por isso, disse Yuri Rebelo, os ecologistas fizeram da Ilha um dos seus mais importantes projectos de luta pela preservação do ambiente: "sempre que podemos vimos à Floresta com mais jovens, para fazermos piqueniques e conviver. Nesses momentos passamos a mensagem da protecção ambiental às pessoas que frequentam a Floresta. E costumamos dizer que o nosso planeta está em perigo porque o Homem não respeita a natureza".

O Executivo está empenhado na protecção do Ambiente, mas Hélder Lucas acha que "ainda temos muito trabalho pela frente". Considera que o exemplo da Floresta é gritante: "devia ser vedada a entrada de carros neste espaço maravilhoso. Aqui só deve haver espaço para as árvores e para as pessoas. E uma área tão grande não pode ficar sob a vigilância de uma só pessoa, por muita dedicação que demonstre", disse ainda.

A Floresta da Ilha já esteve pior mas também já esteve muito melhor e, mais bem guardada do que hoje. E preciso vedar toda a área e impedir a entrada de carros que não estejam em serviço. Entre a estrada e as praias da Baía há um espaço muito curto que se faz bem a pé.

Deixar entrar carros numa Floresta é permitir que árvores sejam derrubadas e vegetação pisada. Temos de fazer da Floresta um espaço de lazer, mas sem carros.

#### Dia Mundial da Floresta

O Dia Mundial da Árvore ou Dia Mundial da Floresta festeja-se a 21 de Março. A comemoração oficial do Dia da Árvore teve lugar pela primeira vez no estado norte-americano do Nebraska, em 1872.

Um dos objectivos que levou a ONU a declarar 2011 como o Ano Internacional da Floresta é a necessidade da consciencialização da sociedade sobre a importância das florestas e da sua gestão sustentável.

A ideia é promover, durante os 12 meses do ano, acções que incentivem a conservação e a gestão sustentável de todo o tipo de floresta, mostrando a todos que a exploração das matas sem um manejo sustentável pode causar uma série de prejuízos para o planeta.

Segundo dados do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), as florestas cobrem 31 por cento de toda a área terrestre do planeta do planeta e têm responsabilidade directa na garantia da sobrevivência de 1,6 mil milhões de pessoas e de 80 por cento da biodiversidade da terra.

O ministério do ambiente lança a 22 de Maio, dia mundial da biodiversidade, um projecto denominado "adopte uma árvore".

## 1.26 Estragos causados pelas inundações são avaliados pelo governo provincial

*Jornal de Angola*

*30 De Março de 2011*

O governador provincial do Cunene deslocou-se, na segunda-feira, à povoação de Onangwe, município do Cuanhama, atingida pelas cheias, para se inteirar das principais dificuldades da população.

António Didalelwa, que efectua, desde a semana passada, uma série de visitas às áreas afectadas pelas inundações, disse que o Governo Provincial está seriamente preocupado com a situação e procura soluções imediatas.

Na povoação de Onangwe, onde é somente possível chegar por via aérea, foi informado sobre o funcionamento dos sectores da saúde, educação e energia e águas.

António Didalelwa mostrou-se preocupado com o atraso no início das aulas na única escola da povoação, por falta de professores, o que coloca centenas de crianças fora do sistema de ensino.

"Ainda não sabemos qual é o problema da ausência dos professores, embora haja águas que impossibilitam a circulação e que possivelmente estão na base do não funcionamento da escola", afirmou, prometendo: "Vamos tratar da situação com a direcção da Educação para ver o que se pode fazer para resolver a situação".

António Didalelwa, depois de fazer a entrega de medicamentos no posto de saúde, referiu que "há a necessidade de se abastecer as unidades sanitárias com medicamentos, visto que, nesta altura de inundações, as doenças são mais frequentes, principalmente a malária e as diarreias agudas".

O governador garantiu que a distribuição de medicamentos vai continuar, para os centros e postos de saúde estarem em condições de atender a população.

António Didalelwa esteve, no domingo, nas povoações de Omufitu Nene, Omulola e Otcitumba para auscultar a população e avaliar os estragos causados pelas cheias. Nas referidas localidades, o governador garantiu que dentro de dias a população vai ser apoiada com bens de primeira necessidade.

## 1.27 Desarborização preocupa cidadãos

*Semanário Factual*

*De 26 de Março a 2 de Abril de 2011*

As árvores trazem benefícios sócio-ambientais de grande importância. Essas são imprescindíveis no que toca ao abrandamento dos efeitos da elevação da temperatura, melhorando a qualidade do ar, bem como servem para ornamentar a cidade com o aumento de áreas verdes e flores.

Em Luanda, a inexistência de espaços verdes está a deixar preocupados os cidadãos que procuram por um momento de lazer ou um local onde possam respirar melhor.

Falta de árvores traz problemas de fórum ambiental

A desarborização da capital do País, principalmente na zona urbana, poderá influenciar muito para o surgimento de problemas do fórum ambiental, piorar a poluição atmosférica causada pelo excesso de resíduos (sólidos, líquidos ou gasosos) capazes de colocar em risco a biosfera.

A estes males, acrescentam-se os transportes e as instalações industriais que produzem o monóxido de carbono e o dióxido de carbono que causam distúrbios respiratórios.

O aumento da temperatura no centro urbano, devido à concentração exagerada de cimento e asfalto, que cobrem o solo e reflectindo o calor solar, são factores que já se sentem em Luanda.

A desarborização pode, igualmente, causar a destruição da camada de Ozono, gás instável que se encontra distribuído, principalmente na estratosfera, e que impede a penetração dos raios ultravioletas nocivos à vida.

O seu desaparecimento ou diminuição pode vir a provocar câncer de pele.

Luanda já vive o efeito estufa

O efeito estufa é uma das situações que já se vivenciam na província de Luanda, devido à dispersão de gás carbónico na atmosfera, pela sua emissão por parte dos automóveis e queimadas, que retêm as radiações infravermelhas na camada atmosférica.

O Factual, no seu périplo realizado na cidade de Luanda, constatou situações desagradáveis para o ambiente, como o desaparecimento gradual da Zona Verde, no município da Maianga, o desaparecimento do espaço verde na

zona do eixo-viário, na Ingombota, o abate gradual da floresta da ilha do Cabo e o sumiço total dos eucaliptos na zona do Rangel, situação que causou a inundação em vários pontos do município.

Na Maianga, o Factual falou com o morador Xavier Francisco, que é alguém que já teve o prazer de desfrutar a beleza e os benefícios da então Zona Verde que hoje se reduziu num espaço de lixo. "Naquela época, nós caminhávamos, aí os meninos

aproveitavam para brincar, Hoje, o espaço está abandonado e a ser invadido por construções. Além disso, entristece-me muito saber que temos um Ministério do Ambiente que não vele por este local, visto muitos políticos governantes terem passado por aqui e terem tido momento excepcional", recordou Xavier Francisco, magoado.

Ambiente carece de esforços conjuntos

Xavier Francisco alerta as associações ambientais, bem como outras entidades afectas ao ambiente, para que unam esforços em conjunto com os moradores, no sentido de se reestruturar o espaço.

Uma das situações que chamaram a atenção do semanário tem a ver com o que aconteceu no município do Rangel, devido ao abate das árvores (eucaliptos) que faziam a sucção das águas dos lençóis freáticos. Esse facto fez que a zona ficasse sempre inundada.

Outro morador do Rangel, João António, informou ao Factual que "esta zona, aquando da existência dos eucaliptos, era um lugar bom para se viver. Só depois do crescimento não urbanizado e do abate total das árvores, começámos a ter fortes problemas até chegar ao ponto de abandonar a casa".

Para os ambientalistas, a situação de Luanda é crítica, devido ao desaparecimento gradual da cintura verde em grande parte da cidade, bem como o aumento de edifícios que dificultam muito a circulação do ar. Para tal, o jovem Santos Mateus afirma ser necessário desenvolver-se projectos para a arborização da capital, de forma a evitar-se situações ambientais não propícias para o homem.

## **1.28 Chuvas em Luanda: um autêntico calvário**

*O Independente*

*26 De Março de 2011*

Tudo se repete em Luanda sempre que chove, desde as longas filas de viaturas e de pessoas nas estradas esburacadas, ruas alagadas, trânsito caótico, aumento do preço da corrida do táxi, atrasos e ausências ao serviço, escolas, enfim um quadro quase considerado crítico ou melhor ainda" caótico".

A frase onde se diz que a urbe não está preparada para chuvas é uma frase" gasta e antiga", até já se transformou numa rotina ( ... ) que quase deixou de ser ouvida e os cidadãos conformam-se com a dura realidade.

Nas últimas semanas tem chovido com frequência em Luanda, apesar de não serem torrenciais em algumas regiões da cidade, mas para a maioria dos habitantes a

vida tomou-se mais complicada, principalmente para os residentes na periferia.

Mas são estes os cidadãos que vivem nos subúrbios os que mais sofrem com esta situação. As estradas que dão acesso ao centro da cidade, onde estão situados os ministérios e outros organismos públicos são deficientes.

As obras em curso na maioria das vias rodoviárias dificultam ainda mais a circulação de viaturas, como o caso da 21 de Janeiro que dá acesso à parte sul da cidade, ou mesmo de Viana ou Cacucaco. Em consequência disso, muitos habitantes são forçados a andar a pé para chegarem ao destino e várias viaturas avariadas ao longo das vias.

Joana Gomes é uma adolescente que estuda a 12a classe no Centro Pré-Universitário da Ingombota, moradora no bairro do Gamek. Encontramo-la numa paragem de táxi para tentar chegar à escola, na sexta-feira, dia da última enchurrada que começou de madrugada.

A garota confessou-nos que já tinha perdido o primeiro tempo de aulas e o transporte estava cada vez mais difícil. Quando perguntamo-la sobre o que havia de fazer perante esta realidade, a rapariga limitou-se a encolher os ombros.

<<Isto está mal, não sei o que fazer.

Se eu tentar ir a pé vou chegar a escola toda borrada de lama. As ruas estão todas alagadas e os táxis estão difíceis. Estes estão a cobrar 300 K wanzas pela corrida e mesmo assim está difícil. Sinceramente não se pode compreender que a capital de um país esteja nestas condições. O governo devia fazer alguma coisa.»

João Mendes Jacinto trabalha para uma empresa pública no centro da cidade. Enfrenta a mesma dificuldade que outras pessoas para chegar ao serviço. Descreve a situação como sendo bastante crítica e roga para que não volte mais a chover em Luanda.

«Estou a sofrer demais desde que começou a chover em Luanda. É assim todos os anos e o Governo devia acautelar esta situação. As obras que estão a ser feitas agora nas estradas deviam ser feitas com antecedência, no tempo seco. Isto está mal, isto está péssimo. Olhe da forma que estou todo borrado.

Consegui apanhar três táxis do Asa Branca até aqui no São Paulo e agora estou à espera de um outro que me leve à Mutamba, mas eles estão a vir todos cheios.»

As chuvas agravam os engarrafamentos, uma doença que já tomou conta de Luanda, o mano José Maria dos Santos esta com a bola toda, tendo prometido

resolver ou minimizar este sofrimento da população da periferia.

Por causa destes engarrafamentos e mau estado das estradas, no interior do bairros, muitos moradores com viaturas cortam o caminho, como se I diz na gíria, para fugir os engarrafamentos. Entram pelos becos, levando-os a fazer movimentos semelhante ao dos taxistas.

É este o dia a dia em Luanda, uma cidade que já inspirou poetas e cantores. Nesta época do ano, tudo se torna mais complicado. É um verdadeiro calvário para a maioria dos seus habitantes., com realce para os da periferia.

## **1.29 Costa marítima é um atentado à saúde pública**

*Semanário Factual*

*De 19 a 26 de Março de 2011*

O cenário, patente há mais de três anos, após as quedas chuvas que destruíram o Centro de Formação de Pescas (CEFOPESCAS), mostra a destruição de mais de seis campos agrícolas e de residências nos bairros Paraíso, Cerâmica, além de viaturas soterradas no mar e mais de 900 desalojados.

Trabalhadores de empresas privadas e cidadãos voluntários empenham-se, diariamente, para o restauro ecológico da costa marítima, mas a falta de incentivo e de meios apropriados para uma limpeza geral e eficiente implica negativamente para a saúde pública dos utentes.

A costa, tida pelo corpo de Bombeiro da Polícia Nacional perigosa para os banhistas, não possui equipas de salva-vidas quando os cidadãos, por negligência, permanecem em locais, cuja permeabilidade da terra e a sua composição rochosa é frágil.

De acordo com fonte das operações da 37a esquadra da sede municipal de Cacucaco, o péssimo estado ecológico da costa marítima deve-se à falta de higiene das peixeiras e dos pescadores que consideram o mar um lugar de depósito dos seus fragmentos pútridos e restos das suas pescarias.

"Não têm sido frequentes casos de afogamento nestas praias, mas, quando tal sucede, é porque ocorreram nos locais proibidos pela corporação de bombeiros. O outro perigo que apresenta a costa é a presença de diversos sedimentos no fundo marinho, derivados de carros e de embarcações destruídas pela chuva de Janeiro de 2007", afirmou a fonte.

Considerou que "os meios rolantes que possuímos nas são suficientes para uma costa de mais três quilómetros, logo as sinaléticas facilitam-nos apenas fiscalizar outras áreas de maior frequência populacional. Mas, tudo esta-

mos a fazer para, nos próximos dias, termos a costa do Norte de Luanda limpa e pouco nauseabunda.

Os pescadores negaram as acusações advindas da 37ª esquadra da Polícia Municipal e criticaram o corpo de bombeiros, por nada resolverem, a fim de impedirem os casos de afogamentos que se registam em feriados, em festas em fins-de-semana, assim como pelos motoqueiros que frequentam a beira-mar para práticas de "rachas" (corridas).

Cândido Eliseu, pescador há 20 anos, afirmou não existirem contentores para o depósito de lixo em toda a costa do município de Cacuaco, o que contrasta com a iniciativa da restauração ecológica da mesma. "O único lugar que as peixeiras têm para o depósito de lixo é o mar", informou.

A ecologista Paula Martins aconselhou os cidadãos utentes da praia das Antenas, do CEFOPECA e da Vila de Cacuaco a não frequentarem as praias quando o mar expulsar os resíduos sólidos e outros fragmentos marinhos, dada a composição de algumas espécies que são nocivas à pele humana.

A professora considera tardia a limpeza definitiva da costa, em contrapartida, louva a iniciativa para se colmatar tal situação, uma vez a praia ser frequentada também por crianças e adultos de Viana e da Funda.

### **1.30 Devastação das florestas leva a catástrofes**

*Jornal de Angola*

*22 De Março de 2011*

A ministra do Ambiente encorajou, ontem, os angolanos a melhor preservarem as florestas, pois a sua devastação pode aumentar as calamidades naturais e ter consequências para a saúde humana.

Em declarações à Angop, por ocasião do Dia Mundial da Floresta, assinalado ontem, Fátima Jardim sustentou que a devastação desses espaços verdes por queimadas, e não só, continua a pôr em perigo a vida de muitas pessoas, espécies animais e plantas, situação que "não compensa a própria biodiversidade".

Segundo a ministra, a prática das queimadas é mais notória nas comunidades, onde alguns cidadãos fazem o corte de árvores para a produção de carvão vegetal e a exploração de lenha para a comercialização.

"A medida que cortamos as florestas, as ravinas e as catástrofes naturais podem aumentar, caso não sejam tomadas medidas de mitigação", alertou.

Defendeu ainda que se imponham medidas mais adequadas contra este mal, tendo em conta a importância que as florestas e as árvores no geral têm para a vida das pessoas no planeta terra. No quadro do licenciamento ambiental da exploração de florestas, o sector que dirige, em parceria com o Ministério da Agricultura, vai reforçar as medidas de controlo das zonas florestais de Angola, uma vez que muitas têm falta de guardas. Acrescentou que os desafios de utilização dos recursos naturais, sobretudo das florestas, devem ser cada vez mais sustentáveis. A ministra sugeriu o envolvimento das comunidades para melhorar a protecção das florestas, e a sua consciencialização para a importância que as mesmas têm no quotidiano, situação que passa, também, pela melhoria das suas condições de vida.

Para as áreas onde se desenvolve uma agricultura intensiva, disse haver necessidade de se fomentar a reflorestação ao longo dessas zonas, com vista a compensar as árvores devastadas.

"Por cada hectare de terra cultivada, os agricultores devem plantar uma árvore, com vista à reposição dos danos causados, assim como à melhoria dos solos", disse.

Esclareceu ainda que com o apoio de outros sectores e das associações ambientais, o sector que dirige está a empreender esforços com vista à redução da devastação das florestas no país.

Pesquisas realizadas indicam que, em todo o mundo, as florestas cobrem 31 por cento da área terrestre, servem de casa a 300 milhões de pessoas e garantem a sobrevivência de 1,6 mil milhões de pessoas.

Assim, a Organização das Nações Unidas mostra o papel fundamental das pessoas na conservação e exploração sustentável das florestas que garantem o seu habitat, a diversidade biológica e a estabilidade para o clima mundial, além de serem fonte de alimentos, medicamentos e água potável.

### **1.31 Educação ambiental**

*Jornal de Angola*

*09 de Abril de 2011*

A preservação do meio, ambiente é da responsabilidade de todos. Isto é válido para Angola, para África e para o planeta Terra. O homem continua a ser o maior causador da poluição e comete crimes ambientais que põem em causa a sua própria sobrevivência.

O lixo que produzimos tem de ser recolhido e reciclado. As florestas devem ser protegidas e não devastadas por madeireiros ou por queimadas. A água dos rios não pode ser contaminada por esgotos domésticos ou industriais. O ar que respiramos não pode ser contaminado com fumo das fábricas e dos automóveis. O homem, ao ter um comportamento de grande predador, acaba por ser a maior calamidade para a natureza.

Já temos pouco tempo para corrigir hábitos errados e agressões ao ambiente. Chegou a hora de todos reflectirmos sobre as melhores práticas para anular o impacto negativo da actividade humana sobre o ambiente e travar a deterioração da relação entre o homem e a natureza.

Tudo começa na actuação de cada um e o que fazemos hoje tem um impacto positivo ou negativo amanhã. Devemos todos olhar para Angola como um espaço único, que interessa preservar a todo o custo. O Executivo elaborou e aprovou os instrumentos necessários para a materialização da política nacional de preservação e gestão do ambiente. Foi criado o Fundo Nacional para o Ambiente, os Institutos Nacionais de Gestão Ambiental, da Biodiversidade e Áreas de Conservação. Todos estes instrumentos nasceram tendo em conta a realidade concreta do nosso país e os compromissos assumidos perante a comunidade internacional.

Os problemas resultantes da pressão demográfica nas grandes cidades precisam de soluções urgentes e integradas. Surgem todos os dias distorções que obrigam os problemas do meio ambiente atinja todos os níveis da sociedade. É vital que os angolanos encarem a protecção do ambiente como uma questão de sobrevivência própria e da humanidade.

Por isso, a educação ambiental é um instrumento importante que está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento sustentável de Angola. A campanha alargada de educação ambiental que este ano vai às 18 províncias, devia estender-se pelo menos ao próximo ano. Ao mesmo tempo é preciso reforçar os currículos escolares nas matérias ligadas à educação ambiental. A campanha já prevê a padronização de técnicas e metodologias de educação. A ministra do Ambiente, Fátima Jardim, disse ontem existirem no país alguns indicadores ambientais que precisam de uma melhor gerência e que devem ser modernamente introduzidos a nível de gestão dos recursos.

Fátima Jardim fez esta constatação em Luanda, durante o lançamento do livro sobre Banco de Dados de Indicadores Ambientais de Angola. O livro é sequência do Banco de Dados de Indicadores Ambientais de Angola on-line, lançado em 2009.

Segundo a ministra do Ambiente, os indicadores ambientais servem para melhor planificar, gerir,

ção ambiental ao nível das escolas, no quadro da parceria estabelecida com o Ministério da Educação. Esta medida vai promover um maior dinamismo na preservação do ambiente. É preciso que todos entendam, por palavras muito simples, os passos necessários para evitar a poluição e proteger a vida. É necessário reforçar o papel do Instituto Desenvolvimento Florestal (IDF), em todas as províncias, enquanto entidade que assegura o fomento, coordenação e execução das políticas traçadas no domínio florestal faunístico. O quadro ambiental actual, caracterizado por desafios urgentes, exige soluções que estão para além da simples regulamentação jurídico-legal. Como disse a ministra do Ambiente, a questão da preservação da natureza não é apenas uma questão de regulamentação por parte do Estado. De facto, os problemas ambientais afectam toda a sociedade e todos são chamados a colaborar na sua solução. Exercer a cidadania é contribuir para a promoção da melhoria da qualidade de vida da população.

As gerações vindouras devem ser protegidas do "terrorismo ambiental", traduzido no uso desregrado e irracional dos recursos naturais.

Para atingirmos esse objectivo importa que as famílias, as escolas, os serviços públicos, as empresas, aprendam gestos, técnicas e princípios consentâneos com a defesa e preservação do meio ambiente. Tem de haver um sério envolvimento de todos na educação ambiental para que aumente a consciência crítica, necessária para a solução e interpretação dos problemas actuais do meio ambiente.

Temos de viver em harmonia com a natureza, eliminando os problemas ambientais na certeza de que a preservação do ambiente é a parte mais importante da qualidade de vida. A educação ambiental deve fazer parte da nossa vida na mesma proporção das preocupações com a alimentação, o vestuário, o abrigo e outras necessidades elementares.

### **1.32 Indicadores ambientais de Angola precisam de uma melhor gerência**

Jornal de Angola

09 De Abril de 20

controlar e diagnosticar, através do Relatório do Estado Geral do Ambiente em Angola, o estado do ambiente e adequar o Plano Nacional de Gestão do Ambiente.

"Temos com estes indicadores um I verdadeiro instrumento de informação. A sua informação encontra-se estruturada com vários agrupamentos, de modo a facilitar a consulta e análise", informou.

A ministra considerou que a realização da plataforma tecnológica e os procedimentos que suportam a exploração e a utilização de banco de dados de indicadores ambientais e de sustentabilidade constituem uma ferramenta essencial para, entre outros fins,

suportar a elaboração do relatório do estado geral do Ambiente.

No âmbito desta iniciativa foram já recolhidos e registados 249 indicadores de 14 sectores no país. A ministra Fátima Jardim apontou Angola como um exemplo a seguir, "porque estamos progressivamente a trabalhar para que o bem-estar do cidadão seja, de facto, uma das prioridades no país".

O Ministério do Ambiente, revelou, esta já a preparar o Segundo Relatório do Estado do Ambiente em Angola, a ser lançado no final do ano em curso.

### **1.33 Cheias continuam a matar e a desalojar**

*Semanário Factual*

*De 09 a 16 de Abril de 2011*

Antigamente a aproximação de uma época chuvosa era motivo de alegria por parte dos camponeses e dos criadores de gado. Nos últimos três anos a vizinhança da estação chuvosa é objectivo de preocupação e de tristeza, porque a chuva se tornou num inimigo, bloqueando milhares de pessoas naquela região. Este ano, ela (a chuva) continua a assolar a província do Cunene, com os rios a transbordarem, e a provocar milhares desalojamento.

O cenário repete-se, todos os anos, na província do Cunene, criando dificuldades no realojamento das populações. Milhares de hectares de terras estão submergidos, escolas fechadas, animais domésticos, selvagens e seres humanos à procura de refúgio "O dilúvio de Noé", ou seja, as inundações que atingem a província do Cunene, estão a causar prejuízos aos cofres do Estado, com a ajuda aos sinistrados, bem como a paralisação da actividade económica em vários sectores da província.

Mais de 30 mil pessoas em várias regiões da província encontram-se sitiadas pelas inundações provocadas pelas chuvas. "Vivemos momentos de agonia", disse ao Factual um camponês da comuna da Mongua, município de Kwanhama.

Apesar do isolamento situação está sob controlo e, nesta altura, estão a ser desenvolvidas acções a nível da Protecção Civil, a fim de se receberem os devidos apoios, que serão canalizados àquela população.

"A população ainda está sitiada. A avaliação também não tem sido fácil, porque os meios de mobilidade não têm estado a favor para se circular a nível do interior de algumas regiões", disse ao Factual o criador de gado, Fernando Helelwa.

A assistência à população vítima das cheias está garantida, mas o quadro actual é preocupante e há necessidade de propiciar os devidos meios para a

assistência aos sinistrados. Em Ombadja, o rio Calculunale, que chega a algumas localidades da circunscrição, transbordou e cortou a ligação entre a região de Mahegue ya Mugulo e o resto do município.

A mesma realidade vive-se nas zonas ribeirinhas de Kafu, Chimbo, Péu-Péu Nantata, Ndimba-chiolo e Jamba, em consequência do transbordo do rio Cunene.

"As casas estão destruídas, e milhares de hectares de terra preparadas para o resente ano agrícola estão igualmente afectados. Milhares de pessoas foram forçadas a abandonar as suas áreas de residência", lamentou António Didalelwa, governador provincial do Cunene.

Segundo este governante, o seu executivo está atento ao evoluir da situação e dispõe de apoio logístico

Suficiente, no que concerne a alimentos, a medicamentos, a tendas, a chapas, à roupa, a mosquiteiros e a outros meios, para minimizar o sofrimento dos sinistrados.

O governante informou, igualmente, que o Executivo está a realizar acções de reabastecimento de fármacos por via aérea, de forma a reforçar os stocks de medicamentos naquelas localidades do interior do município do Kwanhama e do Cuvelai, com as vias de acesso cortadas .

Este é o quarto ano consecutivo em que se registam cheias no Cunene. Em 2010, cerca de 22 mil pessoas ficaram desalojadas.

#### **A intervenção da Protecção Civil**

A comuna do Cabato, situada no município do Cuvelai, está isolada do resto da província há mais de 30 dias, devido à chuva. A direcção da Protecção Civil está a mobilizar meios aéreos, para salvar a população sinistrada.

O vice-ministro do Interior para a Protecção Civil, Eugénio Laborinho, diz as autoridades estarem a acompanhar, com preocupação, a situação do Cunene.

"A província tem as comissões de protecção civil que estão a ser potencializadas, de forma a poderem intervir, através do nível de alertas que temos", disse.

Eugénio Laborinho está a seguir, atentamente, o que se está a passar naquela província. A situação é cíclica; está a chover fora do normal, tendo em conta as alterações climáticas.

Na província do Cunene, as autoridades competentes adoptaram medidas de emergência, a curto prazo, para salvar os sinistrados e para atenuar os efeitos das cheias. As referidas medidas cingem-se em capacitar a Comissão Provincial de Protecção Civil com meios técnicos e com força humana, no sentido de poderem, localmente, minorar os efeitos deste fenómeno natural e de dar a devida assistência à população vítima destas inundações.

No Cunene, nas localidades críticas, a situação inspira cuidados. A assistência aos necessitados vai desde

alimentos, medicamentos, tendas, chapas, roupa, mosquiteiros e realojamento dos sinistrados em locais seguros, para que não passem por privações.

Apesar de a situação estar controlada nalguns casos, é imperioso o redobrar de esforços, com o intuito de os sinistrados estarem bem alojados e assistidos.

O Executivo está atento às dificuldades da população neste período de chuva, daí a intervenção do mesmo com apoios, a fim de acudir situações que possam surgir, sobretudo aquelas que devem ser resolvidas.

As pessoas estão a ser aconselhadas a tomar medidas preventivas, tais como a não construção de residências próximas das valas de drenagem, da margem dos rios ou dos cursos de água.

Alunos sem aulas desde Fevereiro

Milhares de alunos nas localidades sítias em consequência das chuvas estão preocupados com a paralisação das aulas, desde Fevereiro, nos municípios de Ombadja, Namacunde, C uvelai e Kwanhama.

A Direcção Provincial da Educação e o Ministério de tutela estão a tranquilizar os alunos, explicando que, tão logo que terminem as cheias, as aulas poderão prosseguir.

As autoridades da Educação defendem o reajustamento do calendário escolar, mas, no caso de se agravar a situação, serão orientadas novas providências.

O Ministério da Educação encoraja o Executivo do Cunene, professores, alunos, pais e encarregados de educação, no sentido de que devem ter esperança diante desta situação

Sociedade preocupada

A sociedade civil está preocupada com a situação no Cunene. Para o efeito, apela os interessados para envidar esforços, no sentido de ajudar, com bens diversos, as famílias afectadas pelas chuvas.

Os populares mais afectados pela chuva precisam de roupa usada, incluindo cobertores, utensílios domésticos, alimentação, produtos de higiene pessoal, água potável, entre outros.

A AJAPRAZ doou cerca de 15 toneladas de artigos diversos, para ajudar os sinistrados das cheias na província do Cunene, zona Sul do País.

O presidente da AJAPRAZ, Bento Raimundo, disse que a organização que dirige vai continuar a prestar apoio ao esforço do Executivo Angolano, que é a melhoria da qualidade de vida das populações.

Quanto às chuvas no País, o responsável frisou ser dever de todos ajudar e proteger os que necessitam.

"Os meios estão mobilizados e acredito que, nos próximos dias, faremos chegar em coordenação com

a Protecção Civil mais coisas a algumas províncias, prometeu Bento Raimundo.

A Rádio Nacional de Angola enviou, em jeito de solidariedade, a uma tonelada de diversos produtos para a província no Cunene no sentido de ajudar as famílias afectadas pela chuva.

Constam do donativo bens alimentares, chapa de zinco, roupas, calçado e outros bens de primeira necessidade.

O donativo é fruto uma ampla campanha solidariedade com populações vulneráveis afectadas pelas inundações que se regista actualmente, em várias regiões do país.

### **1.34 Cheias levam á ruína central de agricultores**

*Jornal de Angola*

*09 de Abril de 2011*

A devastação pelas cheias de fazendas, lavras e hortas nos vales dos rios Bero, Macala e Giraúl lançou na ruína dezenas de famílias da cintura verde do Namibe. São às centenas os pequenos agricultores que ficaram sem nada e estão parados desde dia 4 de Março.

No Giraúl de Baixo, o agricultor António Pedro perdeu todos os seus haveres. As enxurradas destruíram as lavras e hortas. A maioria dos fazendeiros está inconsolável e recorda, com tristeza, que há muito vêm lutando contra as cheias e as secas.

"É preciso estudar os rios e proceder ao seu desassoreamento", disse à reportagem do Jornal de Angola António Pedro.

"Já vimos que algumas entidades revelam um desconhecimento quase total do que são os vales dos rios da província, onde as cheias são cíclicas, mas ninguém toma medidas para evitá-las", disse ainda António Pedro.

Com esta situação aumenta o desemprego e a pobreza. Mas o ministro da Agricultura, Afonso Pedro Canga, prometeu medidas de apoio às vítimas das calamidades.

As secas e as cheias na região acontecem ciclicamente. A 5 de Abril de 200 I, os agricultores dos vales dos rios Bero, Macala, Giraúl tiveram avultado prejuízos, avaliados em milhões de dólares, como consequência das secas e das cheias

António Pedro diz que "de lá para cá nada se fez para prevenir a situação". A título de exemplo, referiu que as obras para o controlo das cheias do rio Bero estão atrasadas, por alegada falta de financiamento.

"O vale do rio Bero foi sempre um vale de lágrimas para os agricultores. Ou perdem as culturas com as secas ou as vêm destruídas pelas cheias", lamenta António Pedro. O administrador municipal Pedro e outros agricultores estão preocupados com a dívida contraída à banca Namibe, Armando Valente, diz que as obras de regularização do caudal do rio pertencem ao Executivo e são fiscalizadas pela Opway.

Números preocupantes

Os vales do rio Bero, Macala e Giraúl têm 202 fazendeiros agro-pecuários em 35.473 hectares de terras. "Todos estão parados devido às cheias que destruíram quase todos os seus haveres", afirmou António Pedro.

Na região existem 112 associações com 9.932 camponeses e 23 cooperativas com 3.895 membros. "Todos estão parados", disse o agricultor. Explicou que "agora há aqui um problema que tem a ver com a dívida contraída à banca por algumas associações e cooperativas agro-pecuárias do Namibe para a campanha agrícola 2010/2011". Os valores dos empréstimos contraídos ao Banco do Comércio e Indústria (BCI) e ao Banco de Poupança e Crédito (BPC) são de milhões de kwanzas, cujo reembolso deve ser feito em dez meses.

Num encontro entre a União Nacional dos Camponeses Angolanos (UNACA), a Federação das Associações e Cooperativas Agro-pecuárias e a Direcção Provincial da Agricultura do Namibe foram avaliados os prejuízos das cheias. E foi tomada a decisão de pedir aos bancos o reescalonamento da dívida e a concessão de novos créditos aos que perderam as culturas.

Uma dura realidade

Alguns agricultores da cintura verde do Namibe ainda conseguiram colher tomate e couve, em terrenos não atingidos pelas cheias. Estão a vender os produtos nos principais mercados da cidade.

Em pequenas propriedades familiares estão a ser produzidos batata-doce, cebola, repolho e cenoura. No Giraúl de Baixo, onde a ponte que desabou isolou povoações inteiras, Fernando Calenga trabalha nas culturas que escaparam das cheias. Cultiva tomate, pimento, cenoura, batata-doce e couve: "dá para viver com o cinto apertado", disse com o rosto a demonstrar toda a tristeza que lhe invade a alma. Uma pequena horta que se salvou das inundações, duas vacas leiteiras e alguns cabritos são o que resta a este agricultor.

"Quem não conheceu outra vida, acaba por criar gosto a este tipo de trabalho. Há 50 anos que trabalho no campo. Nasci e fiquei logo ligado à terra. Com quatro anos já andava com uma junta de bois. O que me aconteceu foi uma grande desgraça mas não é a primeira vez, os meus pais já eram agricultores neste terreno", disse com os olhos marejados de lágrimas.

Fernando Calenga conta que os seus filhos quebraram o pacto com a terra: "os nossos filhos nunca se agarraram à agricultura. Tenho um filho empregado no Porto Comercial do Namibe e uma filha é professora do primeiro ciclo no Lubango". Embora não saiba ler nem escrever, conta que a

mulher, Anunciação da Silva, já andou na escola: "quem me dera saber ler, como ela".

Reconhece que as dificuldades causadas pelas cheias são muitas. O que o leva a aguentar o barco, é a criação de cabritos, aves e as duas vacas leiteiras que não foram sacrificadas pelas cheias. "O tomate e a couve vão dando algum dinheiro".

O agricultor Jorge Artur, um jovem, está inconsolável: "esta gente sofre muito, trabalha tanto a terra para nada".

As parcas economias que amealhou foram por água abaixo: "nesta hora precisamos de todo o apoio, sobretudo créditos com juros bonificados".

Produtos mais caros

Com a devastação das lavras, fazendas, currais, capoeiras e equipamentos agrícolas da cintura verde do Namibe, devido às cheias de 4 de Março, os preços dos produtos do campo ao consumidor estão agora mais altos.

O tomate, a batata e a cebola são os produtos que mais dispararam no mercado local. Um balde de cinco quilos de tomate está a ser vendido a mil kwanzas contra os anteriores 250 kwanzas, o de cebola a 700 kwanzas e 800 e cinco quilos de batata custam 800 kwanzas.

O director provincial do Instituto de Desenvolvimento Agrário, José Maria, disse que os níveis de produção horto frutícola nos vales dos rios Giraúl de Baixo e de Cima podem baixar consideravelmente nos próximos tempos, devido às transformações que ocorreram nos solos por causa das cheias que inundaram aquela região.

### **1.35 Estado das estradas de Luanda continua caótico**

*Jornal de Angola*

*12 de Abril de 2011*

Buracos tomaram conta das vias provocando enormes danos aos carros

A situação é caótica. Sinalização insuficiente ou inexistente, barras de protecção tombadas, bermas entupidas de lixo e buracos. Muitos buracos. Este é o panorama actual das estradas de Luanda, que está a indignar todo o cidadão que escolheu essa cidade para viver, como o cidadão Mário Martins, que se diz agastado com o estado deplorável das Estradas da capital, realidade que é destapada na época chuvosa.

Nos últimos dias ficou mais difícil para os automobilistas circular pelas estradas de Luanda devido aos enormes buracos causados pelas chuvas que caem sobre a cidade capital.

Quem circula pelas avenidas Cónego Manuel das Neves, Ngola Kiluanje, Hoji Ya Henda, Soba Mandume e Ndunduma, só para citar estas, encontra enormes buracos que assustam até os mais optimistas. Mário Martins explica que, quando chove em Luanda, é difícil e complicado para os automobilistas, já que o piso se

encontra não só em mau estado como mal sinalizado. Na avenida Hoji Ya Henda, por exemplo, no troço que sai do Hospital Américo Boavida até à linha-férrea, a via nem marcação que indique a separação da faixa de rodagem tem. No período nocturno, resta aos automobilistas a utilização dos faróis nos máximos.

Nesta avenida, o estado crítico do piso é sentido sobretudo a partir do triângulo dos Congolelles até à linha-férrea, onde os buracos tomaram conta do asfalto.

António da Silva, outro automobilista, aponta como factor de insegurança a fraca iluminação pública das estradas de Luanda, o que dificulta a visibilidade de quem circula na estrada mas também de quem esteja a atravessá-la. "A fraca iluminação constitui um perigo para os automobilistas, como para os peões", disse, acrescentando que, devido à fraca ou inexistência de iluminação pública, tem acontecido muitos acidentes que resultaram em mortes de muitas pessoas inocentes.

Não há carro que aguente

Rui Duarte reclama da situação das estradas que ligam vários bairros de Luanda. Segundo ele, o mau estado das estradas tem provocado danos avultados nas viaturas quase todos os dias. "Estradas esburacadas são o cenário de todos os dias em Luanda. Com esse estado de coisas, não há carro, seja ele todo o terreno, que aguente. O governo local nunca resolve o problema, nem mesmo no tempo de cacimbo. As obras que estão a ser feitas são de fraca qualidade, porque, quando chega a chuva, ficam todas esburacadas", disse Raul Duarte.

Já Maria da Purificação diz que todos os anos o cenário péssimo das estradas se repete, mesmo depois de o governo provincial reconhecer as dificuldades de tráfego nas estradas de Luanda e garantir que aguarda fim das chuvas para recuperar as Vias.

"São estradas que, ao longo dos anos, recebem obras paliativas e que no período chuvoso ficam num estado precário", disse, acrescentando "a verdade é que, quando chega a época de cacimbo, nada é feito para recuperar as estradas. Fica tudo parado. Quando voltam as chuvas, lá estão de novo as máquinas para reparar o que não fizeram no cacimbo. Isto é uma brincadeira. Quem vai pagar os danos provocados nas nossas viaturas?", questiona Maria da Purificação.

Para Carlos da Piedade, é preciso responsabilizar o governo local por danos materiais e morais decorrentes dos buracos existentes nas estradas de Luanda. "Todos os anos são inúmeros os acidentes ocasionados pela má conservação das estradas de Luanda. O governo provincial, que tem o dever de conservá-las, deve ser responsabilizado pelos danos

causados por esse descaso", explica, acrescentando que já perdeu vários pneus por causa de buracos nas estradas.

A exploração de inertes que está a ser feita na comuna do Bom Jesus, no município de Icolo e Bengo, província do Bengo, pode originar o corte da circulação automóvel entre esta e as restantes localidades, em qualquer momento.

De acordo com informações prestadas segunda-feira pelo administrador comunal do Bom Jesus, Serafim Pedro Catari, a situação constitui uma das maiores preocupações com que se debate grande parte daquela região.

O responsável revelou que as empresas autorizadas a explorar os recursos naturais, no Bom Jesus, não estão a cumprir as exigências assumidas por altura da concessão das licenças.

Em muitos casos, várias zonas são abandonadas após a exploração, ficando com enormes buracos, o que, com as fortes chuvas que se abatem na zona, constitui um perigo para os aldeões. Para ultrapassar esta situação, as autoridades co

apelam aos responsáveis dos ministérios da Indústria e do Ambiente, no sentido de obrigarem à preservação dos solos, de modo a evitar-se o avanço de ravinas.

O Jornal de Angola verificou que, logo ao início da estrada que segue para a comuna industrial do Bom Jesus é possível vislumbrar a destruição, ainda que de forma lenta, mas bastante perigosa, da mãe natureza.

Os solos da vila são aráveis e bons para a agricultura, além da localidade possuir uma bacia hidrográfica rica e uma população empenhada no combate à fome e à pobreza, apesar das ravinas que destroem actualmente dezenas de campos agrícolas.

Com uma população estimada em 10.097 habitantes, Bom Jesus é considerada uma das zonas de maior desenvolvimento industrial, pelo número cada vez maior de fábricas diversificadas ali existentes, que estão a garantir muitos postos de trabalho a jovens, até então desempregados.

### **1.36 Lagoa de S. Pedro no Cazenga. Situação continua caótica para os moradores da zona**

*Jornal de Angola*

*17 de Abril de 2011*

Várias famílias foram desalojadas e centenas de residências ficaram submersas na Lagoa de São Pedro, município do Cazenga, devido às enxurradas que se abateram em Luanda. Durante a estação das chuvas, a lagoa transborda devido aos solos saturados, avançando até às residências e assim permanecendo até ao período seco. Nas zonas adjacentes à lagoa, a maior parte dos

habitantes abandonam as suas residências que, por sua vez, acabam por se danificar com o tempo.

Os moradores que ficaram com as suas residências inundadas estão actualmente a residir no terraço dos vizinhos, à espera que a água seque. Para trás deixaram as suas casas entregues ao deus dará, com toda a mobília a flutuar no interior e sujeitas à invasão do mais variado tipo de bichos. Só os petizes parecem não se ralar, aproveitando para dar um mergulho e lavar viaturas.

Para se deslocar, a população da Lagoa de São Pedro recorre a canoas improvisadas com a carcaça de arcas e geleiras avariadas. Devido ao volume de água, as pessoas para irem trabalhar, à escola, ou ao mercado, têm de usar as referidas canoas ou mergulharem na água.

Gabriel Cessa, morador há 15 anos na Lagoa, disse ao Jornal de Angola que quando chove a situação é caótica. "Não sabemos a quem recorrer", afirmou.

Segundo explicou, dentro das residências a água chega a atingir o nível das janelas e as mobílias ficam a boiar em cima da água.

João Bumba, nascido e criado naquela zona, referiu que vive numa ralação constante, porque os filhos residem em casa dos seus pais, que ali continuam a morar. "Quando chove fico logo preocupado", reafirma. Mas nem sempre foi assim. João Bumba recorda que, não há muito tempo, a situação na lagoa era diferente. "Hoje é péssima a todos os níveis", acrescentou.

Os moradores consideram que a solução para o problema passa pela construção de uma vala no interior da lagoa que ligue a uma outra já existente, para facilitar o escoamento das águas, sem ser necessário recorrer ao auxílio de motobombas.

Gabriel Cessa adiantou que a situação seria contornada, se a administração disponibilizasse uma máquina para abertura de uma vala que a ligasse à vala principal construída pelos chineses.

Enquanto isso não acontece, os moradores da Lagoa de São Pedro defendem que devem ser transferidos para áreas seguras. No entanto, receiam que essa transferência, à partida provisória para tendas, possa vir a tornar-se definitiva.

Segundo eles, o medo reside no facto de muitos moradores transferidos para o Zango, continuarem em tendas há mais de dois anos, aguardando pelo realojamento prometido pelas autoridades governamentais.

António Bumba está consciente que, a qualquer momento, pode ter de abandonar a área por causa das águas. Mas faz questão de sublinhar que a população quer sair dali "directamente para casas já construídas, porque não queremos ir para as tendas". Acrescentou que a saída dos moradores da Lagoa de São Pedro é um assunto antigo, mas a sua;

efectivação não acontece porque nunca houve vontade que assim acontecesse.

#### Lixo em todo lado

Além da água, as pessoas que ali moram são obrigadas a conviver com grandes amontoados de lixo, já que desde há algum tempo que a lagoa tem servido de depósito de entulho da construção civil, lixo doméstico e orgânico, além de produtos químicos, como tintas e solventes, que ali são despejados.

Gabriel Cessa disse que as grandes quantidades de lixo existente e a flutuar na água se devem à deficiente recolha por parte das entidades competentes. "O lixo fica muito tempo sem ser recolhido e quando chove é arrastado pela água da chuva", adiantou, acrescentando que, com este cenário, o paludismo, a conjuntivite, as doenças diarreicas e respiratórias agudas aumentaram.

#### Sucção das águas

A sucção das águas estagnadas na Lagoa de São Pedro está a ser feita por duas moto bombas que as encaminham para a vala da Congeral. Enquanto se aguarda pela conclusão das obras da vala do Soroca, apenas é feito um trabalho paliativo, que consiste na retirada das águas através de meios alternativos. Uma vez concluída a obra, o canal vai permitir escoar as águas dos municípios do Cazenga e do Sambizanga, tendo uma extensão de quatro quilómetros, com início na lagoa de São Pedro (Cazenga) e terminando na lagoa Velha, também conhecida como Soroca Velha, nas imediações da Comarca de Luanda.

A lagoa está a beneficiar de um programa de requalificação que vai permitir a drenagem das águas nas duas lagoas. A sucção dessas águas, na bacia de concentração da lagoa I e II, através de uma vala de drenagem que está a ser construída, vai permitir que o município, na sua totalidade, deixe de ficar inundado na época das chuvas.

Até lá, a sucção das águas estagnadas vai continuar a ser feita através de duas motobombas que funcionam 24 horas ao dia e que as encaminham para a vala do Soroca no Sambizanga.

Futuramente, esta terá urna interligação com a vala do Cariango, que começa na Quinta Avenida, no Cazenga, também em obras.

### **1.37 Calemas causam danos em Cabinda**

Jornal de Angola  
19 de Abril de 2011

Há mais de quatro dias que a região litoral sul da cidade de Cabinda é fustigada por fortes calemas, que

destruíram 50 casas e muitas famílias perderam todos os seus haveres.

Moradores da zona do Luvassa Sul deram conta ao nosso jornal da destruição de meia centena de casas que se encontravam a menos de um metro das águas do mar, o que provocou o desalojamento de muitas famílias e a destruição dos seus bens.

No local era visível o desalento das pessoas, que disseram à nossa reportagem que a fúria do mar é mais evidente no período das 12 às 15 horas e da meia-noite às seis da manhã.

Henrique Manuel, um dos moradores afectados, disse que há 14 anos, quando ali se instalou, a situação era totalmente segura, porque o mar se encontrava a mais de 80 metros de distância das casas.

Explicou que nos últimos três anos, mar começou a avançar de forma galopante até se encostar a menos de cinco metros das casas, o que provoca danos consideráveis quando se registam calemas, as águas do mar invadem as suas casas. "Não temos para onde ir. Sairmos daqui e arrendarmos casa é muito complicado", disse Henrique Manuel.

Os moradores da zona não sabem para onde ir já que não dispõem de meios financeiros para arrendar casas noutras áreas mais seguras. Já foi criada uma comissão para tratar com a Administração Municipal os principais problemas. O administrador Francisco Tando nomeou uma comissão para avaliar os danos causados pelas calemas. "Quando viemos para cá não tínhamos dinheiro para comprar terrenos noutros lugares", disse Fernando Kuimbi, que já vive há 14 anos na área.

O capitão do Porto de Cabinda, João Louro, disse que Cabinda é uma região que regista fortes calemas, mas reconheceu que este ano o fenómeno ultrapassou as previsões: "este ano passou tudo aquilo que conhecíamos. Lamentamos o que vimos na zona do Luvassa Sul, onde calemas invadiram casas e deixaram muitas famílias sem casas".

O capitão do porto de Cabinda revelou que 30 casas ficaram destruídas e muitos haveres danificados. "Neste momento estamos a fazer um trabalho preliminar sobre o assunto para confirmarmos quantas famílias ficaram lesadas e quantas casas é que foram destruídas".

João Louro referiu que as populações continuam a construir em zonas consideradas de risco sem da autorização das autoridades competentes. Explicou que o Decreto e, Presidencial nº 04 12001, de 2 de pn Fevereiro, delimita uma extensão de 500 metros como zona da responsabilidade da Capitania. Por força dessa norma, foram criadas em áreas de reserva sob domínio público marítimo, na qual ninguém pode erguer casas, mas que as pessoas desrespeitam sem avaliarem os riscos que correm.

### **1.38 Chuvas agravam estado das ruas de Luanda**

Jornal de Angola

20 de Abril de 2011

A degradação das ruas e estradas é cada vez mais visível no interior dos municípios da província de Luanda. As chuvas que caem sobre a cidade têm causado grandes problemas na Maianga, sobretudo no Cassequel, Prenda e Rocha Pinto.

No bairro Mártires de Kifangondo, as ruas estão a ser totalmente reabilitadas. As obras consistem na construção de esgotos, passeios, pavimentação e iluminação pública. Homens e máquinas trabalham para manter a circulação rodoviária cada vez mais descongestionada. Mas por causa ~ chuvas, outros problemas nas Vias começam a Surgir.

Quando terminarem as chuvas vão ser terraplanadas vias como a Rua da Praça do Campo, que começa na Rua 22 de Junho próximo ao Campo do Inter e desemboca na estrada principal da Samba.

O cenário é diferente no Cassequel do Buraco, onde a ponte que liga o bairro Neves Bendinha continua a degradar-se cada vez mais, mesmo depois de ter sido encerrada durante sete anos para obras de reabilitação. A Rua 68 foi terraplanada. Passa pela rotunda da Teixeira, junto à Tourada, e acaba no mercado do Catinton. Esta área está cheia de lixo, produzido pelos vendedores, por isso foi feito um desvio que vai dar ao rio Cabulombo, que é a continuidade da vala Senado da Câmara e desemboca na Rua 21 de Janeiro, que dá acesso à base da Força Aérea Nacional.

As obras começaram em Setembro do ano passado e as chuvas provocaram atrasos na sua conclusão. Mas 80 por cento das obras no troço estão prontas.

#### **Continuidade das obras**

O chefe do departamento do Ordenamento do Território, Urbanismo e Ambiente, do município da Maianga, Henriques Jorge Faz-tudo, disse à nossa reportagem que no fim das chuvas as obras vão prosseguir em força: "as empresas estão prontas a retomar o trabalho no princípio do mês de Maio. A terraplanagem é um trabalho que deve ser feito em tempo seco e não em tempo de chuva".

Henriques Faz-tudo informou que as primeiras grandes intervenções estão a ser feitas nas vias estruturantes para facilitar os acessos entre as periferias e a cidade.

Para além da requalificação da Avenida 21 de Janeiro, o bairro Cassenda também tem vindo a registar a requalificação das valas de drenagem, esgotos, saneamento, iluminação pública, sinalização e pavimentação em asfalto.

Problemas no Cazenga

As consequências das últimas chuvas no Cazenga são bem visíveis nas principais vias, que se encontram alagadas. A avenida Hoji ya Henda foi recentemente reabilitada mas as inundações deixaram marcas. Há uma enorme lagoa em frente às instalações da empresa de autocarros SGO. Na Rua do Patrício o cenário é o mesmo. As obras de reabilitação que estão a ser realizadas na Avenida dos Comandos, que sai da Frescangol até à rotunda da Cuca, estão a facilitar a vida aos munícipes do Cazenga.

"Quando as obras estiverem concluídas vão facilitar o trânsito automóvel!", disse Miguel Manuel, um automobilista que tem "grandes dores de cabeça" porque circula diariamente nas vias do Cazenga. Mas muitos munícipes dizem que a Administração Municipal "tem de trabalhar mais" para melhorar os sérios problemas de saneamento básico e da recolha do lixo existente em todos os cantos do município.

Maria da Conceição é de opinião que as obras nos municípios do Cazenga e Sambizanga vão dar outra imagem, em todos os aspectos, a esta vasta zona da cidade de Luanda. "Vivo há 42 anos aqui e a minha casa nunca inundou. Mas desde que começaram a reabilitar a Avenida Ngola Kiluanje quando chove fico aflita, porque a casa inunda", disse Maria da Conceição. Reconheceu que o número de munícipes aumentou nos últimos anos e que as construções desordenadas contribuem para o aumento das condições precárias.

#### Colaboração dos moradores

Moradores do município do Cazenga prometeram colaborar nas acções de melhoria do saneamento básico e das infra-estruturas da comunidade. Pedro Damião, que reside nas imediações da Rua do Patrício, disse que "os trabalhos em curso só podem ganhar um ritmo acelerado com o fim das chuvas" Acrescentou que "todos nós podemos colaborar para resolver os problemas de saneamento.

Estamos com esperança de que num futuro próximo, as coisas possam melhorar rapidamente. Para ele, cada município deve estar consciente que é parte activa na comunidade e que a sua participação é muito importante na criação das condições de vida da população.

#### Lagoas no Rangel

No município do Rangel a situação também preocupante, principalmente nos bairros do Rangel e Marçal, onde algumas ruas se encontram alagadas e dificultam a deslocação dos moradores.

O bairro Marçal já teve obras mais nas ruas da Olivença, Jaco e na rua Ngola Mbandi, mais

conhecido por rua dos Balneário, existe lagoas de águas paradas

Joaquim da Silva manifestou a sua preocupação com a ausência de saneamento básico e com as águas paradas nas ruas, factor que contribui para o aumento de casos de malária no bairro. "As pessoas não estão mentalizadas para a importância do saneamento básico, sobretudo no que respeita à eliminação de charcos, o que tem um grande peso na proliferação de mosquitos na maior,"arte das casas. E necessário tomar medidas para que não se registre um aumento do número de doentes com paludismo", disse Joaquim da Silva.

Mas para os moradores da Rua Ngola Mbandi, a situação é mas complicada, porque as águas de outras ruas desagüam nela. Miguel Pascoal, 64 anos, disse que as coisas pioraram depois que foi feita a terraplanagem em algumas ruas.

### **1.39 Rua Ngola Kiluanje espera de melhores dias**

Jornal de Angola

22 de Abril de 2011

Estrada esburacada, intransitável, viaturas soterradas, paragens de passageiros superlotadas e longas filas de pessoas caminhando a pé, é o cenário que se vive diariamente na Rua Ngola Kiluanje, desde o desvio da Cimangola até São Paulo. A intransitabilidade deve-se às enxurradas, em virtude do sistema de drenagem estar assoreado e devido aos atrasos nas obras.

A reabilitação da Rua Ngola Kiluanje faz parte do projecto do Executivo que visa tornar mais fluida a circulação rodoviária. No Embondeiro do Kicolo, outra zona considerada caótica, passando pelo cemitério do 14 até chegar à Moagem. da Kianda, a circulação é muito lenta devido aos buracos e à água, apenas sendo visível a circulação de viaturas todo-o-terreno. Do troço entre a Moagem da Kianda e o desvio da Cimangola a estrada deixou praticamente de existir.

Os populares e automobilistas manifestaram ao Jornal de Angola o seu descontentamento pela degradação da Rua Ngola Kiluanje. Lopes Pedro, residente no bairro da Petrangol, lamentou a situação: "os responsáveis das empresas envolvidas na reabilitação da rua deviam, quando chegam ao local, ouvir os representantes dos moradores. Mas nós não somos consultados e o trabalho é mal feito, conforme se verifica", protestou.

Gomes Lamborna, residente no bairro do Kicolo, explicou que a solução do problema passa primeiro pela reabilitação total do sistema de drenagem para facilitar o escoamento das águas: "é preciso fazer um trabalho de fundo para que, de uma vez por todas, o problema da Rua do Kicolo seja resolvido", disse. Simão João alerta para a situação da estrada que liga a Cuca ao Kicolo. Segundo este automobilista, o mau estado da via tem provocado danos nas viaturas.

"Com este estado de coisas, não há carro que circule no troço entre a Moagem da Kianda e o desvio da Cimangola. As obras de reabilitação que estão a ser feitas são débeis e quando chove a rua fica toda esburacada de novo, disse Simão João.

#### Caos em São Paulo

O cenário em São Paulo é de caos total. Entre a bomba de combustível e a rotunda do mercado a estrada é péssima, com várias viaturas a ficarem encalhadas.

Diariamente, o troço regista congestionamento do trânsito automóvel nos dois sentidos devido às várias crateras que se abriram por causa das águas estagnadas e do buraco que abre sempre que chove, na passagem de nível da Cípal.

A Rua Soba Mandume, desde o entroncamento da Rua Lueji ya Ankonda passando por trás do Prédio do Livro e que vai ligar à Ngola Kiluanje, também está péssima. O Trânsito automóvel é feito num único sentido devido à quantidade de água no lado da Direcção Provincial da Cultura.

Face a esta situação, muitos proprietários de carrinhos de mão transportam pessoas de um lado para outro, cobrando 50 kwanzas.

#### Desagrado dos motoristas

Os motoristas, na sua maioria taxistas, manifestaram o seu desagrado pelas péssimas condições em que se encontra a Rua Ngola Kiluanje. Alguns motoristas ouvidos pelo Jornal de Angola foram unânimes em afirmar que a situação é péssima.

Lobato Abreu, taxista, referiu que na zona do Kicolo a situação é ainda mais caótica. A Rua Ngola Kiluanje tem servido de alternativa a várias vias no que toca ao descongestionamento do trânsito automóvel em Luanda. Por isso, é urgente que terminem as obras de reabilitação.

Muitos taxistas encostaram as suas viaturas para evitar danos materiais. Trezor Paulo, motorista, disse que o Executivo tem de obrigar a empresa encarregada de reabilitar a rua desde São Paulo até ao desvio da Cimangola a terminar as obras o mais rápido possível, para bem da população. "Neste troço os carros têm dificuldade em transitar devido à água e aos buracos", acrescentou.

Gomes Lamborna, taxista, recorda que todos os anos a situação se repete, mesmo depois do Governo Provincial admitir as dificuldades existentes no tráfego nas ruas de Luanda e garantir que aguarda o fim da época chuvosa para as recuperar. "São vias que, ao longo dos anos, recebem obras paliativas e que no período das chuvas ficam num estado precário".

#### Escassez de táxi

Lopes Lameira referiu que face ao avançado estado da degradação da via, as pessoas se debatem com escassez de táxis e com o elevado custo da passagem: "nesta época de chuvas as pessoas são obrigadas a percorrer grandes distâncias a pé porque os taxistas não chegam até à paragem, devido ao avançado estado de degradação das vias de acesso". Simão João revelou que circular na Rua Ngola Kiluanje tem sido feito com enormes riscos e dificuldades. Acrescentou que o mau estado da via tem contribuído para a ausência dos táxis e o registo de muitos engarrafamentos:

Os poucos taxistas que estão a exercerem a actividade aproveitam-se da situação insistindo em fazer linhas curtas e praticando preços especulativos. Geralmente transportam os passageiros entre a Cuca/Igreja ou Cípal/São Paulo cobrando 100 kwanzas.

Em São Paulo, os passageiros são obrigados a caminhar até à paragem junto à dependência do BFA ou até à Rádio Eclésia, para apanhar outro táxi que os leve para os seus locais de destino.

#### Amontoados de lixo

Associados à degradação da Rua

, Ngola Kiluanje encontram-se os amontoados de lixo produzido pelas vendedoras ambulantes e moradores. O difícil acesso àquelas áreas faz com que as viaturas das operadoras de limpeza não realizem a sua actividade de recolha dos resíduos sólidos.

Maria Stella Paulino, moradora no Cacuo, disse que é visível a existência de focos de lixo ao longo da rua, principalmente nas zonas de São Paulo, Cuca, Hoji ya Henda e Kicolo.

"Os comerciantes e vendedoras ambulantes são os responsáveis pelo lixo que está acumulado ao longo da via", concluiu.

### **1.40 Estudos técnicos sobre a biodiversidade realizados na província da Lunda-Norte**

Jornal de Angola

23 de Abril de 2011

A investigação é promovida pelo Ministério do Ambiente. O Ministério do Ambiente realiza no dia 25 deste mês uma expedição à Lagoa de Carumbo, Lunda-Norte, com o objectivo de realizar estudos técnicos e científicos sobre a biodiversidade local.

De acordo com uma nota de imprensa, a expedição visa, igualmente, fazer um levantamento técnico e científico para a criação de uma nova área protegida, cuja prioridade está estabelecida na Estratégia Nacional da Biodiversidade e Plano de Acção (NBASP).

Segundo o Ministério do Ambiente, a expedição vai desempenhar um papel importante com vista ao desenvolvimento sustentável, através da conservação e preservação das espécies biológicas.

O documento refere que a expedição surge no âmbito do programa do Ministério do Ambiente que visa aumentar o número de áreas de conservação do território nacional, em função da Estratégia e Plano de Acção Nacionais para a Biodiversidade, que identifica a necessidade de condução e divulgação ampla dos estudos sobre os habitats terrestres, costeiros e ecossistemas de alto valor biológico.

O trabalho vai ser realizado com a colaboração do governo da província da Lunda-Norte e em parceria com as empresas De Beers Angola, PNUD Angola, FAPESP Brasil e a Sociedade do Nacional Geográfico (SNG).

Com a duração de quinze dias, a expedição vai contar com a participação de especialistas nacionais e internacionais, cuja coordenação está sob responsabilidade da Direcção Nacional da Biodiversidade, afecta ao Ministério do Ambiente.

### **1.41 Inundações destroem plantações na Funda**

Jornal de Angola  
27 de Abril de 2011

Viveiros de camponeses da comuna da Funda, município do Cacuaco, 45 quilómetros a norte de Luanda, foram arrastados pelas águas das chuvas, disse ontem a administradora Rosa Janotá Dias dos Santos.

Os prejuízos foram registados em sete cooperativas, de um total de 25 e das 14 associações da área que trabalham no programa de combate à fome e à pobreza.

A administradora comunal citou as áreas de Muzondo, Ludi 1 e Ludi 2, cujos camponeses receberam empréstimo bancário, em Janeiro, reembolsável em dez meses.

Rosa Janota informou que a administração vai negociar com os bancos que fizeram os empréstimos, no sentido de abrirem uma excepção no prazo de liquidação da dívida.

Os camponeses da comuna da Funda, município do Cacuaco, produzem mais de cinco mil toneladas de hortícolas, frutas e cereais, em cada campanha agrícola, assegurou Rosa Janota Dias dos Santos.

### **1.42 Chuva inundou várias casas particulares**

*Jornal de Angola*

*26 De Março de 2011*

A Intensa chuva que caiu, na madrugada de segunda para terça-feira, na cidade de Ondjiva, causou avultados prejuízos materiais, com dezenas de casas submersas, mobílias a flutuar e muitas famílias sem abrigo.

Na manhã de terça-feira, em várias zonas do centro da cidade e nos bairros Pioneiro Zeca, Castilhos e Naipalala viam-se muitas pessoas a tentarem salvar haveres e outras a retirarem água do interior das casas, com baldes, latas, jarros, com tudo que tinham à mão.

Rogério Mavulino, morador da rua Simione Mucune, no centro da cidade, disse que já previa a situação e que, por isso, não pregou olho, desde o início da chuva. Por volta das 3h 00 viu impotente a água entrar em casa, de uma única divisão, onde vive com a mulher e três filhos. O quintal ficou praticamente inundado, embora a casa não tenha sido muito afectada.

Procura de casas para alugar

Muitas pessoas, com medo de outra chuvada com a mesma intensidade, abandonaram as casas e procuram arrendar outras em locais de maior segurança.

Mavulino, por falta de possibilidades financeiras, não pode fazer isso. Resta-lhe esperar que as chuvas cessem.

Até quinta-feira, não tinha sido apurado o número de famílias afectadas pela chuva. As cheias não se verificaram somente em casas particulares. Vários serviços públicos e privados também foram afectados.

As instalações da direcção provincial da Assistência e Reinserção Social, da empresa LEVON e da Escola Superior Politécnica, que teve de suspender as aulas, também sofreram os efeitos da chuva.

Os bairros Pioneiro Zeca, Castilhos, Bangula e Naipalala também ficaram inundados, mas, ontem, em parte das ruas já era possível a circulação de pessoas e de viaturas. A rua Simione Mucune ficou, igualmente inundada, afectando as instalações da administração municipal do Kwanhama, da TAAG, da biblioteca provincial, da Unitel, da escola do ensino primário 122 e varias casas particulares.

Devido às ruas inundadas, muitos funcionários públicos não foram trabalhar. Há também muitas fossas entupidas, provocando um cheiro nauseabundo. A cidade não tem um sistema de drenagem que permita o escoamento das águas, o que origina que fiquem estagnadas em quintais e nas vias públicas.

A sucção das águas, com o recurso a carros cisternas, sugerem algumas pessoas, resolve parte do problema. A entrada da água da chuva em casas deve-se, também, aos entulhos nas ruas, resultantes das obras de reabilitação da cidade, que impedem a sua circulação. Governo procura soluções

O vice-governador para sector técnico e infra-estruturas disse que a Comissão de Protecção Civil está a retirar as águas estagnadas nos quintais do bairro Pioneiro Zeca.

"Esperamos que, no quadro da realização do plano integrado das infra-estruturas da cidade de Ondjiva, a situação do tratamento da drenagem das águas, que caem dentro do perímetro dos diques de protecção, tenha solução imediata", afirmou Cristino Ndeitunga.

Esta é uma questão que requer um estudo integrado de todo o sistema de drenagem da cidade de Ondjiva, referiu, adiantando que se aguarda que o gabinete técnico comece a estruturar o lançamento do estudo para, nos próximos tempos, se resolver o problema de drenagem das águas de uma forma sustentável. A situação, lembrou, é também preocupante no município do Namacunde, onde há também casas inundadas.

O governo provincial, disse, está a fazer um levantamento para estudar medidas a tomar para minimizar situação.

### **1.43 Chuvas obrigam Ministério do Ambiente a precaver-se**

*Semanário Angolense*

*19 De Março de 2011*

O Ministério do Ambiente vai propor um plano de gestão das bacias hidrográficas das províncias do Kuando Kubango, Moxico, Cunene, Huíla, Benguela e o Namibe, para que se saiba o comportamento dos rios da região sul do país quando recebem muita água, visto que se transformam em grandes máquinas de destruição de vidas humanas e meios materiais.

Aquele ministério prevê, ainda este ano, realizar um plano de gestão das bacias hidrográficas daqueles rios soube o *Semanário Angolense* de fonte ligada ao sector. Em relação ao ambiente a situação é crítica, visto que no troço rodoviário que liga as províncias do Namibe e Lubango, se as chuvas continuarem para além das dificuldades que já se fazem sentir, como aluimento de terras de enormes blocos de pedra, a estrada poderá ser cortada.

Durante o semestre em curso uma equipa de especialistas fará uma auditoria à província do Namibe para que se tenha uma noção dos elementos essenciais do ponto de vista ambiental, de forma a serem tomados em conta aquando da eventual

destruição de infraestruturas sociais áreas agrícolas e desalojamento das populações.

De acordo com a fonte, houve na província um certo desajuste no que respeita ao desassoreamento dos grandes vales que a região ostenta e como resultado, as fortes correntes de água das chuvas vindas da província da Huíla e outros locais estão a causar vários danos humanos e materiais.

Estão a ocorrer fortes impactos, tanto materiais como humanos e, em consequência a ponte do rio Giraul de cima foi completamente destruída, prevendo-se para a sua restauração e para evitar transbordos um enorme esforço no desassoreamento dos caudais, por causa da acumulação de resíduos.

Uma delegação do Ministério do Ambiente chefiada pelo director nacional do Ambiente Camilo Ceitas visitou a região com o objectivo de se inteirar e fazer uma avaliação dos estragos sobretudo das famílias que foram afectadas directa ou indirectamente tiveram vítimas mortais e perderam bens e animais.

Construções mais sustentáveis com o EIA

Por seu lado o director nacional de Gestão Ambiental, Vladimir Russo disse esta semana em Luanda, que o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) permite tornar a construção de infra-estruturas ambientalmente sustentáveis além de fornecer sugestões para a utilização de materiais ecologicamente saudáveis.

De acordo com o ambientalista avaliação dos estudos de impacto ambiental é feita com base em várias metodologias e critérios aprovados a nível nacional ou internacional. Para o caso de Angola são analisados os potenciais impactos do ponto de vista da previsão da magnitude e interpretação da importância desses impactos. Geralmente este estudo é efectuado através da discriminação dos impactos positivos e negativos directos e indirectos imediatos e a médio e longo prazos temporários e permanentes. É feita a análise do grau de reversibilidade de cada uma das acções as suas propriedades cumulativas e sinérgicas e a distribuição dos ónus e benefícios sociais.

"O EIA propõe acções e processos de gestão ambiental que podem incluir mecanismos de gestão de resíduos sólidos e efluentes líquidos instalação de estações de tratamento de águas residuais e minimização dos impactos ambientais" explicou o especialista realçando que "o estudo pode igualmente sugerir e recomendar boas práticas relacionadas com o reaproveitamento da água utilização de energia solar gestão do uso de combustíveis e gestão ambiental da obra".

Vladimir Russo defende que o local de inserção do projecto é relevante "devendo-se evitar, sempre que possível, áreas ecologicamente sensíveis, perda irreversível da biodiversidade, sobre exploração dos recursos naturais e degradação da qualidade de vida das pessoas, já que as obras devem ser feitas para proporcionar ambiente saudável às populações".

Um EIA é uma análise dos potenciais impactos de uma construção do ponto de vista ambiental tanto negativos como positivos, com vista a minimizar os danos negativos e maximizar os positivos.

É também uma ferramenta para promover as boas práticas e sustentabilidade ambiental de projectos e cumprimento da legislação ambiental, contribuindo para os princípios do desenvolvimento sustentável.

Evitar uma factura muito cara

A necessidade da protecção e preservação do meio ambiente, bem como o asseguramento e equilíbrio que deve existir entre a economia e a ecologia e a implementação da "economia verde", faz com que o Ministério do Ambiente procure atrair empresários estrangeiros, entre outros, para que, em parceria com os angolanos, possam investir no ramo de tecnologias limpas nos vários sectores da economia. Para tal, o vice-ministro, Syanga Abílio, realizou em Lisboa, Portugal encontros e conferências para a promoção da 1ª Feira Internacional do Ambiente, Equipamentos, Serviços e Tecnologias Limpas, que se realizará em Luanda, de 26 a 29 de Março, numa promoção do Ministério do Ambiente e parceiros. A organização do evento continua a receber a confirmação de participação de diversos expositores nacionais e internacionais.

Angola é signatária da Convenção das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas e do Protocolo de Kyoto e deve introduzir as tecnologias limpas para reduzir a pressão sobre os recursos naturais e melhorar a qualidade de vida das pessoas, favorecendo o crescimento económico, pelo que as tecnologias limpas, que serão exibidas na feira internacional, em Luanda, enquadram-se na estratégia do sector em relação à educação e consciencialização ambiental.

Assim sendo, urge a educar as pessoas no sentido de cultivarem valores, comportamentos, hábitos e competências para proteger e preservar o ambiente, da mesma forma como é importante educar os vários sectores da economia do país, principalmente os que transformam os recursos, sobre a necessidade da promoção do uso das tecnologias limpas, não apenas na produção dos bens, mas também na venda de serviços. Como experiência piloto, as tecnologias

limpas serão implementadas nos sectores do urbanismo e construção, indústria, energia, transportes, agricultura e floresta.

Para evitar pagar, no futuro, uma factura ambiental muito cara, o Ministério do Ambiente empenha-se em apoiar o desenvolvimento económico do país, com o acompanhamento das tecnologias modernas para garantir o desenvolvimento sustentável.

Ainda no quadro da realização da Feira Internacional em Luanda, o MA está a promover o evento com a realização de encontros e campanhas, para dinamização do mercado nacional.

Portugal, Brasil, Espanha, Inglaterra, entre outros, são alguns dos países cujos expositores já confirmaram a sua presença, faltando ainda a China, que também poderá apresentar a sua experiência neste ramo de "tecnologias amigas do ambiente".

O certame será realizado em parceria com a FI L, contando reunir mais de 100 expositores, alguns dos quais querem investir no ramo de tecnologias limpas em Angola, indo permitir atrair um maior número de investidores, assim como a partilha de experiências.

A introdução de novos produtos, serviços e tecnologias ambientais será um estímulo à economia, através da criação de novas empresas, postos de trabalho, associando assim a melhoria ambiental à qualidade de vida das populações e contribuindo para o crescimento sustentável de Angola.

A crescente preocupação com ambiente e a necessidade de lhe dar resposta fomentou extraordinariamente a busca por essas tecnologias.

#### **1.44 Chuva inundou várias casas particulares**

*Journal de Angola*

*26 De Junho de 2011*

A Intensa chuva que caiu, na madrugada de segunda para terça feira, na cidade de Ondjiva, causou avultados prejuízos materiais, com dezenas de casas submersas, mobílias a flutuar e muitas famílias sem abrigo.

Na manhã de terça-feira, em várias zonas do centro da cidade e nos bairros Pioneiro Zeca, Castilhos e Naipalala viam-se muitas pessoas a tentarem salvar haveres e outras a retirarem água do interior das casas, com baldes, latas, jarros, com tudo que tinham à mão.

Rogério Mavulino, morador da rua Simione Mucune, no centro da cidade, disse que já previa a situação e que, por isso, não pregou olho, desde o início da chuva. Por volta das 3h 00 viu impotente a água entrar em casa, de uma única divisão, onde vive com a mulher e

três filhos. O quintal ficou praticamente inundado, embora a casa não tenha sido muito afectada.

Procura de casas para alugar

Muitas pessoas, com medo de outra chuvada com a mesma intensidade, abandonaram as casas e procuraram arrendar outras em locais de maior segurança.

Mavulino, por falta de possibilidades financeiras, não pode fazer isso. Resta-lhe esperar que as chuvas cessem.

Até quinta-feira, não tinha sido apurado o número de famílias afectadas pela chuva. As cheias não se verificaram somente em casas particulares. Vários serviços públicos e privados também foram afectados.

As instalações da direcção provincial da Assistência e Reinserção Social, da empresa LEVON e da Escola Superior Politécnica, que teve de suspender as aulas, também sofreram os efeitos da chuva.

Os bairros Pioneiro Zeca, Castilhos, Bangula e Naipalala também ficaram inundados, mas, ontem, em parte das ruas já era possível a circulação de pessoas e de viaturas. A rua Simione Mucune ficou, igualmente inundada, afectando as instalações da administração municipal do Kwanhama, da TAAG, da biblioteca provincial, da Unitel, da escola do ensino primário 122 e varias casas particulares.

Devido às ruas inundadas, muitos funcionários públicos não foram trabalhar. Há também muitas fossas entupidas, provocando um cheiro nauseabundo. A cidade não tem um sistema de drenagem que permita o escoamento das águas, o que origina que fiquem estagnadas em quintais e nas vias públicas.

A sucção das águas, com o recurso a carros cisternas, sugerem algumas pessoas, resolvia parte do problema. A entrada da água da chuva em casas deve-se, também, aos entulhos nas ruas, resultantes das obras de reabilitação da cidade, que impedem a sua circulação.

Governo procura soluções

O vice-governador para sector técnico e infra-estruturas disse que a Comissão de Protecção Civil está a retirar as águas estagnadas nos quintais do bairro Pioneiro Zeca.

"Esperamos que, no quadro da realização do plano integrado das infra-estruturas da cidade de Ondjiva, a situação do tratamento da drenagem das águas, que caem dentro do perímetro dos diques de protecção, tenha solução imediata", afirmou Cristino Ndeitunga.

Esta é uma questão que requer um estudo integrado de todo o sistema de drenagem da cidade de Ondjiva, referiu, adiantando que se aguarda que o

gabinete técnico comece a estruturar o lançamento do estudo para, nos próximos tempos, se resolver o problema de drenagem das águas de uma forma sustentável. A situação, lembrou, é também preocupante no município do Namacunde, onde há também casas inundadas.

O governo provincial, disse, está a fazer um levantamento para estudar medidas a tomar para minimizar situação.

## **1.45 Chuvas obrigam Ministério do Ambiente a precaver-se**

*Semanário Angolense*

*19 De Junho de 2011*

O Ministério do Ambiente vai propor um plano de gestão das bacias hidrográficas das províncias do Kuando Kubango, Moxico, Cunene, Huíla, Benguela e o Namibe, para que se saiba o comportamento dos rios da região sul do país quando recebem muita água, visto que se transformam em grandes máquinas de destruição de vidas humanas e meios materiais.

Aquele ministério prevê, ainda este ano, realizar um plano de gestão das bacias hidrográficas daqueles rios soube o *Semanário Angolense* de fonte ligada ao sector. Em relação ao ambiente a situação é crítica, visto que no troço rodoviário que liga as províncias do Namibe e Lubango, se as chuvas continuarem para além das dificuldades que já se fazem sentir, como aluimento de terras de enormes blocos de pedra, a estrada poderá ser cortada.

Durante o semestre em curso uma equipa de especialistas fará uma auditoria à província do Namibe para que se tenha uma noção dos elementos essenciais do ponto de vista ambiental, de forma a serem tomados em conta aquando da eventual destruição de infraestruturas sociais áreas agrícolas e desalojamento das populações.

De acordo com a fonte, houve na província um certo desajuste no que respeita ao desassoreamento dos grandes vales que a região ostenta e como resultado, as fortes correntes de água das chuvas vindas da província da Huíla e outros locais estão a causar vários danos humanos e materiais.

Estão a ocorrer fortes impactos, tanto materiais como humanos e, em consequência a ponte do rio Giraul de cima foi completamente destruída, prevendo-se para a sua restauração e para evitar transbordos um enorme esforço no desassoreamento dos caudais, por causa da acumulação de resíduos.

Uma delegação do Ministério do Ambiente chefiada pelo director nacional do Ambiente Camilo Ceitas visitou a região com o objectivo de se inteirar e fazer uma avaliação dos estragos sobretudo das famílias que foram afectadas directa ou indirectamente. tiveram vítimas mortais e perderam bens e animais.

#### Construções mais sustentáveis com o EIA

Por seu lado o director nacional de Gestão Ambiental, Vladimir Russo disse esta semana em Luanda, que o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) permite tornar a construção de infra-estruturas ambientalmente sustentáveis além de fornecer sugestões para a utilização de materiais ecologicamente saudáveis.

De acordo com o ambientalista avaliação dos estudos de impacto ambiental é feita com base em várias metodologias e critérios aprovados a nível nacional ou internacional. Para o caso de Angola são analisados os potenciais impactos do ponto de vista da previsão da magnitude e interpretação da importância desses impactos. Geralmente este estudo é efectuado através da discriminação dos impactos positivos e negativos directos e indirectos imediatos e a médio e longo prazos temporários e permanentes. É feita a análise do grau de reversibilidade de cada uma das acções as suas propriedades cumulativas e sinérgicas e a distribuição dos ónus e benefícios sociais.

"O EIA propõe acções e processos de gestão ambiental que podem incluir mecanismos de gestão de resíduos sólidos e efluentes líquidos instalação de estações de tratamento de águas residuais e minimização dos impactos ambientais" explicou o especialista realçando que "o estudo pode igualmente sugerir e recomendar boas práticas relacionadas com o reaproveitamento da água utilização de energia solar gestão do uso de combustíveis e gestão ambiental da obra".

Vladimir Russo defende que o local de inserção do projecto é relevante "devendo-se evitar, sempre que possível, áreas ecologicamente sensíveis, perda irreversível da biodiversidade, sobre exploração dos recursos naturais e degradação da qualidade de vida das pessoas, já que as obras devem ser feitas para proporcionar ambiente saudável às populações".

Um EIA é uma análise dos potenciais impactos de uma construção do ponto de vista ambiental tanto negativos como positivos, com vista a minimizar os danos negativos e maximizar os positivos.

É também uma ferramenta para promover as boas práticas e sustentabilidade ambiental de projectos e cumprimento da legislação ambiental, contribuindo para os princípios do desenvolvimento sustentável.

Evitar uma factura muito cara

A necessidade da protecção e preservação do meio ambiente, bem como o asseguramento e equilíbrio que deve existir entre a economia e a ecologia e a implementação da "economia verde", faz com que o Ministério do Ambiente procure atrair empresários estrangeiros, entre outros, para que, em parceria com os angolanos, possam investir no ramo de tecnologias limpas nos vários sectores da economia.

Para tal, o vice-ministro, Syanga Abílio, realizou em Lisboa, Portugal encontros e conferências para a promoção da 1ª Feira Internacional do Ambiente, Equipamentos, Serviços e Tecnologias Limpas, que se realizará em Luanda, de 26 a 29 de Março, numa promoção do Ministério do Ambiente e parceiros. A organização do evento continua a receber a confirmação de participação de diversos expositores nacionais e internacionais.

Angola é signatária da Convenção das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas e do Protocolo de Kyoto e deve introduzir as tecnologias limpas para reduzir a pressão sobre os recursos naturais e melhorar a qualidade de vida das pessoas, favorecendo o crescimento económico, pelo que as tecnologias limpas, que serão exibidas na feira internacional, em Luanda, enquadram-se na estratégia do sector em relação à educação e consciencialização ambiental.

Assim sendo, urge a educar as pessoas no sentido de cultivarem valores, comportamentos, hábitos e competências para proteger e preservar o ambiente, da mesma forma como é importante educar os vários sectores da economia do país, principalmente os que transformam os recursos, sobre a necessidade da promoção do uso das tecnologias limpas, não apenas na produção dos bens, mas também na venda de serviços. Como experiência piloto, as tecnologias limpas serão implementadas nos sectores do urbanismo e construção, indústria, energia, transportes, agricultura e floresta.

Para evitar pagar, no futuro, uma factura ambiental muito cara, o Ministério do Ambiente empenha-se em apoiar o desenvolvimento económico do país, com o acompanhamento das tecnologias modernas para garantir o desenvolvimento sustentável.

Ainda no quadro da realização da Feira Internacional em Luanda, o MA está a promover o evento com a realização de encontros e campanhas, para dinamização do mercado nacional.

Portugal, Brasil, Espanha, Inglaterra, entre outros, são alguns dos países cujos expositores já confirmaram a sua presença, faltando ainda a China, que também poderá apresentar a sua experiência neste ramo de "tecnologias amigas do ambiente".

O certame será realizado em parceria com a FI L, contando reunir mais de 100 expositores, alguns dos quais querem investir no ramo de tecnologias limpas em Angola, indo permitir atrair um maior número de investidores, assim como a partilha de experiências.

A introdução de novos produtos, serviços e tecnologias ambientais será um estímulo à economia, através da criação de novas empresas, postos de trabalho, associando assim a melhoria ambiental à qualidade de vida das populações e contribuindo para o crescimento sustentável de Angola.

A crescente preocupação com ambiente e a necessidade de lhe dar resposta fomentou extraordinariamente a busca por essas tecnologias.

## **1.46 Desarborização preocupa cidadãos**

*Semanário Factual*

*De 26 de Junho 2011*

As árvores trazem benefícios sócio-ambientais de grande importância. Essas são imprescindíveis no que toca ao abrandamento dos efeitos da elevação da temperatura, melhorando a qualidade do ar, bem como servem para ornamentar a cidade com o aumento de áreas verdes e flores.

Em Luanda, a inexistência de espaços verdes está a deixar preocupados os cidadãos que procuram por um momento de lazer ou um local onde possam respirar melhor.

Falta de árvores traz problemas de fórum ambiental

A desarborização da capital do País, principalmente na zona urbana, poderá influenciar muito para o surgimento de problemas do fórum ambiental, piorar a poluição atmosférica causada pelo excesso de resíduos (sólidos, líquidos ou gasosos) capazes de colocar em risco a biosfera.

A estes males, acrescentam-se os transportes e as instalações industriais que produzem o monóxido de carbono e o dióxido de carbono que causam distúrbios respiratórios.

O aumento da temperatura no centro urbano, devido à concentração exagerada de cimento e asfalto, que cobrem o solo e reflectindo o calor solar, são factores que já se sentem em Luanda.

A desarborização pode, igualmente, causar a destruição da camada de Ozono, gás instável que se encontra distribuído, principalmente na estratosfera,

e que impede a penetração dos raios ultravioletas nocivos à vida.

O seu desaparecimento ou diminuição pode vir a provocar câncer de pele.

Luanda já vive o efeito estufa

O efeito estufa é uma das situações que já se vivenciam na província de Luanda, devido à dispersão de gás carbónico na atmosfera, pela sua emissão por parte dos automóveis e queimadas, que retêm as radiações infravermelhas na camada atmosférica.

O Factual, no seu périplo realizado na cidade de Luanda, constatou situações desagradáveis para o ambiente, como o desaparecimento gradual da Zona Verde, no município da Maianga, o desaparecimento do espaço verde na

zona do eixo-viário, na Ingombota, o abate gradual da floresta da ilha do Cabo e o sumiço total dos eucaliptos na zona do Rangel, situação que causou a inundação em vários pontos do município.

Na Maianga, o Factual falou com o morador Xavier Francisco, que é alguém que já teve o prazer de desfrutar a beleza e os benefícios da então Zona Verde que hoje se reduziu num espaço de lixo. "Naquela época, nós caminhávamos, aí os meninos aproveitavam para brincar, Hoje, o espaço está abandonado e a ser invadido por construções. Além disso, entristece-me muito saber que temos um Ministério do Ambiente que não vele por este local, visto muitos políticos governantes terem passado por aqui e terem tido momento excepcional", recordou Xavier Francisco, magoado.

Ambiente carece de esforços conjuntos

Xavier Francisco alerta as associações ambientais, bem como outras entidades afectas ao ambiente, para que unam esforços em conjunto com os moradores, no sentido de se reestruturar o espaço.

Uma das situações que chamaram a atenção do semanário tem a ver com o que aconteceu no município do Rangel, devido ao abate das árvores (eucaliptos) que faziam a sucção das águas dos lençóis freáticos. Esse facto fez que a zona ficasse sempre inundada.

Outro morador do Rangel, João António, informou ao Factual que "esta zona, aquando da existência dos eucaliptos, era um lugar bom para se viver. Só depois do crescimento não urbanizado e do abate total das árvores, começámos a ter fortes problemas até chegar ao ponto de abandonar a casa".

Para os ambientalistas, a situação de Luanda é crítica, devido ao desaparecimento gradual da cintura verde em grande parte da cidade, bem como o aumento de edifícios que dificultam muito a circulação do ar. Para tal, o jovem Santos Mateus afirma ser necessário desenvolver-se projectos para a arborização da capital,

de forma a evitar-se situações ambientais não propícias para o homem.

### **1.47 Chuvas em Luanda: um autêntico calvário**

*O Independente*

*26 De Junho de 2011*

Tudo se repete em Luanda sempre que chove, desde as longas filas de viaturas e de pessoas nas estradas esburacadas, ruas alagadas, trânsito caótico, aumento do preço da corrida do táxi, atrasos e ausências ao serviço, escolas, enfim um quadro quase considerado crítico ou melhor ainda "caótico". A frase onde se diz que a urbe não está preparada para chuvas é uma frase "gasta e antiga", até já se transformou numa rotina ( ... ) que quase deixou de ser ouvida e os cidadãos conformam-se com a dura realidade.

Nas últimas semanas tem chovido com frequência em Luanda, apesar de não serem torrenciais em algumas regiões da cidade, mas para a maioria dos habitantes a vida tomou-se mais complicada, principalmente para os residentes na periferia. Mas são estes os cidadãos que vivem nos subúrbios os que mais sofrem com esta situação. As estradas que dão acesso ao centro da cidade, onde estão situados os ministérios e outros organismos públicos são deficientes.

As obras em curso na maioria das vias rodoviárias dificultam ainda mais a circulação de viaturas, como o caso da 21 de Janeiro que dá acesso à parte sul da cidade, ou mesmo de Viana ou Cacuaco. Em consequência disso, muitos habitantes são forçados a andar a pé para chegarem ao destino e várias viaturas avariadas ao longo das vias.

José Gomes é uma adolescente que estuda a 12ª classe no Centro Pré-Universitário da Ingombota, moradora no bairro do Gamek. Encontramo-la numa paragem de táxi para tentar chegar à escola, na sexta-feira, dia da última enchurrada que começou de madrugada.

A garota confessou-nos que já tinha perdido o primeiro tempo de aulas e o transporte estava cada vez mais difícil. Quando perguntamo-la sobre o que havia de fazer perante esta realidade, a rapariga limitou-se a encolher os ombros.

<<Isto está mal, não sei o que fazer.

Se eu tentar ir a pé vou chegar a escola toda borrada de lama. As ruas estão todas alagadas e os táxis estão difíceis. Estes estão a cobrar 300 K wanzas pela corrida e mesmo assim está difícil. Sinceramente não se pode compreender que a capital de um país esteja nestas condições. O governo devia fazer alguma coisa.»

João Mendes Jacinto trabalha para uma empresa pública no centro da cidade. Enfrenta a mesma dificuldade que outras pessoas para chegar ao serviço. Descreve a situação como sendo bastante crítica e roga para que não volte mais a chover em Luanda.

«Estou a sofrer demais desde que começou a chover em Luanda. É assim todos os anos e o Governo devia acautelar esta situação. As obras que estão a ser feitas agora nas estradas deviam ser feitas com antecedência, no tempo seco. Isto está mal, isto está péssimo. Olhe da forma que estou todo borrado.

Consegui apanhar três táxis do Asa Branca até aqui no São Paulo e agora estou à espera de um outro que me leve à Mutamba, mas eles estão a vir todos cheios.»

As chuvas agravam os engarrafamentos, uma doença que já tomou conta de Luanda, o mano José Maria dos Santos esta com a bola toda, tendo prometido resolver ou minimizar este sofrimento da população da periferia. Por causa destes engarrafamentos e mau estado das estradas, no interior do bairros, muitos moradores com viaturas cortam o caminho, como se diz na gíria, para fugir os engarrafamentos. Entram pelos becos, levando-os a fazer movimentos semelhante ao dos taxistas.

É este o dia a dia em Luanda, uma cidade que já inspirou poetas e cantores. Nesta época do ano, tudo se torna mais complicado. É um verdadeiro calvário para a maioria dos seus habitantes., com realce para os da periferia.

### **1.48 Costa marítima é um atentado à saúde pública**

*Semanário Factual*

*De 19 a 26 de Junho de 2011*

O cenário, patente há mais de três anos, após as quedas de chuvas que destruíram o Centro de Formação de Pescas (CEFOPEPES), mostra a destruição de mais de seis campos agrícolas e de residências nos bairros Paraíso, Cerâmica, além de viaturas soterradas no mar e mais de 900 desalojados.

Trabalhadores de empresas privadas e cidadãos voluntários empenham-se, diariamente, para o restauro ecológico da costa marítima, mas a falta de incentivo e de meios apropriados para uma limpeza geral e eficiente implica negativamente para a saúde pública dos utentes.

A costa, tida pelo corpo de Bombeiro da Polícia Nacional perigosa para os banhistas, não possui equipas de salva-vidas quando os cidadãos, por negligência, permanecem em locais, cuja permeabilidade da terra e a sua composição rochosa é frágil.

De acordo com fonte das operações da 37ª esquadra da sede municipal de Cacucaco, o péssimo estado ecológico da costa marítima deve-se à falta de higiene das peixeiras e dos pescadores que consideram o mar um lugar de depósito dos seus fragmentos pútridos e restos das suas pescarias.

"Não têm sido frequentes casos de afogamento nestas praias, mas, quando tal sucede, é porque ocorreram nos locais proibidos pela corporação de bombeiros. O outro perigo que apresenta a costa é a presença de diversos sedimentos no fundo marinho, derivados de carros e de embarcações destruídas pela chuva de Janeiro de 2007", afirmou a fonte.

Considerou que "os meios rolantes que possuímos nas são suficientes para uma costa de mais três quilómetros, logo as sinaléticas facilitam-nos apenas fiscalizar outras áreas de maior frequência populacional. Mas, tudo estamos a fazer para, nos próximos dias, termos a costa do Norte de Luanda limpa e pouco nauseabunda.

Os pescadores negaram as acusações advindas da 37ª esquadra da Polícia Municipal e criticaram o corpo de bombeiros, por nada resolverem, a fim de impedirem os casos de afogamentos que se registam em feriados, em festas em fins-de-semana, assim como pelos motoqueiros que frequentam a beira-mar para práticas de "rachas" (corridas).

Cândido Eliseu, pescador há 20 anos, afirmou não existirem contentores para o depósito de lixo em toda a costa do município de Cacucaco, o que contrasta com a iniciativa da restauração ecológica da mesma. "O único lugar que as peixeiras têm para o depósito de lixo é o mar", informou.

A ecologista Paula Martins aconselhou os cidadãos utentes da praia das Antenas, do CEFOPESCA e da Vila de Cacucaco a não frequentarem as praias quando o mar expulsa os resíduos sólidos e outros fragmentos marinhos, dada a composição de algumas espécies que são nocivas à pele humana.

A professora considera tardia a limpeza definitiva da costa, em contrapartida, louva a iniciativa para se colmatar tal situação, uma vez a praia ser frequentada também por crianças e adultos de Viana e da Funda.

## **1.49 Devastação das florestas leva a catástrofes**

*Jornal de Angola*

*22 De Junho de 2011*

A ministra do Ambiente encorajou, ontem, os angolanos a melhor preservarem as florestas, pois a sua devastação pode aumentar as calamidades naturais e ter consequências para a saúde humana.

Em declarações à Angop, por ocasião do Dia Mundial da Floresta, assinalado ontem, Fátima Jardim sustentou que a devastação desses espaços verdes por queimadas, e não só, continua a pôr em perigo a vida de muitas pessoas, espécies animais e plantas, situação que "não compensa a própria biodiversidade".

Segundo a ministra, a prática das queimadas é mais notória nas comunidades, onde alguns cidadãos fazem o corte de árvores para a produção de carvão vegetal e a exploração de lenha para a comercialização.

"A medida que cortamos as florestas, as ravinas e as catástrofes naturais podem aumentar, caso não sejam tomadas medidas de mitigação", alertou.

Defendeu ainda que se imponham medidas mais adequadas contra este mal, tendo em conta a importância que as florestas e as árvores no geral têm para a vida das pessoas no planeta terra. No quadro do licenciamento ambiental da exploração de florestas, o sector que dirige, em parceria com o Ministério da Agricultura, vai reforçar as medidas de controlo das zonas florestais de Angola, uma vez que muitas têm falta de guardas. Acrescentou que os desafios de utilização dos recursos naturais, sobretudo das florestas, devem ser cada vez mais sustentáveis. A ministra sugeriu o envolvimento das comunidades para melhorar a protecção das florestas, e a sua consciencialização para a importância que as mesmas têm no quotidiano, situação que passa, também, pela melhoria das suas condições de vida.

Para as áreas onde se desenvolve uma agricultura intensiva, disse haver necessidade de se fomentar a reflorestação ao longo dessas zonas, com vista a compensar as árvores devastadas.

"Por cada hectare de terra cultivada, os agricultores devem plantar uma árvore, com vista à reposição dos danos causados, assim como à melhoria dos solos", disse.

Esclareceu ainda que com o apoio de outros sectores e das associações ambientais, o sector que dirige está a

empreender esforços com vista à redução da devastação das florestas no país.

Pesquisas realizadas indicam que, em todo o mundo, as florestas cobrem 31 por cento da área terrestre, servem de casa a 300 milhões de pessoas e garantem a sobrevivência de 1,6 mil milhões de pessoas.

Assim, a Organização das Nações Unidas mostra o papel fundamental das pessoas na conservação e exploração sustentável das florestas que garantem o seu habitat, a diversidade biológica e a estabilidade para o clima mundial, além de serem fonte de alimentos, medicamentos e água potável.

### **1.50 Degradações das vias dificultam recolha de lixo**

*Semanário Factual*

*De 02 à 09 de Julho de 2010*

O director técnico da Triambiente, empresa encarregue pela recolha do lixo e de resíduos sólidos no município do Rangel, em Luanda, Luís Filipe Tacanho, afirmou na Terça-feira, 29, que o mau estado das vias na municipalidade tem dificultado o seu trabalho.

O gestor referiu que as dificuldades encontradas no município são inúmeras, que vão das péssimas condições das ruas no tempo chuvoso à deposição do lixo em locais impróprios ou fora dos baldes distribuídos para o efeito, assim como o mau acondicionamento dos resíduos por parte dos munícipes e o desrespeito ao horário de deposição.

Segundo a fonte, o mau estacionamento por parte dos automobilistas que com as suas viaturas impedem o acesso dos meios técnicos aos baldes ou às zonas de deposição para a recolha, contribuem igualmente para os entraves.

### **1.51 Capital ecológica de Angola em risco**

*Jornal de Angola*

*De 05 de Julho de 2010*

Com o abate indiscriminado de árvores, a pretensão das autoridades locais tomar o Huambo a capital ecológica de Angola corre sério risco. Esta é a opinião de vários habitantes ouvidos pela nossa reportagem.

António Jamba disse que é preciso tomar medidas para acabar com o fenómeno, apontando como solução o apoio institucional aos camponeses familiares, que procuram sobreviver fazendo carvão, e alargar a utilização pelas populações do gás butano.

"Eu diria mesmo que é necessário que a utilização do gás de cozinha seja incentivado em todo o país, porque o abate de árvores para carvão é feito em todo país", alertou.

Acrescentou que, embora aqui e acolá o Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDF), esteja a criar polígonos florestais, a verdade é que o processo de abate é muito mais dinâmico e não é acompanhado por igual processo de reflorestamento. "São cada vez mais as clareiras em lugares onde ontem eram matas densas", disse.

Para o estudante João Hossi, não basta plantar árvores para renovar florestas que estão a ser destruídas, é preciso prestar educação ambiental às populações e impedir que continuem a abater indiscriminadamente árvores para fazer carvão. "O que se passa é que há interesses económicos instalados, que devem ser imediatamente travados, sob pena de o Huambo se transformar em deserto", alertou.

Pelo menos 38.869 árvores diversas vão ser plantadas, nos próximos meses, em vários perímetros e polígonos florestais da província do Huambo, numa iniciativa do Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDF), inserida no seu programa de repovoamento e fomento florestal.

O chefe da brigada provincial do IDF, Andrade Moreira Bahu, em declarações recentes à imprensa, explicou que o processo de plantação de árvores começa em Outubro e vai se estender até ao mês de Março de 2011, altura em que a chuva diminui de intensidade na região.

Informou que serão plantadas 11.650 árvores de cedro, 12.985 de eucaliptos, 13.934 de pinheiros e 300 acácias de ornamentação.

Estas espécies, segundo o responsável do IDF no Huambo, já se encontram nos viveiros da instituição, aguardando somente pelo início da época chuvosa, para que as mesmas sejam plantadas em locais definitivos.

Andrade Moreira Bahu afirmou que o IDF vai igualmente continuar a fornecer árvores aos fazendeiros para tornar célere o processo de fomento florestal na região.

Disse também que, além das árvores de madeira e de ornamentação, a instituição dispõe, nos seus viveiros, de outras, nomeadamente de mangueiras (48), abacateiros (200), café arábica (675) e 355 flores diversas.

Realçou que durante a primeira fase de plantação de árvores, decorrida entre os meses de Janeiro a Março deste ano, foram plantadas 10.200 mudas de diferentes espécies, principalmente eucaliptos, cedros e pinheiros, além de terem fornecido a fazendeiros das províncias limítrofes um total de 35 mil árvores.

Mais de quatrocentos milhões de kwanzas são necessários para estancar 18 ravinas, nos municípios do Huambo (capital da província), Caála, Longonjo e Tchindjendje, que ameaçam cortar a circulação rodoviária em alguns troços principais e secundários destas circunscrições.

Segundo o director das Obras Públicas na província do Huambo, José Adolfo Morguier, que se manifestou preocupado com a "progressão de algumas ravinas", o sector das Obras Públicas não possui recursos financeiros para estancar o avanço das ravinas, que, por enquanto, são as que mais preocupam.

Destas, explicou, oito encontram-se no município do Huambo, sete na Caála, duas no Longonjo e uma no Tchindjendje

### **1.52 Degradações das vias dificultam recolha de lixo**

*Semanário Factual*

*De 02 à 09 de Julho de 2010*

O director técnico da Triambiente, empresa encarregue pela recolha do lixo e de resíduos sólidos no município do Rangel, em Luanda, Luís Filipe Tacanho, afirmou na Terça-feira, 29, que o mau estado das vias na municipalidade tem dificultado o seu trabalho.

O gestor referiu que as dificuldades encontradas no município são inúmeras, que vão das péssimas condições das ruas no tempo chuvoso à deposição do lixo em locais impróprios ou fora dos baldes distribuídos para o efeito, assim como o mau acondicionamento dos resíduos por parte dos municípios e o desrespeito ao horário de deposição.

Segundo a fonte, o mau estacionamento por parte dos automobilistas que com as suas viaturas impedem o acesso dos meios técnicos aos baldes ou às zonas de deposição para a recolha, contribuem igualmente para os entraves.

### **9.53 Produção ilegal de carvão deixa Huambo sem árvores**

*Jornal de Angola*

*De 05 de Julho de 2010*

A província do Huambo está, aos poucos, a perder as suas matas, devido ao abate indiscriminado de árvores por parte dos produtores de carvão. O responsável do Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDF) do Huambo, Andrade Moreira Bahu, está preocupado com a situação, e disse que as zonas periféricas da cidade e as principais florestas estão a ser devastadas.

"A exploração de carvão para comércio, feita na sua maioria por cidadãos que vivem no meio rural, está a criar desertificação. Os carvoeiros intensificaram a actividade e até trocam o trabalho de campo pela

extracção de carvão", lamentou Andrade Moreira Bahu. Quem viaja pela província nota logo as clareiras nas matas e os fornos que servem para a produção de carvão. A direcção do Instituto de Desenvolvimento Florestal diz que estão identificadas as áreas de exploração, mas está com dificuldades para descobrir os verdadeiros exploradores.

"É difícil descobrir os proprietários dos inúmeros fornos espalhados pelas matas, porque o abate de árvores é feito por camponeses que vivem nas aldeias. Muitos vendem as árvores aos produtores e quando aparece um fiscal, dizem que estão apenas a cortá-las para abrir lavras," realçou Andrade Moreira Bahu.

O responsável do Instituto de Desenvolvimento Florestal garantiu que "na província não existem empresas licenciadas para exploração de carvão, há apenas comerciantes que patrocinam a extracção e fazem o comércio de forma legal".

#### **Exploração e comercialização**

Ernesto Vitangui, carvoeiro e especialista em construção de fornos, disse que para a exploração de carvão é preciso saber: "primeiro cortam-se as árvores, umas 50 ou mais, faz-se arrumação dos troncos cortados, enterramos o forno, põe-se fogo e depois de três ou mais dias, dependendo da quantidade de árvores derrubadas, temos o carvão". Em seguida é desenterrado o carvão, selecciona-se o produto já transformado, ensaca-se e está pronto para o comércio.

"Sabemos que fazer carvão provoca problemas ao Ambiente, mas por falta de outras condições de sobrevivência recorremos a este negócio e aproveitamos para alargar as lavras", reconheceu Ernesto Vitangui.

Margarida Eyala, vendedora há mais de três anos no mercado informal da Canata, na cidade do Huambo, disse à reportagem do Jornal de Angola que "com muito sacrifício e dedicação consigo tirar alguns lucros para o sustento dos meus quatro filhos".

As revendedoras compram o saco de carvão de 50, quilos ao preço de 700 à 800 kwanzas, para retalhar em embalagens ao preço de 50 kwanzas.

"Levanto-me da cama muito cedo, esperando os que trazem carvão em sacos e "caulamos", para revender a retalho, em embalagens, ao preço de 50 kwanzas", disse.

Filipe António Kwenye, moradora aldeia da Tchitatamela, onde a produção de carvão é a principal actividade, disse que muitos preferem vender o carvão aos clientes provenientes de Luanda, que chegam a levar camiões cheios e a preços mais altos.

"Nós vendemos a comerciantes de Luanda que por vezes para conseguir uma quantidade de pelo menos de dez sacos ficam à espera quase um mês inteiro. Eles compram para revender", referiu Filipe António Kwenye.

## Apelos à população

Há pouca informação nas zonas rurais, muitos carvoeiros não sabem as consequências que os seus actos podem causar à natureza. A reportagem do Jornal de Angola constatou que a maioria dos produtores de carvão não conhece as consequências do derrube de árvores e das queimadas.

O camponês e explorador de carvão Eugénio José Luís reconheceu que anteriormente havia muita floresta densa, mas agora por causa do abate das árvores desapareceram as matas. A bióloga e professora Rosa Nanguendjo Rufino aconselhou à prática da agricultura racional na província, cuidar e preservar os solos. "As árvores dão fertilidade aos solos, através de folhas que caem, servindo de adubos naturais", sublinhou.

O agricultor Pedro Sassoma apelou a um maior rigor dos sobas e das administrações municipais e comunais, informando a população sobre o que deve evitar durante a extracção de carvão, para a preservação do ambiente.

"É necessário proteger as árvores, acabando com o seu abate indiscriminado", defende o agricultor Pedro Sassoma.

Ventura Muhongo, residente na aldeia Luvili, carvoeiro há sete anos, disse que a sua actividade é indispensável à sua sobrevivência, enquanto aguarda pela época das colheitas.

"Como não podemos deixar nada a perder, aproveitamos as árvores para transformá-las em carvão e aumentar a extensão das lavras", realçou Ventura Muhongo.

Para este agricultor, as questões de sobrevivência sobrepeem-se aos problemas ambientais, argumentando que a fome é negra e quando aperta às vezes obriga as pessoas mais racionais a agir de forma irracional.

A direcção do Instituto do Desenvolvimento Florestal pede maior envolvimento da sociedade no combate ao abate anárquico de árvores na província.

### **1.54 Da Floresta só ficou saudades**

*A Capital*

*De 17 à 24 de Julho de 2010*

Fernando David, 39 anos vive na Floresta há mais de 10 anos. E aqui que começou a sua vida adulta. Saiu de casa dos pais, porque sentia da parte dos mesmos uma certa divisão entre os filhos, pois demonstravam, claramente, que preteriam mais uns do que os outros. A situação tomou-se insuportável, até que abandonou o lar.

«Já não conseguia ver a separação entre os irmãos», contou.

O ilhéu nato andou de casa em casa, como o macaco pula de galho em galho, até que chegou na Floresta e nunca mais de lá saiu. Iniciou, então, a sua vida conjugal, mas que não durou muito tempo, porque a família da esposa queria mais do que este podia dar, em função da sua profissão. Mas foi seguindo assim mesmo o seu caminho solitário. Inicialmente, «fiquei atordoado, mas prossegui», salienta.

Apesar de hoje habitar num local completamente diferente da Floresta que conheceu, não perdeu a memória da antiga. Antes um florescimento maravilhoso, mas agora só lixeira. Como lembra o morador, era toda vedada, alta e florida, o raio de sol nem penetrava devido às árvores, estradas bem desenhadas, rotundas com plantas engalanavam a zona.

«É floresta só de nome», considerou, «embora me custe a casa. Espera que refaçam a floresta, apesar de saber que "metade da população não tem para onde ir», apela.

A voz da Administração Municipal da Ingombota

A situação de zonas verdes ainda não é a ideal, nem a que se espera. Mas, a administração move esforços no sentido de melhorar a questão ambiental do município.

Os ocupantes da Floresta não terão resposta positiva

A conservação é uma prioridade a nível do gestão municipal da Ingombota, uma vez que não se pode pensar numa cidade sem áreas verdes, que para além do aspecto belo que dá, também transmitem oxigenação, um ambiente de vida saudável para os cidadãos, eliminando, assim, a poluição ambiental

«Fazemos tudo para preservar os jardins que temos», disse a responsável, ao considerar que, «infelizmente, nem todos falam e praticam as mesmas acções», afirma Suzana de Meio, administradora municipal das Ingombota.

A falta de educação ambiental e cívica é para a administradora, outra lacuna gritante na sociedade. É que muitos cidadãos, embora próximo das passeiras para peões, ainda fazem dos jardins e largos o caminho certo, para o destino que percorrem, sem receio algum e danificar a relva e outras plantações, destruindo qualquer hipótese de vida ambiental. Esta responsabilidade não é atribuída, somente aos pedestres. Em algumas ruas, os jardins acabaram por desaparecer, porque as motorizadas fazem daquilo a sua estrada.

«A interligação ambiental que existia desaparece», defende S. de Meio

A administradora salientou que não consegue compreender, o prazer que os munícipes têm em destruir. Os largos que há pouco foram reparados, já se encontram outra vez degradados. Outra questão, que também a administração reputa como relevante, é o mau uso das árvores. As pessoas usam árvores como balneários que provocam um mau cheiro, na zona adjacente às árvores. A dirigente alega que as mesmas são podadas, como manutenção, não implica que já não sejam necessárias.

«As nossas árvores é que sofrem», considera De Meio. Segundo informou, a manutenção dos jardins e locais a fins são realizados diariamente. Isto é, é varrido, regado, porque, se assim não for, a quantidade de lixo deixado pelos utentes se multiplica. Embora admita a dificuldade na execução desta periodicidade, a edilidade está atenta à falta de recursos para a concretização desta tarefa comunitária. «Muitas vezes, não há água canalizada e temos que recorrer a cisternas», confirma

### **1.55 E nem está consignada para habitação**

*A Capital*

*De 17 à 24 de Julho de 2010*

Dentro do projecto que o Governo da Província de Luanda, GPL, tem e está em curso no âmbito da reabilitação da avenida Murtala Mohamed, a Floresta será reabilitada, permitindo que as pessoas continuem a visitá-la, descansem, tenham lazer, numa área em que possam estar em contacto com a natureza.

«A Floresta continuará a ser floresta», disse, sublinhando que «tem árvores, espécies que continuarão a ser preservadas, apesar de muitas pessoas não sentirem esta acção», informa.

Quanto ao destino dos ocupantes da Floresta, estes não devem temer a retirada, mas sim, se antecipar e abandonar o local, uma vez que aquele sítio não é apropriado para habitação humana, mas sim, uma área de lazer, um bem público.

«A Floresta não está consignada para habitação», afiançou Suzana de Meio, considerando o acto dos habitantes da Floresta da Ilha de Luanda como sendo chantagem. Ela garante em tom severo que "a administração não cederá à mesma", salientando que "na altura da guerra justificava-se, porque muita gente procurou na capital do país segurança, mas há locais certos, descritos pelo governo para acolher pessoas que vivem situação similar. Todos os outros que ocupam espaços públicos, com o fim de obter uma resposta para satisfazer o seu carácter oportunista, não vai encontrar respostas nem na Administração, nem com o GPL.

«É uma questão de ordem e vamos impor a ordem», assevera Meio.

A autoridade máxima daquele município, garantiu que, neste momento, um grupo formado por instituições públicas se move no sentido de saber o paradeiro de cada indivíduo que está na I Floresta. Sabe-se, já, que a maioria dos invasores vieram do município de Cacuaco, Viana e parte da Ilha de Luanda. A administração municipal tem um acordo de trabalho com o MAPESS, Capitania do Porto de

Luanda, Polícia Fiscal e Marítima, para ver que mecanismos usar para reverter esta situação.

«Para ver, efectivamente, como podemos ajudar e melhorar esta situação», rematou.

### **1.56 Exploração de inertes preocupa ambientalistas**

*Jornal de Angola*

*De 14 de Agosto de 2010*

O responsável do departamento do Ambiente da direcção provincial da Agricultura da Huíla, Silvano Levi, disse, ontem, estar preocupado com a exploração de inertes nos arredores da serra do Cristo Rei, no Lubango, feita por garimpeiros tradicionais.

Em seu entender, esta situação está a ter um impacto negativo no ambiente, devido aos enormes buracos para extracção de pedra no cimo da serra, que podem ter graves consequências no futuro, ao provocarem ravinas, desequilíbrio climático, contaminação da água usada para consumo e erosão, entre outras.

"Como técnicos, chamamos a atenção das autoridades no sentido de se tomarem medidas, que passem pela indicação de locais apropriados para exploração de pedras destinadas à construção civil", disse.

O ambientalista explicou que uma das captações de água da cidade do Lubango está na serra do Cristo Rei e por isso é necessário que as aberturas realizadas no local não afectem os lençóis freáticos nem causem a sua contaminação.

Ao longo do rio Caculuvale e zonas adjacentes estão a ser retiradas areias destinadas à construção civil sem a devida precaução, salientou, defendendo a educação ambiental nas escolas, igrejas, mercados informais e outros locais.

A directora provincial da Indústria, Geologias e Minas, Paula Joaquim, esclareceu que algumas medidas sugeridas por especialistas foram acatadas e dentro em breve vão ser aplicadas. Adiantou ainda que o primeiro passo a dar consiste na identificação de locais apropriados para extracção da pedra e no reforço da fiscalização desta actividade.

### **1.57 Queimadas anárquicas preocupam autoridades**

*Jornal de Angola*

*De 22 de Agosto de 2010*

O representante da Extensão de Desenvolvimento Agrário (EDA) no município do Chinguar, Francisco Fortuna, informou que o sector da agricultura no município está preocupado com as frequentes

queimadas anárquicas que se verificam por quase toda a extensão do município.

De acordo com Francisco Fortuna, estas queimadas estão na base do empobrecimento dos solos e da consequente fraca produção, obrigando a elevados despesas para a aquisição de fertilizantes.

Para além do prejuízo que causam aos solos, também provocam desequilíbrio do ecossistema e do habitat de várias espécies, incluindo o próprio homem.

Na região do Chinguar as queimadas são provocadas pelos caçadores furtivos, por camponeses menos informados e por pessoas de má fé, atentatórias do ambiente.

Para pôr cobro a tal situação, a direcção municipal da extensão Agrária desde o ano passado que vem realizando uma intensa campanha de sensibilização das populações sobre os efeitos das queimadas, na qual estão envolvidas as autoridades tradicionais e elementos ligados ao ambiente naquela circunscrição. O representante da Extensão de Desenvolvimento Agrário, Francisco Fortuna, acrescentou ainda que tem sido feito trabalho de vigilância sobre as queimadas provocadas pelos exploradores de carvão, junto do sector das florestas, apelando aos caçador furtivos e aos que se dedicam à exploração da lenha e carvão para que sigam as orientações do sector, no diz respeito à preservação do ambiente.

### **1.58 FAO diz que as cidades verdes aumentam segurança alimentar**

*Jornal o Pais*

*1 de Setembro de 201*

A horticultura urbana poderá ser urna solução, segundo a FAO, para enfrentar a pobreza nas cidades, que poderá atingir os 45% da população citadina, cerca de 1,4 milhões de pessoas, em 2020, segundo urna projecção das Nações Unidas. Para a agência da ONU para a Agricultura e Alimentação, as cidades mais verdes podem ser a chave para assegurar modos de vida sustentáveis, comida nutritiva d e segura e comunidades saudáveis, noticiou a Rádio ONU no passado dia e 28. Tendo em conta as projecções das Nações Unidas, indicando que mais de metade da população dos países em desenvolvimento irá viver em cidades em 2025, a FAO alerta os especialistas em planeamento urbano e os políticos para o dado.

#### **Conceito e soluções**

A ONU considera que o conceito de cidades verdes, geralmente associado à gestão urbana nos países ricos, pode ser adaptado à realidade sócio-

económica das nações pobres. Para a FAO a solução passa pela inversão da tendência actual de urbanização insustentável para um futuro verde que ofereça, escolhas, oportunidades e esperança aos habitantes das cidades, defendendo a prática da horticultura urbana. Durante os últimos 10 anos, duas dezenas de países procuraram, junto da FAO, informações técnicas, incentivos e formação para os chamados "agricultores urbanos

### **1.59 Novas áreas de conservação da biodiversidade**

*Jornal o Pais*

*1 de Setembro de 2010*

O Ministério do Ambiente está a trabalhar na identificação de novas áreas de conservação, no âmbito da preservação e protecção da biodiversidade angolana, revelou hoje, no Lubango, o vice-ministro do sector, Sianga Abílio.

Falando na abertura do primeiro seminário internacional sobre a "Biodiversidade e o Desenvolvimento Sustentável das Comunidades", o responsável disse que se trata dos margens da voz do Rio Congo, floresta do Maiombe e inclui ainda a protecção de espécies como gorilas, chimpanzés, pacaças e o búfalo vermelho. Sianga Abílio sustentou que estas novas áreas serão incluídas na rede existente no país, nomeadamente os parques nacionais.

Acrescentou que o Ministério do Ambiente e seus parceiros estão ainda a recuperar as áreas de conservação, como parques nacionais e espécies ameaçadas de extinção, com destaque para a Palanca Negra Gigante, cujo resultados são animadores, com vista a garantir uma protecção efectiva da biodiversidade. Sianga Abílio referiu que a nova filosofia de gestão das áreas de conservação farão delas zonas de desenvolvimento comunitário, a título de exemplo, apontou o Parque Nacional do Bicuar (Hufla), cuja reabilitação, com os esforços do governo e parceiros, encontra-se habilitado para acolher o ecoturismo.

"O Ministério do Ambiente está engajado na conservação da nossa riqueza biológica e elaborou uma série de legislação que se juntam às existentes, nomeadamente o decreto-lei sobre a avaliação de impactos ambientais, licenciamento e auditorias ambientais, assim como a estratégia nacional sobre a c biodiversidade", lembrou. 1

O vice - ministro do Ambiente considerou que a degradação do habitat, resultante das queimadas, o da caça furtiva, desmatamento, d, obstrução das rotas de transumância, deve ser travada, pois são actos SE que perigam a diversidade biológica.

Sugeriu ser importante o papel do sector privado e empresarial, das organizações não – governamentais são fundamentais, na contribuição, sob forma de parcerias público-privadas (no melhoramento das condições de vida da população.

"O nosso país possui enormes potencialidades em biodiversidade uma e a grande preocupação hoje é a que a actividade exercida pelo homem tem estado a provocar o desaparecimento de muitas espécies os o que poderá reduzir drasticamente esta riqueza", sublinhou.

"É nossa responsabilidade gerir os recursos que nós temos, de forma que usufruamos dele e também pensando no desenvolvimento e nas gerações vindouras", alertou o governante.

Por outro lado, afirmou que a organização deste seminário na Huíla sob o lema: "a biodiversidade n e o desenvolvimento das comunidades envolventes", foi uma escolha feliz, tendo em conta a riqueza biológica que a Huíla ostenta, fenómeno ligado ao tipo de clima onde é notório o desenvolvimento do sector agro-pecuário.

Felicitou os organizadores e disse que os painéis e os temas programados para serem abordados neste seminário vão de encontro à expectativa do ministério no seu programa de massificação de informação ambiental! Junto das populações.

O evento, uma iniciativa da empresa UniOne em parceria com o governo da Huíla e Ministério do Ambiente, encerra domingo e reúne ambientalistas, administradores municipais, militares e estudantes.

### **1.60 Estudo de avaliação de impacto ambiental vai definir criação da indústria de cerâmica**

*Jornal de Angola,*

*De 3 de Setembro de 2010*

A secretaria provincial do Ordenamento do Território, Urbanismo e Ambiente, em parceria com a empresa FTB-Serviços, Lda., realizaram ontem, em Cabinda, uma consulta pública sobre o estudo de avaliação de impacto ambiental do projecto de extracção de argila e implantação de uma indústria cerâmica.

A consulta pública, que decorreu no Anfiteatro da Universidade 11 de Novembro, e que contou com a presença dos membros do governo local, políticos, entidades religiosas, tradicionais, estudantes e docentes universitários, enquadra-se no âmbito dos decretos 51/04, de 23 de Julho, e 59/07, de 13 de Julho, sobre a avaliação de Estudo de Impacto Ambiental e Licenciamento Ambiental.

O estudo de avaliação do impacto ambiental do projecto de extracção de argila e da implantação de uma indústria de Cerâmica vai ser feito na bacia do rio Chiloango, nas localidades de Buli e Sassa Zau, para a produção de tijolos e telhas no Pólo Industrial do Fútila. A empresa FTB-Serviços, Lda, proprietária do projecto, vai investir cerca de 3.7 milhões de dólares americanos para produzir anualmente 10,5 milhões de tijolos e 2,6 milhões de telhas e vai empregar uma força de trabalho composta por 31 trabalhadores distribuídos nas áreas extractiva, fabril e administrativa.

Eduardo Pitra, consultor da empresa Simabel Lda, que efectuou o estudo técnico de avaliação de impacto ambiental do projecto de extracção de argila e implantação de uma indústria cerâmica em Cabinda, disse no acto de apresentação que a extracção de argila e a produção de tijolos e telhas vão consistir exclusivamente em processos físicos, desde a extracção, transporte, stockagem e redução de humidade até ao processamento industrial.

Eduardo Pitra afirmou que os métodos a serem utilizados para modelagem de tijolos e telhas são de extrusão e prensagem.

Explicou que a extorsão é o método mais utilizado na indústria de cerâmica estrutural, por ser mais económico, mas gera produtos de menor valor. A prensagem é um método mais caro e é feita em alguns tipos de telhas com maior valor acrescentado.

O presidente da Associação das Pequenas e Médias Empresas de, Cabinda (APMECA), António Serrano, frisou que a implantação do projecto de indústria de cerâmica em Cabinda é mais uma valia porque vai minimizar as dificuldades que a província enfrenta nos domínios dos materiais de construção e do emprego, principalmente para os jovens que procuram a sua primeira ocupação profissional.

### **1.61 Vítimas das chuvas recebem ajuda**

*Jornal de Angola*

*De 8 de Set. de 2010*

A Direcção Provincial da União Nacional dos Camponeses Angolanos (UNACA) procedeu, na segunda-feira, no Centro de Acolhimento número dois em Ondjiva, à entrega de diversos produtos de primeira necessidade às populações afectadas pelas inundações dos últimos três anos.

Dos produtos entregues aos sinistrados constam fuba de milho, arroz, sal comum, óleo alimentar e sabão.

O governador provincial do Cunene, António Didalelwa, que esteve presente no local da doação, reconheceu a ajuda que as Organizações Não-Governamentais e membros de várias associações da sociedade civil têm dado, na medida do possível, aos sinistrados que "passam por várias dificuldades".

Didalelwa considerou o donativo como sendo um valioso contributo, porque "vai melhorar a dieta alimentar dos sinistrados, num total de 1.300 famílias que aqui se encontram".

A presidente provincial da UNACA, Teresa de Jesus Bravo da Costa, referiu que a doação entregue "é um gesto de solidariedade da Direcção-geral da instituição, que entendeu associar-se aos esforços do governo e de outras entidades no apoio às populações sinistradas pelas calamidades registadas na região".

### Vacinadas cabeça de gado

A Direcção Provincial da Agricultura e Desenvolvimento Rural do Cunene, em parceria com Administração municipal do Namacunde, vacinou mais de quinze mil cabeças de gado contra a pneumonia contagiosa bovina, carbúnculo e dermatose nodular, entre Junho e Julho.

A vacinação decorreu no âmbito da Campanha Nacional de Vacinação Animal, adiantou na sexta-feira ao Jornal de Angola o chefe da Secção Municipal dos Serviços Económico e Produtivo, José dos Santos Tomás, que considerou os resultados da campanha muito positivos, a avaliar pelos números atingidos.

José Santos Tomás realçou que o seu sector tem vindo a trabalhar com as autoridades tradicionais e criadores de gado, com o objectivo de os sensibilizar a levarem o gado aos locais de vacinação, em função dos calendários definidos para cada período de campanha.

Lembrou que a campanha bovina visou, também, encetar medidas de prevenção e controlo para a erradicação das pneumonias bovinas contagiosas, carbúnculo e dermatose nodular, mais frequentes nas províncias do Cunene, Kuando-Kubango e Huíla. Para o efeito, as autoridades tradicionais e os criadores de gado foram orientados no sentido de manterem as medidas de vigilância, controlo sobre o surgimento deste tipo de doenças e informarem, sempre que possível, as autoridades veterinárias locais.

## 1.62 Antecipação às chuvas

*Jornal de Angola*

*De 11 de Set. de 2010*

As autoridades sanitárias da cidade de Luanda pediram aos cidadãos para manterem os locais de residência limpos a fim de evitarem possíveis casos epidémicos transmitidos pelas águas das chuvas. O apelo é extensivo a todas as outras províncias do país, numa altura em que começam as chuvas.

Sabemos que nesta época surgem muitos casos de malária, diarreias, surtos de cólera, doenças que são evitáveis ou pelo menos é possível minimizar os seus efeitos.

Algumas enfermidades que afligem grande parte das nossas populações devem-se ao desleixo nos cuidados primários de higiene. Como a experiência tem demonstrado, o problema não se deve apenas às chuvas e tem relevância em termos económicos e ambientais, apenas para citar estes. É preciso reconhecer que muitas comunidades não acatam convenientemente as medidas emanadas dos órgãos competentes. E depois surgem as doenças que em conduzem à morte, sobretudo de crianças.

É preciso recordar às famílias angolanas que os esforços para conter os estragos provocados pela época das chuvas, deve ser de todos. E das comunidades que vivem em zonas de risco, esperamos colaboração total com a Protecção Civil e as autoridades sanitárias. Diz o ditado popular que mais vale prevenir do que remediar e, assim sendo, não devia ser necessário esperar pelas chuvas para tomarmos determinadas medidas. Tão pouco nos, parece sensato esperar que as autoridades ligadas ao sector da saúde e às entidades responsáveis pelo saneamento dêem o primeiro passo, quando a acção primeira deve partir dos próprios munícipes.

Há passos importantes que podem ser dados a nível local, como por exemplo o correcto manuseio dos resíduos sólidos. Como disse o director provincial da Saúde de Luanda, "todos nós devemos contribuir para manter as comunidades limpas e não esperar apenas que se faça a feita por empresas especializadas contratadas pelo Governo". Nestes esforços, devemos prestar uma particular atenção às crianças, por serem as mais vulneráveis aos efeitos das chuvas. Os pais devem ter um especial cuidado para com os menores, evitando que tenham contacto com os charcos de água.

É preciso acatar as recomendações das autoridades ligadas ao sector da Saúde e manter uma atitude de acção e prevenção. Só assim podemos diminuir o impacto negativo de doenças como a febre tifóide, hepatites, malária, cólera, entre outras de transmissão-hídrica.

Não há dúvidas de que, atendendo ao elevado número de doentes vítimas de malária, por ser nesta altura em que os mosquitos se reproduzem em maior escala, e ao surto de outras doenças ligadas às águas estagnadas, as populações devem sempre recorrer às unidades hospitalares para serem consultadas e não optarem pela auto-medicação.

Da parte das autoridades angolanas, existe um grande esforço para dar resposta aos desafios que o período das chuvas envolve e podíamos evocar muitos exemplos. Estamos todos recordados das instruções dadas pelo Presidente da República, José Eduardo dos Santos, ao Governo Provincial de Luanda para que cuide da recolha e tratamento das águas residuais e para que

viabilize no mais curto prazo o escoamento das águas pluviais e o processo de conversão e modernização das infra-estruturas de saneamento, de forma integrada com todas as redes urbanas.

O mais alto magistrado da Nação deu instruções às autoridades provinciais para recorrerem a todos os meios disponíveis, incluindo à mobilização dos serviços provinciais, e eventualmente nacionais, da Protecção Civil.

O reforço da articulação entre as delegações provinciais de Saúde e as comunidades, entre a Comissão Nacional do Serviço de Protecção Civil e Bombeiros, as Comissões Provinciais de Protecção Civil e as comunidades é fundamental para a obtenção de maior eficiência diante dos efeitos das chuvas e de qualquer calamidade.

É relevante a execução de campanhas de sensibilização e mobilização sobre os cuidados em situações de calamidade, com vista a criar no seio das comunidades atitudes positivas e participativas. Muito está a ser feito para que a época das chuvas seja diferente do passado. As inundações habituais este ano vão ter um combate cerrado com meios técnicos nunca antes mobilizados. Há campanhas de informação e mobilização para que as comunidades evitem os riscos e as doenças. Este ano, os resultados positivos podem atingir níveis mais elevados, se as populações aderirem sem reservas às campanhas de sensibilização e mobilização para a melhoria da higiene comunitária, no âmbito dos esforços de combate às doenças e chuvas.

### **1.63 Devastamento da flora e fauna preocupa instituto.**

*Jornal de Angola,*

*17 de Setembro de 2010*

O director provincial do Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDF) do Kwanza-Norte, Guilherme da Costa, afirmou ontem que a instituição está preocupada com a devastação da fauna e da flora.

Guilherme da Costa referiu que esta situação é mais incisiva no mês de Maio, altura em que a população faz o corte e a queimada das árvores para o cultivo e para a produção de carvão.

"O aumento da temperatura e a falta de chuvas em algumas regiões da província deve-se à má utilização das florestas, onde o abate e a queima constante de árvores é predominante, causando o efeito de estufa e a diminuição do oxigénio", disse o director. Segundo ele, a área mais afectada é o município de Cambambe, onde os carvoeiros cortam as espécies desejáveis para fabrico diário do carvão vegetal, sem posteriormente promoverem o repovoamento florestal do local.

Relativamente à fauna, o responsável afirmou que o IDF, em colaboração com as autoridades administrativas e Polícia Nacional, tem estado a tomar medidas repressivas para banir e desencorajar todos os agentes que se dedicam à caça das espécies animais da região, de forma desordenada.

A direcção tem 14 agentes de fiscalização, mas só quatro estão em acção e mesmo com o apoio policial tem sido insuficiente o controlo dos caçadores furtivos na província, lamentou o responsável.

Guilherme da Costa diz que a orientação do Ministério da Agricultura Desenvolvimento Rural e Pescas é no sentido de ser proibido caçar, mas ressalva que os camponeses e os agricultores podem desenvolver esta actividade para o seu sustento familiar, embora não seja permitida a venda de qualquer animal.

O responsável anunciou que o Instituto de Desenvolvimento Florestal local está a proceder a estudos técnicos para determinar quais os animais em vias de extinção na província.

A direcção do IDF produziu no semestre passado cerca de 12 mil plantas, das quais fruteiras, florestais, eucaliptos, acácias rubras e jacarandás, palmeiras reais e ornamentais. Esta acção, segundo explicou, pretende assegurar a arborização das vilas, cidades e fazendas agro-pecuárias.

Clarificou que o projecto de arborização vai incluir, numa primeira fase, os municípios do Cazengo, Ambaca e Cambambe, com o objectivo de se criar uma cintura verde, cuja finalidade consiste em melhorar as condições de vida da população em termos de saúde, Clima e purificação do oxigénio.

IDF arrecada receitas através de multas

No primeiro semestre deste ano, a IDF do Kwanza-Norte arrecadou um total de 336.036 kwanzas, resultante da aplicação de cinco multas e a apreensão de 326 tábuas e 196 barotes, afirmou Guilherme da Costa.

As multas foram aplicadas às pessoas que exploram e comercializam madeira e seus derivados sem a prévia autorização da direcção provincial do IDF. O responsável lembrou que, actualmente, a província conta com 13 concessionários autorizados para actividades de corte de madeiras em toro, que estão distribuídos pelas localidades do Bolongongo, Golungo-Alto, Cambambe, Banga, Ambaca e Kikulungo. Existem ainda 15 fábricas de carvão vegetal localizadas em Cambambe e Bolongongo.

Guilherme da Costa considerou que alguns destes concessionários possuem meios técnicos para o abate e transformação local da madeira.

A província do Kwanza-Norte tem duas serrações, nos municípios do Kikulungo e Bolongongo, com capacidade para produzir 10 metros cúbicos por dia e perspectivam aumentar para 15.

Aquele responsável explicou ainda que, devido à falta de um mercado local especializado para venda de

madeira e derivados, esta actividade é realizada em Luanda.

### **1.64 Plano Estratégico Nacional do Ambiente com pacote de acções de sustentabilidade**

*Jornal de Angola*

*De 19 de Set. de 2010*

A construção de Institutos de Biodiversidade e do Ambiente em alguns pontos do país, a implementação de programas de tecnologias limpas, cobrança de taxas ambientais e emissão de licenças são, entre outras, as acções que o Ministério do Ambiente pretende tomar exequíveis no biénio 2010/2011.

De acordo com o plano estratégico nacional do sector, apresentado no seu 20 conselho consultivo, realizado nos dias 14 e 15, na província do Huambo, o Ministério do Ambiente vai centrar as suas acções em programas que garantam a sustentabilidade ambiental do país, tendo, na consciencialização e educação das populações, uma das principais realizações a ser concretizada.

A reabilitação das infra-estruturas dos parques nacionais, a conclusão da 2ª fase do laboratório de controlo de poluição, bem como dar sequência à implementação do programa nacional de combate à seca e desertificação, figuram também entre as acções a serem levadas a cabo no âmbito do plano geral.

O Ministério do Ambiente vai prestar ainda, no decurso de 2010/2011, particular atenção à implementação do programa nacional das alterações climáticas, bem como à estratégia e programa nacional de gestão de resíduos.

O plano integra ainda a recuperação dos mangais, a implementação da estratégia nacional de biodiversidade e o programa de gestão integrada de zonas húmidas de Angola.

Outro destaque do plano nacional 2010/2011 é a implementação de novas áreas de conservação.

### **1.65 Drama das chuvas já a seguir**

*Semanário Angolense*

*De 18 de Set. de 2010*

A época chuvosa, que ultimamente se tornou num flagelo para muitas regiões do país, começou há cerca de um mês. As imagens de mortes, destruições, desalojados e cheias poderão repetir-se em diversas partes do país, a julgar pelas torrentes de

chuva que se irão abater sobre todo o território nacional, segundo previsões do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

Tais previsões são corroboradas pela Organização Internacional de Meteorologia e por institutos da África do Sul e do Zimbabué. No Cunene, que tem sido palco de grandes cheias, desalojamentos, fome, doenças e morte, o «filme de terror» poderá ser revivido nesta estação chuvosa.

Aliás, já aconteceu no Huambo, nas Lundas Norte e Sul, em Malanje, no Moxico e no Uíge. Em relação a Luanda, o quadro também se vai manter ou seja, as zonas de risco, nomeadamente a Samba, Cazenga, Boavista, Sambizanga e Via na, em suma, uma parte considerável da periferia, onde vive a esmagadora maioria da população, voltará a sentir a fúria das águas «enviadas por S. Pedro».

Uma das consequências dramáticas das chuvas em Luanda, e não só, tem sido o surto de cólera, que há dias já registou dois casos no município do Sambizanga, em resultado das lixeiras que, por incrível que pareça, ainda se vêem um pouco por toda a cidade.

É inconcebível que a cidade esteja a crescer (!) com a construção de tantos arranha-céus, mas os seus cidadãos ainda sejam acometidos de cólera e paludismo e outras enfermidades causadas pelo lixo, falta de qualidade da água que se consome, poeiras e outros.

Este problema é agravado pelo deficiente funcionamento do sistema de drenagem. O Semanário Angolense pretendia abordar este e outros problemas com a direcção da Elisal, cujo director, Lúcio Martins, e outros responsáveis se furtaram ao diálogo (vide caixa sobre o assunto.)

Uma prova de que os esgotos, quando funcionam, aliviam o sofrimento da população é a rua Ngola Kiluanje mais ou menos da antiga Padaria Pameli até à direcção da entrada da rua 12 de Julho -, onde, após uma chuvada, por mais torrencial que seja, as pessoas podem circular à vontade, sem o constrangimento de enfrentar águas estagnadas.

Apesar disso, a obra naquela estrada foi abandonada pela empreiteira brasileira Camargo Corrêa sem a ter concluído. Acresce a isso as estradas descartáveis que abundam na cidade de Luanda e em muitas outras partes do país e que só são admissíveis em Angola, por falta de uma fiscalização rigorosa e feita por gente ímpolita.

Como exemplo (mau), citamos a rua Rei Mandume, ex-Senado da Câmara, onde também os esgotos, apesar do pouco tempo de vida, deixaram de cumprir a sua função. Essa via, reparada há menos de 10 anos, vem-se deteriorando, recebendo de quando em vez arranjos paliativos.

O bairro S. Paulo, que até é uma zona urbanizada, ainda tem ruas em estado vergonhoso. Corpo os projectos de requalificação são demorados, seria aconselhável que o Executivo arrancasse, já, com aqueles que tem vindo a

anunciar, nomeadamente do Sambizanga e. do Cazenga, com vista a, exactamente, minimizar os efeitos das chuvas e outras calamidades, pois isso vai pressupor a criação de equipamentos sociais modernos .

## **1.66 Luanda não está preparada**

*Semanário Angolense*

*De 18 de Set. de 2010*

Eduardo Paiva - funcionário público, 32 anos, natural de Luanda.

Os problemas de Luanda, não serão resolvidos por uma mulher assim como a tia Xica. Esta cidade carece de uma análise muito profunda; o governo, precisa implementar políticas de reestruturação desta cidade. O governo nunca preparou Luanda para grandes enxurradas. Em épocas chuvosas, chegam a morrer mais pessoas do em qualquer outro período e muitos populares ficam desalojados. Eu, por exemplo, vivo no bairro da Boavista, aquilo é um caso sério quando chove. Assistimos populares a serem carregados pelas águas. A minha própria residência já havia desabado mais de duas vezes e tive de a e reconstruir. É que para estes casos, o governo não dá a devida atenção. Nesta época chuvosa, gostaria que o governo pudesse ter um pouquinho mais de responsabilidade de velar por aqueles que vivem em zonas de risco.

Arnaldo dos Santos - funcionário público, 28 anos, natural de Luanda.

Não sei se esta cidade está realmente preparada para grandes enxurradas que já começaram a dar sinais. É que Luanda sempre nos deixou tristes neste aspecto.

## **1.67 Nem sempre as valas de drenagem são devidamente. 9.9 Drama das chuvas já a seguir**

*Semanário Angolense*

*De 18 de Set. de 2010*

A época chuvosa, que ultimamente se tornou num flagelo para muitas regiões do país, começou há cerca de um mês. As imagens de mortes, destruições, desalojados e cheias poderão repetir-se em diversas partes do país, a julgar pelas torrentes de chuva que se irão abater sobre todo o território nacional, segundo previsões do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

Tais previsões são corroboradas pela Organização Internacional de Meteorologia e por institutos da África do Sul e do Zimbabué. No Cunene, que tem sido palco de grandes cheias, desalojamentos, fome,

doenças e morte, o «filme de terror» poderá ser revivido nesta estação chuvosa.

Aliás, já aconteceu no Huambo, nas Lundas Norte e Sul, em Malanje, no Moxico e no Uíge. Em relação a Luanda, o quadro também se vai manter ou seja, as zonas de risco, nomeadamente a Samba, Cazenga, Boavista, Sambizanga e Via na, em suma, uma parte considerável da periferia, onde vive a esmagadora maioria da população, voltará a sentir a fúria das águas «enviadas por S. Pedro».

Uma das consequências dramáticas das chuvas em Luanda, e não só, tem sido o surto de cólera, que há dias já registou dois casos no município do Sambizanga, em resultado das lixeiras que, por incrível que pareça, ainda se vêem um pouco por toda a cidade.

É inconcebível que a cidade esteja a crescer (!) com a construção de tantos arranha-céus, mas os seus cidadãos ainda sejam acometidos de cólera e paludismo e outras enfermidades causadas pelo lixo, falta de qualidade da água que se consome, poeiras e outros.

Este problema é agravado pelo deficiente funcionamento do sistema de drenagem. O *Semanário Angolense* pretendia abordar este e outros problemas com a direcção da Elisal, cujo director, Lúcio Martins, e outros responsáveis se furtaram ao diálogo (vide caixa sobre o assunto.)

Uma prova de que os esgotos, quando funcionam, aliviam o sofrimento da população é a rua Ngola Kiluanje mais ou menos da antiga Padaria Pamelí até à direcção da entrada da rua 12 de Julho -, onde, após uma chuvada, por mais torrencial que seja, as pessoas podem circular à vontade, sem o constrangimento de enfrentar águas estagnadas.

Apesar disso, a obra naquela estrada foi abandonada pela empreiteira brasileira Camargo Corrêa sem a ter concluído. Acresce a isso as estradas descartáveis que abundam na cidade de Luanda e em muitas outras partes do país e que só são admissíveis em Angola, por falta de uma fiscalização rigorosa e feita por gente impoluta.

Como exemplo (mau), citamos a rua Rei Mandume, ex-Senado da Câmara, onde também os esgotos, apesar do pouco tempo de vida, deixaram de cumprir a sua função. Essa via, reparada há menos de 10 anos, vem-se deteriorando, recebendo de quando em vez arranjos paliativos.

O bairro S. Paulo, que até é uma zona urbanizada, ainda tem ruas em estado vergonhoso. Corpo os projectos de requalificação são demorados, seria aconselhável que o Executivo arrancasse, já, com aqueles que tem vindo a anunciar, nomeadamente do Sambizanga e. do Cazenga, com vista a, exactamente, minimizar os efeitos das chuvas e outras calamidades, pois isso vai pressupor a criação de equipamentos sociais modernos .

Até agora, algumas residências continuam muito mal construídas. Em todas as épocas chuvosas, assistimos a

episódios terríveis, vemos pessoas a perderem a vida por um erro que pode ser evitado. A chuva é um fenómeno da natureza, mas a prevenção é uma atitude humana. Sinceramente, as zonas que sempre sofreram mais são as da periferia, às quais o governo podia prestar maior atenção. Vivo no morro da Samba, aí onde as pessoas só não morrem porque Deus ainda não quer. Mas se chover muito, haverá muitos óbitos neste ano. Os nossos governantes, não vivem na periferia. Se assim fosse, a preocupação seria maior.

Adriano Brandão - estudante, 23 anos, natural do Huambo.

Se Luanda está ou não preparada para receber as enxurradas, isso eu não sei. Mas a verdade é que Luanda não é uma boa cidade quando chove. Não é uma boa província para se visitar quando a natureza decide «bravar», principalmente nas suas zonas periféricas. Vê-se a responsabilidade de um governo muitas vezes nestes contextos. Porque é bem verdade que algumas obras orientadas pelo governo central, tem sido descartáveis e quando desabam provocam problemas aos populares. Algumas valas de drenagem, esgotos, passeios e até mesmo residências desabam quando é provada a sua capacidade de resistência. As zonas periféricas de Luanda devem merecer uma maior atenção por parte do governo, pois elas são as mais atingidas nas épocas chuvosas. São mais de centenas residências que vão sempre abaixo em épocas chuvosas e que não têm recebido um tratamento devido.

Carlota Chaves - estudante, 20 anos, natural de Luanda.

Os meus pais são da província do Uíge, mas eu nasci em Luanda. Desde que nasci nunca saí de Luanda. Pelo tempo que estou nesta cidade, nunca passei nenhuma época chuvosa sem assistir tragédia. Sempre que chove, vejo e oiço nos órgãos de comunicação social destruição de bairros, morte em quase todos os musseques e gritos. É lastimável o que se assiste na capital do país. Em sociedades mais evoluídas, as prevenções em épocas chuvosas, são prioridades no sentido de não prejudicar o próprio cidadão. Mas o que se verifica aqui é bem diferente. Os nossos dirigentes só se preocupam depois de as desgraças ocorrerem. A verdade Luanda não está preparada para grandes enxurradas, pois, ainda existem residências em zonas de risco, sobretudo a Samba, Boavista, Rocha Pinto, no Catambor e outras zonas.

## **1.68 Desenvolvimento Sustentável reúne especialistas no Lubango**

*Jornal de Angola*

*29 de Setembro de 2010*

A biodiversidade e o desenvolvimento sustentável das comunidades é o tema de um seminário que reúne, a partir de amanhã, na cidade do Lubango, especialistas em questões ambientais, turísticas e de planeamento.

Na cerimónia de abertura do seminário devem estar presentes os ministros do Ambiente, Fátima Jardim, da Hotelaria e Turismo, Pedro Mutinde, e do Planeamento, Ana Dias Lourenço, além dos governadores da Huíla, Namibe e Benguela, Isaac dos Anjos, Cândida Celeste e Armado da Cruz Neto, respectivamente.

O seminário está organizado em cinco painéis que reflectem as áreas de conservação, características e consequências, planeamento e gestão de áreas de conservação, aspectos legais, populações envolventes das áreas de conservação e recursos florestais.

No primeiro painel são abordadas "As consequências da utilização dos recursos da biodiversidade, características socioeconómicas e ambientais das áreas de reserva", "Manejo dos recursos hídricos e sólidos e seu impacto".

"O papel do Serviço de Migração Estrangeiros para o desenvolvimento do turismo em Angola", "A implicação do ordenamento jurídico angolano", "A situação do Parque Nacional da Quissama" e "Planeamento e corredores ecológicos" são temas do segundo painel.

O terceiro painel vai abordar os temas sobre "O Parque Nacional do Bicuar, impactos ambientais e d socioeconómicos", "Antropologia biológica versus áreas de conservação", "Gestão da biodiversidade para o controlo da caça e as experiências de sucesso na gestão de parques na Amazónia".

O quarto painel aborda "A importância da educação ambiental para o uso sustentável dos recursos naturais"

"O turismo em Angola", Importância da Agro e do Ecoturismo, "Reservas da biosfera na Mata Atlântica e "O modelo de na gestão para áreas de conservação em Angola.

Já o quinto painel está reservado à "Análise das queimadas e os incêndios florestais em Angola, causas e consequências", "Experiências do Brasil na redução do uso da madeira na construção civil", "O primeiro maior pulmão do mundo e o primeiro de África, experiências da Amazónia Brasileira na gestão florestal".

Os temas escolhidos devem ser apresentados por especialistas nacionais e estrangeiros vinculados a instituições vocacionadas à protecção do meio ambiente.

Segundo o programa, a que o Jornal de Angola teve acesso, no último dia os participantes vão visitar a

primeira Serra da Leba, onde devem ser oferecidos alguns bens à comunidade que aí reside.

### **1.69 Casas desabam em São Pedro da Barra**

*Jornal de Angola*

*30 de Setembro de 2010*

Ao todo, 13 moradias construídas numa área considerada de risco, no bairro São Pedro da Barra, município do Sambizanga, em Luanda, desabaram na terça-feira em consequência do deslizamento de terra de uma parte do morro onde estavam localizadas.

O porta-voz do Serviço de Protecção Civil e Bombeiros, Faustino Sebastião, disse, ontem, à Angup que o ç desabamento ocorreu à tarde, destruindo 13 moradias, mas sem causar vítimas humanas.

As casas, de acordo com Faustino s Sebastião, foram construídas numa s área acidentada, localizada entre Avenida Lweji Anconda e a via principal que liga ao bairro São Pedro da c Barra, impedindo a passagem de águas fluviais e residuais.

O porta-voz afirmou que os proprietários tinham a consciência da d iminência de um desabamento, uma vez que foram alertados várias vezes q pelas autoridades administrativas.

No local, segundo ele, existem ainda outras 38 casas que correm o rr mesmo perigos, pelo que, alertou, as famílias devem abandonar a zona mais depressa possível.

Fontes afectas à Administração Municipal do Sambizanga disseram que as famílias sinistradas tu devem, numa primeira fase, ser m realojadas em tendas, numa zona com maior segurança, estando garantido o apoio em bens de primeira necessidade.

Estiveram no local, após o desabamento, o vice-governador de Luanda para a área Técnica, Bento Soito, e o administrador municipal do Sambizanga, José Tavares.

### **1.70 Núcleo dos engenheiros do Huambo esta preocupado com a desmatação**

*Jornal de Angola*

*1 de Outubro de 2010*

O núcleo da Ordem dos Engenheiros de Angola no Huambo mostrou-se preocupado com o aumento da desmatação na província, por considerar uma das causas principais da degradação do ambiente e dos solos.

Numa palestra realizada na terça-feira, no município do Londuimbali, o engenheiro Anaz Vidro disse que o derrube das árvores pode comprometer as gerações vindouras, com a criação de efeitos negativos na atmosfera.

“Devemos mobilizar a sociedade, nas aldeias, onde a prática de abate de árvores para o fabrico do carvão é maior”, afirmou o especialista. Anaz Vidro referiu ser necessária a criação de um elo de ligação entre o núcleo da ordem e as autoridades locais, de modo a que possam participar também no desenvolvimento do município.

Na ocasião, o orador André Njamba aconselhou a população, autoridades tradicionais, educadores e responsáveis de outras instituições sociais para ajudarem a combater o abate indiscriminado de árvores, tendo em conta as suas consequências no futuro.

Para inverter o quadro, disse, é dever de todos a reposição e o manejo florestal, colocar em prática a legislação protectora, com a criação de reservas florestais, bem como a protecção total e exploração da floresta de uma maneira racional e controlada. “Devemos tomar medidas exactas para oferecer alternativa aos produtos obtidos pela desflorestação e dar a conhecer a todos o que é a desmatação e as suas consequências”, alertou.

O administrador municipal, Evaristo Lucas Ulombe, disse que o abate anárquico de árvores tem sido um problema sério na circunscrição e urge a necessidade de se pôr cobro à actividade. “O aquecimento global deve-se em grande parte às queimadas e abate indiscriminado de árvores. Deve-se encontrar mecanismos para se acabar com essas práticas”, disse.

Água mineral” Alto Hama”

O responsável da empresa de enchimento de água mineral “Alto Hama”, Hermany Gustavo de Almeida, disse que a unidade fabril entra em funcionamento em Março de 2011 e também vai produzir sumos, na localidade do Alto Hama.

Segundo Hermany Gustavo de Almeida, a fábrica está orçada em, 12 milhões de dólares norte-americanos e tem a capacidade para encher 30 mil garrafas de meio litro por hora, no primeiro ano. “Vamos aumentar o caudal para a captação de mais água e ter maior capacidade produtiva”, afirmou.

O projecto engloba engarrafamento e produção de sumos e construção de um hotel com quarenta quartos. Hermany Gusta, de Almeida realçou que a fábrica vai empregar, de Março a Junho, mais de 30 trabalhadores e passa} a 130, no quarto semestre de 2011.

## **1.71 Pressão humana põe em risco a floresta do Mayombe**

*Semanário O Factual*

*2 a 9 de Outubro de 2010*

A floresta do Mayombe é uma área restrita de conservação ambiental, como modo de prevenir a degradação da sua biodiversidade.

O abate anárquico de árvores na floresta do Mayombe está a levar os ambientalistas a apelarem para a criação de uma brigada florestal especializada, para combater esta actividade ilegal dos garimpeiros da madeira.

Desta feita, os ambientalistas chamam a atenção para a necessidade de um estudo que apresente a real situação de Angola, quanto à disponibilidade dos recursos florestais, tendo em conta que existem parâmetros estabelecidos internacionalmente para a exploração da madeira, por empresas licenciadas.

A situação é muito complicada para fiscalizar uma densa floresta”, concluiu o ambientalista Salomão Massala, quando interpelado pelo Factual.

Para Massala, o abate ilegal de madeiras exóticas e a subsequente destruição das florestas regressa à ordem do dia.

Os danos infligidos à floresta do Mayombe pelos seres humanos são já irreversíveis, argumentou o ambientalista.

O seu colega Ricardo Zau adiantou que as consequências da actividade destrutiva dos homens são violentas a nível da floresta do Mayombe.

A actividade humana tem causado tamanha pressão nas funções naturais do Planeta que a aptidão dos ecos sistemas para sustentarem as gerações futuras já não pode ser tomada como garantida”, sublinhou.

Entretanto, na floresta de Mayombe os garimpeiros aproveitam a sua grandeza e a fraca capacidade técnica e material dos actuais fiscais para procederem ao corte desordenado de árvores, dizimando este portentoso património natural do norte de Angola.

“Grande parte da madeira abatida pelas empresas licenciadas é exportada através do porto de Ponta Negra, na República baixas”, afirmou o madeireiro Ernesto Taty José.

“Os seres humanos alteraram os ecossistemas mais rapidamente nos últimos 50 anos do que em qualquer outra época, o que se ficou a dever, sobretudo, ao aumento de grandes explorações agrícolas, à exploração dos recursos energéticos, à

destruição de florestas para comercialização das suas madeiras”, acrescentou.

A floresta do Mayombe, como parte do património florestal universal, possui uma diversidade de flora e fauna, bastante rica, mas dramaticamente a madeira se tornou no recurso mais explorado da floresta, sobretudo de forma pirata.

Dados indicam que o pau-preto, o ébano, o pau-ferro e o pau-rosa, são algumas das qualidades mais referenciadas da madeira explorada no Mayombe, onde se podem encontrar árvores que possuem até 50 metros de altura.

A criação da Área de Conservação Transfronteiriça a norte da província de Cabinda (floresta do Mayombe) entre as Republica do Congo, Angola e RD Congo poderá salvar as perdas de um habitat e espécies muito importantes que ocorrem nessa região caracterizada por terra densa húmida, onde se encontra sem dúvida wna grande quantidade e variedade de espécies da flora e da fauna.

O economista Domingos Lwnbi diz que o papel das florestas como grande reserva genética, como fonte de novos produtos florestais e como habitat natural de milhões de diferentes espécies vegetais e animais, tem sido negligenciado.

A protecção da biodiversidade angolana deve concentrar-se sobretudo em medidas “in situ”, alocando-se recursos humanos e financeiros adequados para a preservação deste património nacional”, frisou.

Exploração de madeira aquém das expectativas

O aproveitamento do potencial madeireiro dos recursos florestais, estimado em 26.000 m<sup>3</sup>/ano da floresta natural deve respeitar o princípio da sustentabilidade.

Actualmente a exploração da madeira em Cabinda não chega aos 10 mil metros cúbicos por ano, um valor bastante insignificante, atendendo às potencialidades existentes, o que significa que a floresta continua praticamente virgem.

A actividade de exploração florestal na província de Cabinda, neste momento, concentra-se em Buco-Zau e em Belize.

No município de Cabinda, esta actividade está suspensa devido à grande exploração que sofreu durante o período colonial, de modo a recuperar as zonas despidas de coberto florestal.

Segundo as autoridades de Cabinda, os actuais índices de produção estão muito abaixo do potencial de

produção e não são capazes de satisfazer o mercado nacional, fazendo com que a indústria de construção seja obrigada a importar madeira para suas actividades.

As áreas sob exploração florestal não têm um plano de manejo, já que o acesso ao recurso é feito através da emissão de licenças anuais, o que permite que a exploração seja selectiva”, afirmou o economista Tomas Sabu.

### **1.72 Famílias desalojadas pela a Chuva estão a receber bens alimentares**

*Jornal de Angola*

*7 de Outubro de 2010*

Pelo menos 1.247 pessoas desalojadas pelas chuvas que caíram a semana passada no município de Quimbele, 289 quilómetros da cidade do Uíge, sede capital da província, receberam da direcção provincial do Uíge do Ministério da Assistência e Reinserção Social (MINARS) bens diversos..

Constam entre os bens entregues pela directora provincial da assistência e Reinserção Social, Adelina Pinto Figueiredo, na presença do vice-governador para a Organização e Serviços Técnicos, Nazário Vilhena, chapas de zinco, reservatórios de água, muletas, roupas usadas, cobertores, utensílios de ‘cozinha (panelas, canecas e talheres), entre outros bens.

O administrador municipal de Quimbele, Joaquim Vumbi, agradeceu o gesto do MIN ARS, adiantando que o mesmo vai colmatar as dificuldades com que se debatem aquelas famílias.

Por sua vez, a directora provincial do MINARS, Adelina Pinto, lembrou que a chuva destruiu infra-estruturas, principalmente casas, em cinco municípios da província, nomeadamente Negage, Sanza Pombo, Dange Kitexe, Cangola e Quimbele, tendo desalojado mais de três mil pessoas.

Adelina Pinto anunciou a existência de um plano de distribuição de bens alimentares e não alimentares nos próximos dias às populações afectadas pelas chuvas.

A Angop soube, de fonte da administração municipal de Quimbele, que a chuva desalojou 1.247 pessoas, destruiu nove infra-estruturas administrativas, com destaque para o edifício da administração e o Comando municipal da Polícia Nacional. A chuva, que caiu durante três horas sem cessar, acompanhada de granizo e fortes ventos, dó destruiu igualmente oito igrejas, seis estabelecimentos

comerciais 47 postes de iluminação pública, vila e oitenta residências.

O município de Quimbelc dista 289 quilómetros do Uíge, com uma população estimada em mais de 200 mil pessoas e potencialmente agrícola.

### **1.73 Chuvas torrenciais desalojam milhares de famílias**

*Jornal de Angola*

*8 de Outubro de 2010*

O relógio marcava 13 horas e a escuridão já tinha invadido a comunidade de Nguizani, na comuna de Alfândega, em Sanza Pombo. As cubatas da aldeia eram iluminadas por candeeiros a petróleo, feitos de lata. O céu estava coberto de nuvens negras, gigantescas e carregadas de água, que produziam fortes trovoadas.

A população da aldeia Nguizani entrou em pânico. Todos corriam de um lado para o outro em busca de abrigo. A chuva passou agranizo que destruiu tudo, casas, escolas, igrejas e outros equipamentos sociais.

O ambiente era desolador. Ninguém sabia o que fazer. Alguns perderam tudo, absolutamente tudo. Das cubatas nada ficou, até as paredes de adobes caíram e ficaram reduzidas a lama. As ruas ficaram desertas. Muitas árvores estão caídas. As chapas de zinco que cobriam as casas estão no chão e destruídas. Muitas foram levadas pelo vento para grandes distâncias da aldeia.

As galinhas e outras aves de criação não resistiram às enxurradas. provocadas pela chuva e muitas, morreram. Os agricultores da região choram lágrimas de sangue, porque as enxurradas também destruíram as lavras cultivadas.

Às 13 horas, aAldeia começou a escurecer. O clima estava feio. Começou a choviscar e de repente a terra estava coberta de granizo. Os que se encontravam escondidos nas suas cubatas acenderam os candeeiros. Aquela foi uma chuva terrível, muito estranha”, conta o soba da aldeia Nguizani.

Os que estavam dentro de casa continuou, “tinham a sensação de que havia uma torneira aberta dentro de casa. Muitos não conseguiram comer. Esperamos que o Executivo, o Governo Provincial e as organizações filantrópicas nos apoiem, para podermos ultrapassar essa dificuldade”.

Danos graves

Os danos são graves e preocupantes, embora não tenha havido perda de vidas humanas. As pessoas que viviam

nas casas afectadas pelas chuvas instalaram-se nos casados seus parentes e amigos, enquanto outras se abrigaram nas varandas dos vizinhos”, contou o soba Ramos David Cubo. A equipa de reportagem do Jornal de Angola falou com a anciã Helena Cafuani, quando recolheu a cama feita de bordão enterrada no monte de destroços de adobes que sobraram da casa onde vivia. Estava desesperada. Não acreditava que tinha perdido todos os seus bens num abrir e fechar de olhos.

Eu não estava presente quando a chuva começou a cair. Estava num óbito. Quando voltei, algumas horas depois da chuva, encontrei a minha casa completamente destruída e o bairro despovoado. Todos estavam descontrolados. Uns procuravam os filhos e outros os animais. O Governo Provincial já fez o levantamento dos danos materiais e estamos à espera que nos apoiem o mais rápido possível”, disse Helena Cafuani.

Mateus Pascoal Bula, deficiente físico, que se encontrava-se no interior da casa de uma vizinha, viu o tecto da sua casa a voar. As paredes caíram e as roupas foram arrastadas pela enxurrada. Não conseguiu recuperar nada devido aos problemas físicos que o apoquentam a muitos anos. “Eu passei mal naquele dia. Não consegui recuperar nada. Fiquei em casa a rezar para que a chuva parasse. Não sabia mais o que fazer. As chapas da minha casa voaram e as roupas foram arrastadas pelas águas. Estou desesperado. Perdi tudo o que tinha”, lamentou Mateus Pascoal Bula.

#### Apoios garantidos

O administrador municipal de Sanza Pombo, Manuel Nvuala; garantiu que só sinistrados da comunidade de Nguizani vão receber o apoio necessário, para recuperar as suas casas e voltarem à vida normal.

“Acontece pleno dia, foi uma situação difícil. Mas já aconteceu. São catástrofes naturais. Já fizemos o levantamento de todas as casas afectadas e remetemos à Administração Municipal de Sanza Pombo. Aguardamos agora que os apoios cheguem o mais rápido possível”, disse o soba Ramos David Cubo.

#### Milhares de desalojados

As chuvas começaram e tudo que é mau veio com as águas. Na província temos várias infra-estruturas destruídas. Mais de três mil pessoas ficaram ao relento e pelo menos sete municípios foram afectados pelas últimas enxurradas que se abateram sobre a região”, disse ao Jornal de Angola a

directora provincial do Ministério da Assistência e Reinserção Social, Adelina Pinto.

Nos municípios do Quimbele, Quitexe, Sanza Pombo, Milunga, Negage, Kangola e Puri, a chuva destruiu centenas de casas, centros e postos de saúde, igrejas, escolas, estabelecimentos comerciais, campos agrícolas, unidades militares e outras infra-estruturas sociais.

Estamos com um pequeno desfalecimento em termos de bens alimentares, mas temos chapas de zinco, utensílios de cozinha e cobertores para apoiarmos os sinistrados. São, portanto, esses meios que temos disponíveis, que não são suficientes, mas que nos permitem estarmos em prontidão.

#### Prejuízos no Quimbele

Adelina Pinto informou que, até agora, o Quimbele é o município mais afectado, com 1.246 pessoas desalojadas, que já beneficiaram de apoios em bens alimentares, cobertores, chapas de zinco e outros produtos não alimentares. A directora do Ministério da Assistência e Reinserção Social aconselhou vítimas das chuvas a evitarem construir em zonas de riscos. Segundo Adelina Pinto, “a maioria das casas não possui bons alicerces, nem pilares. Elas são mal construídas. O principal material é o adobe cru, chapas de zinco e barrotes”.

Adelina Pinto anuncia a existência de um programa de distribuição de bens alimentares e não alimentares, nos próximos dias as populações afectadas pelas chuvas e que estão concentradas noutras localidades.

Eu passei mal naquele dia. Não consegui recuperar nada. Fiquei em casa a rezar para que a chuva parasse. Não sabia mais o que fazer. As chapas da minha casa voaram e as roupas foram arrastadas pelas águas. Estou desesperado. Perdi tudo o que tinha”, lamentou Mateus Pascoal Bula.

#### Apoios garantidos

O administrador municipal de Sanza Pombo, Manuel Nvuala; garantiu que os sinistrados da comunidade de Nguizani vão receber o apoio necessário, para recuperar as suas casas e voltarem à vida normal.

Acontecem pleno dia, foi uma situação difícil. Mas já aconteceu. São catástrofes naturais. Já fizemos o levantamento de todas as casas afectadas e remetemos à Administração Municipal de Sanza Pombo. Aguardamos agora que os apoios cheguem o mais rápido possível”, disse o soba Ramos David Cubo.

#### Milhares de desalojados

As chuvas começaram e tudo que é mau veio com as águas. Na província temos várias infra-estruturas destruídas. Mais de três mil pessoas ficaram ao relento e pelo menos sete municípios foram afectados pelas últimas enxurradas que se abateram sobre a região”, disse ao Jornal de Angola a directora provincial do Ministério da Assistência e Reinserção Social, Adelina Pinto.

Nos municípios do Quimbele, Quitexe, Sanza Pombo, Milunga, Negage, Kangola e Puri, a” chuva destruiu centenas de casas, centros e postos de saúde, igrejas, escolas, estabelecimentos comerciais, campos agrícolas, unidades militares e outras infra-estruturas sociais.

Estamos com um pequeno desfalque em termos de bens alimentares, mas temos chapas de zinco, utensílios de cozinha e cobertores para apoiarmos os sinistrados. São, portanto, esses meios que temos disponíveis, que não são suficientes, mas que nos permitem estarmos em prontidão para podermos atender o grito da população sinistrada.

#### Prejuízos no Quimbele

Adelina Pinto informou que, até agora, o Quimbele é o município mais afectado, com 1.246 pessoas desalojadas, que já beneficiaram de apoios em bens alimentares, cobertores, chapas de zinco e outro! produtos não alimentares. A directora do Ministério da Assistência e Reinserção Social aconselhou vítimas das chuvas a evitarem construir em zonas de riscos. Segundo Adelina Pinto, “a maioria das casas não possui bons alicerces, nem pilares. Elas são mal construídas. O principal material e o adobe cru, chapas de zinco e barrotes”.

Adelina Pinto anuncia a existência de um programa de distribuição de bens alimentares e não alimentares, nos próximos dias as populações afectadas pelas as chuvas e que estão concentradas noutras localidades.

### **1.74 Chuvas destroem casas e empreendimentos sociais**

*Jornal de Angola*

*17 de Outubro de 2010*

As intensas chuvas, acompanhadas de ventos fortes, que se abateram, no início do corrente mês, sobre a província da Lunda-Norte, destruíram 76 casas, deixando ao relento igual número de famílias, segundo o comandante provincial da Protecção Civil e Bombeiros.

Venâncio Sozinho Catho disse, quinta-feira, que na primeira quinzena de Outubro, na sede da administração municipal do Cuilo, as fortes chuvas

provocaram o desalojamento de 37 famílias, tendo igualmente destruído três residências protocolares, uma igreja e uma escola do primeiro ciclo.

O comandante provincial da Protecção Civil e Bombeiros disse que, a comuna do Xinge, no município de Capenda-Camulemba, e o município do Caungula, foram as áreas mais afectadas.

Venâncio Sozinho Catho disse ao Jornal de Angola que, devido a insuficiência de meios por parte dos serviços locais de Protecção Civil, as autoridades da província e as estruturas centrais estão a trabalhar no sentido de garantir o apoio necessário às populações sinistradas, que precisam, fundamentalmente, de comida e de material de construção

Já enviamos a mensagem às estruturas centrais, para que, em conjunto com o governo provincial, se encontre uma solução imediata para resolver o problema da população desabrigada, com a distribuição, numa primeira fase, de chapas de zinco”, assegurou.

O responsável adiantou que os serviços provinciais de Protecção Civil estão a envidar esforços para se tomar providências que façam com que a chuva deixe de causar desastres. Venâncio Sozinho Catho defendeu a necessidade de apetrechar a logística local, com a aquisição de meios, como chapas de zinco, cobertores e produtos alimentares, para assistir as pessoas afectadas pelas fortes chuvas que se abatem sobre a região.

As enxurradas registadas no passado mês de Agosto, recordou, provocaram a destruição parcial de 452 casas nos municípios do Caungula e Capenda-Camulemba, onde a Comissão Provincial de Protecção Civil distribuiu chapas de zinco, cobertores e bens alimentares.

#### Obras no Cuango

O governo da Lunda -Norte quer ver resolvido o problema de abastecimento irregular de água potável e energia eléctrica às populações da localidade de Cafunfo, município do Cuango, no quadro do programa do Executivo que visa melhorar as condições sociais básicas das populações, segundo o governador Ernesto Muangala.

Em visita de campo ao município do Cuango, o governador da Lunda-Sul disse, quarta-feira, que recebeu garantias dos empreiteiros sobre a conclusão, até 11 de Novembro próximo, dos projectos Policiais financiados âmbito grama de intervenção municipal. o engenheiro José Augusto, da empresa ECOINTER, responsável pela construção do sistema de captação, tratamento e distribuição de. água potável na localidade de Cafunfo, assegurou que os trabalhos estão na fase final, instalação da torre destinada a armazenar a água

distribuída por meio de idade, para 15 chafarizes construídos na periferia da cidade.

O sistema, explicou, vai beneficiar mais de 35 mil pessoas. De acordo com José Augusto, o investimento está orçado em um milhão e duzentos mil dólares.

As obras começaram em 2007 e estiveram paralisadas durante um ano, para permitir que a administração municipal desalojasse as populações nas áreas por onde passa a I rede de distribuição de água.

Durante a fase de execução do projecto, mais de 100 jovens adquiriram conhecimentos profissionais, que vai lhes permitir emergir no mercado do emprego. A população da localidade de Cafunfo vai ganhar ainda, em Novembro, um grupo de geradores que vai garantir a iluminação pública e domiciliária.

Na primeira fase, estão montadas três cabines de distribuição domiciliária de energia eléctrica para 50 casas. O administrador municipal do Cuango, Domingos Mufungueno, garantiu que vão continuar os trabalhos para a melhoria da rede de distribuição domiciliária.

## **1.75 Água da Chuva voltam a atrapalhar**

*Jornal de Angola*

*19 de Outubro de 2010*

A chuva que caiu, durante a madrugada de ontem, sobre Luanda, deixou, uma vez mais, a descoberto que a cidade não está totalmente preparada para receber grandes enxurradas. Ruas alagadas e lamacentas, algumas crateras na via, longas filas de carros nos engarrafamentos foram alguns dos cenários vividos pelos cidadãos durante a manhã, particularmente, na periferia.

António Pereira vive no Bairro Popular e trabalha na Baixa de Luanda. Para evitar embaraços no trânsito, sai habitualmente de casa às seis horas. Mas ontem a chuva complicou-lhe os planos. Devido ao trânsito engarrafado, chegou ao serviço com uma hora e meia de atraso.

Apesar de em número reduzido, as inundações em moradias e estabelecimentos comerciais também fizeram as suas vítimas. O casal Balduino e Lena, por exemplo, ficaram com parte da mobília submersa pela força da água. A viverem na ma Senado da Câmara, no Marçal, não tiveram tempo para dormir, porque o trabalho de retirada de água do interior da casa exigiu sacrifícios.

No município do Cazenga, às 10 horas da manhã as marcas da chuva ainda eram visíveis, Ernesto Paulo, 28 anos, disse à reportagem do Jornal de Angola que os estragos foram mínimos, em comparação com os, causados pelas enxurradas resultantes das chuvas do princípio do ano.

Referiu que o lamaçal criado ao longo da rua dos Comandos constitui o principal empecilho para a travessia dos peões. Para ultrapassar esse constrangimento, o recurso a botas de borracha foi uma das soluções encontradas.

Tem sido sempre assim quando chove. Para evitar a lama, temos de calçar botas de borracha ou então sacos de plástico. É muito chato”, acrescentou Ernesto Paulo. Na rua do Pica-Pau, e em geral no interior do Rangel, os moradores também tiveram enormes dificuldades em transpor as ruas. A circulação rodoviária esteve condicionada e apenas as viaturas de todo-o-terreno resistiram, porque as ligeiras foram obrigadas a encostar. Mas, nem tudo esteve mal no Rangel. Os efeitos das obras realizadas nos bairros da Precol e CTT, que incluíram os trabalhos de terraplanagem, pavimentação, colocação de camada de desgaste e canais de drenagem de água pluviais, já se fazem sentir. E a prova de que não existem está nas ruas Violeta e Roxa, perfeitamente transitáveis e limpas. Segundo diziam muitos moradores da área, nem parecia que tinha chovido com intensidade durante a madrugada.

## **1.76 Chuva destrói casas em Luanda**

*Jornal de Angola*

*20 de Outubro de 2010*

Um total de nove moradias destruídas no município do Sambizanga e ruas intransitáveis em vários pontos de Luanda, sobretudo no Rangel, é o balanço da chuva que caiu na madrugada de segunda-feira sobre Luanda. A destruição das casas não provocou vítimas humanas, segundo o porta-voz do Serviço Nacional de Protecção Civil e Bombeiros, Fausia tino Sebastião, em declarações ontem à Angop.

As casas desabaram no bairro São Pedro da Barra, no município do Sambizanga, por terem sido construídas numa encosta à beira-mar, impedindo a passagem das águas fluviais e residuais.

O funcionário do Ministério do Interior admitiu que mais 20 moradias nas mesmas condições estão na iminência de desabar.

O porta-voz afirmou que os proprietários tinham consciência da iminência de desabamento, uma vez que foram várias vezes alertados pelas autoridades administrativas.

Segundo fontes afectas à Administração Municipal do Sambizanga, as famílias sinistradas estão, numa primeira fase, a ser realojadas em tendas, numa zona com maior segurança, estando garantido o apoio em bens de primeira necessidade.

No município do Rangel, várias ruas terciárias estavam até ontem intransitáveis devido à existência de charcos de água, o que dificultava a circulação de veículos e, em alguns casos, de peões. Segundo o de, onde a situação é considerada crítica, tendo pedido a colaboração dos munícipes residentes na comuna sede, no sentido de deixarem de deitar lixo nas sarjetas, comportas e valas de drenagem.

A chuva de segunda-feira, que caiu com alguma intensidade durante quase quatro horas, foi a primeira da presente época das chuvas, iniciada oficialmente a 15 de Agosto, em Luanda.

O Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (INAMET) previu ontem chuvas fracas ou moderadas na cidade de Luanda.

### **1.77 Executivo cria plano para meteorologia**

*Jornal de Angola*

*21 de Outubro de 2010*

O Executivo tem um plano de desenvolvimento no domínio da meteorologia que vai, nos próximos anos, alterar as condições tecnológicas e sociais, anunciou, ontem, em Luanda, o vice-ministro das Telecomunicações e Tecnologias de Informação, Aristides Safeca. O plano, o Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (INAMET) é a estrutura competente e vai funcionar como entidade reguladora dos serviços no do sector.

Aristides Safeca fez estas declarações na abertura do conselho consultivo do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, que decorreu no Hotel de Convenções de Talatona.

Vivemos numa era em que acontecem calamidades e fenómenos associados ao clima e as alterações climáticas constituem uma questão inquietante a nível mundial, disse, sublinhando que as ocorrências de desastres e o respectivo impacto nas comunidades podem crescer com o aumento da instabilidade do clima.

Aristides Safeca considera gestão das ocorrências climáticas vital para o desenvolvimento sustentável a nível económico, social e ambiental do país. “O nosso passado esta marcado pela a destruição ou penalização de grande parte da rede de recolha metrológica que funcionava no país o que resulta no

menor acesso de informação detalhada e actualizada “, afirmou o vice-ministro.

A informação metrológica, disse o vice-ministro, é importante para os vários sectores de actividade que a necessitam para a elaboração dos planos.

### **Melhorias no sector**

O Vice-ministro das Telecomunicações e Tecnologias de Informação afirmou que o país regista evolução na recolha, transmissão e processamento da informação meteorológica e considera a formação elemento essencial para garantir a sustentabilidade e a utilização das 1- novas tecnologias do sector.

Aristides Safeca afirmou ainda que o INAMET precisa superar complexos e importantes desafios” decorrentes das suas obrigações. Entre os desafios, apontou, entre outros, a reposição da capacidade de observação e registo, a falta de recursos humanos competentes e a consolidação da componente de investigação e desenvolvimento. O encontro, que termina amanhã, decorre sob o lema “Desenvolvimento sustentável e alterações climáticas” e está a abordar temas como “Sistema de gestão de qualidade dos dados meteorológicos”, “Redes sísmicas e primeiros resultados”, “Transformação do sistema meteorológico com uso da tecnologia” e “Recursos humanos e políticas de desenvolvimento de quadros”.

### **1.78 Chuvas desalojam famílias**

*Jornal de Angola*

*22 de Outubro de 2010*

Chuva torrencial acompanhada, de ventos fortes desalojou 29 famílias do município do Tchindjenje, província do Huambo. As casas ficaram completamente destruídas pela força das enxurradas.

De acordo com informações prestadas ontem, na cidade do Huambo, pelo administrador municipal adjunto do Tchindjenje, Quintino Canepa, a tempestade durou duas horas e destruiu igualmente outras infra-estruturas sociais. A cobertura do palácio municipal, o sistema de retransmissão da Televisão Pública de Angola, um centro de saúde e os pára-raios instalados no edifício da administração municipal, o comité de acção do MPLA e um campo de futebol foram gravemente afectados pelas enxurradas.

O administrador municipal adjunto do Tchindjenje disse que, neste momento, a administração está a fazer esforços para criar condições para apoiar as famílias sinistradas. Praticamente todas as pessoas afectadas pela tempestade perderam as casas e todos os seus haveres, ficando apenas com a roupa que tinham no corpo.

Para minimizar as dificuldades das famílias sinistradas, Quintino Canepa disse que as autoridades do município estão a mobilizar recursos para que possam reconstruir rapidamente as suas vidas. Os serviços oficiais vão pôr à disposição das famílias desalojadas no município de Tchindjenje chapas de zinco, blocos, roupa, utensílios domésticos e, numa primeira fase, bens alimentares.

### **1.79 Convenção sobre diversidade biológica tem a presença da ministra do Ambiente**

*Jornal de Angola*

*25 de Outubro de 2010*

Uma delegação chefiada pela ministra do Ambiente, Fátima Jardim, participa na Conferência da Convenção sobre Diversidade Biológica, em Nagoia, Japão. A conferência aberta no passado dia 18, tem como objectivo principal travar a perda da biodiversidade, para assegurar a continuidade dos seus usos benéficos através da conservação e utilização sustentável dos seus componentes e a partilha justa e equitativa dos benefícios resultantes da utilização dos recursos genéticos.

A convenção, que decorre até 29 do corrente, discute entre outras questões, “A preservação da biodiversidade biológica mundial” e “A repartição dos recursos oriundos da biodiversidade”. A conferência de Nagoia no Japão é fulcral para os países desenvolvidos e os que estão em vias de desenvolvimento tomem medidas concretas na área da biodiversidade no planeta. Desastres ambientais e problemas de poluição nos países mais industrializados estão a pôr em causa a preservação da biodiversidade biológica em todo o mundo e em perigo a vida humana no planeta.

Angola vai assinar o protocolo ABS (Acesso a Recursos Genéticos y Repartição de Benefícios). Uma delegação técnica do Ministério do Ambiente, chefiada pelo director nacional da Biodiversidade, Soki Kuedikuenda, já se encontra a participar na conferência de Nagoia há uma semana.

Durante a reunião no Japão, os países membros da Conferência da Convenção sobre Diversidade Biológica vão deliberar sobre outros temas relevantes, como a estratégia global de conservação das plantas, o Protocolo de Cartagena sobre Biosegurança e a Plataforma Internacional sobre Biodiversidade e Serviços Ecosistémicos, um órgão independente e internacional semelhante ao Painel Inter- governamental de Mudanças Climáticas.

O encontro pretende também abordar as diferentes formas de dividir com equilíbrio os lucros provenientes dos recursos naturais e os custos para preservação das espécies. Os programas de cada Estado para preservar a fauna e a flora e sobretudo para proteger espécies em vias de extinção precisam de fundos avultados que escasseiam sobretudo nos países em vias de desenvolvimento onde os orçamentos de Estado estão voltados para garantir às população condições básicas de vida e no combate à pobreza.

Na cimeira está prevista a aprovação do protocolo de Acesso e Recursos Genéticos e Repartição Equitativa de Benefícios, que tem gerado muita polémica.

A proposta para ampliar as áreas terrestres e marinhas sob protecção ambiental está também em análise na cidade japonesa de Nagoia. Cada vez mais é necessário alargar as áreas protegidas e as reservas naturais, única forma de garantir a sobrevivência de muitas espécies ameaçadas.

Os grupos de trabalho montados durante a convenção vão discutir, ainda, a biodiversidade em áreas protegidas, zonas costeiras, montanhas, águas marinhas, novos mecanismos para evitar queimadas e desmatamentos e biocombustíveis, entre outros temas. Para os países africanos, o grupo de trabalho que vai estudar formas de evitar queimadas é muito importante porque este é um problema que atravessa praticamente toda a África Central e Austral onde anualmente ardem milhares de hectares de matas

### **1.80 Administrador ameaça com Tribunal quem insiste em destruir as florestas**

*Jornal de Angola*

*26 de Outubro de 2010*

O administrador do município do Huambo, José Luís de Meio Marcelino, disse que pretende levar ao Tribunal os cidadãos que estão a destruir a floresta do Bairro Santo António, uma das poucas reservas que protegem a cidade dos fortes ventos.

Em declarações à Angop, após a visita que efectuou ao perímetro florestal, José Marcelino disse que a Administração, em parceria com a Polícia Nacional, vai desenvolver esforços para responsabilizar os que fazem o abate indiscriminado de árvores.

Embora não tenha por enquanto provas suficientes, o administrador do Huambo disse suspeitar que os moradores da zona circundante à floresta sejam os principais culpados pelos abates de árvores. Afirmou

que são derrubadas árvores na calada da noite para que não sejam vistos pelos fiscais da Administração.

E uma situação que nos preocupa seriamente. Vamos empenhar-nos ao máximo para encontrarmos os culpados e levá-los ao Tribunal. O abate de árvores é um atentado ao meio ambiente e coloca em risco a segurança da própria população”, frisou.

O administrador do Huambo informou que durante a madrugada de sábado foram derrubadas 69 eucaliptos e as consequências do abate já são visíveis na comunidade, referindo-se ao facto de algumas casas próximas terem perdido os telhados, devido aos fortes ventos que se fizeram sentir durante o dia.

Para pôr cobro a esta situação, considerada alarmante, José Marcelino anunciou que a Administração municipal vai proceder à vedação imediata da floresta, a partir de hoje. A floresta do Santo António está a ser invadida desde o início do ano passado, por cidadãos que estão a erguer casas na área adjacente.

### **1.81 Chuvas desalojam famílias em vilas do Moxico e Bengo**

*Jornal de Angola*

*3 de Novembro de 2010*

Pelo menos, 830 pessoas foram desalojadas pelas fortes chuvas que caíram no fim-de-semana na Vila de Lumeji, sede municipal da Cameia

Uma nota do Centro de Documentação e Informação do Governo local, citada pela Angop, refere que a chuva, acompanhadas por ventos fortes, destruiu 160 casas e uma escola primária, de construção provisória. A chuva destruiu igualmente postes de luz eléctrica, deixando muitas casas sem energia eléctrica. O município da Cameia está localizado a 102 quilómetros da capital do Moxico.

No município da Quissama, província do Bengo, 45 casas, na maioria de pau-a-pique, ficaram sem telhados, devido às fortes chuvas que, no fim-de-semana, caíram naquela circunscrição.

O chefe da secretaria da administração municipal afirmou, à Angop, que a chuva destruiu o telhado das casas dos bairros periféricos da vila da Muxima, provocando o desalojamento de 45 famílias. Gastão Kuvukila referiu que a chuva provocou avultados danos materiais, entre os quais electrodomésticos.

### **1.82 Angola e Portugal enfrentam alterações climáticas**

*Agora*

*6 de Novembro*

Os projectos a realizar em conjunto vão contribuir para o acesso a água potável e energia limpa

Os dois países concordaram, esta semana, em trabalhar em conjunto para enfrentar os desafios decorrentes das alterações climáticas através do desenvolvimento de projectos, troca de informação e do acesso a tecnologias.

No memorando de entendimento, rubricado em Lisboa pelas ministras do Ambiente de Portugal e de Angola, Dulce Pássaro e Fátima Jardim, respectivamente, está definido o objectivo de estabelecer cooperação a curto e médios prazos no domínio das alterações climáticas".

Em vigor até Dezembro de 2012, o documento descreve actividades como a formação e capacitação de técnicos angolanos em várias áreas, elaboração de projectos de adaptação e mitigação que possam concorrer a financiamentos internacionais, visitas de intercâmbio de cientistas e de peritos ambientais ou organização de seminários.

Será promovida a capacidade das instituições com incidência nas políticas climáticas, a identificação de projectos geradores de créditos de carbono e a "mobilização de investimento privado e de outras fontes de co-financiamento".

Os projectos a realizar em conjunto vão contribuir para o acesso a água potável e energia limpa, recuperação de zonas áridas, aumento da capacidade de gestão das bacias hidrográficas, protecção da orla costeira e das florestas nativas e os seus biomas.

O financiamento das actividades definidas será da responsabilidade dos dois países. O documento especifica ainda que o financiamento rápido para o apoio à concretização de programas, projectos e acções para adaptação e mitigação, desenvolvimento e transferência de tecnologias e capacitação institucional em Angola irá envolver recursos na ordem de três milhões de euros por ano, até 2012.

### **1.83 Chuva destrói casas em Cabinda**

*Jornal de Angola*

*30 de Novembro de 2010*

Ao todo, 216 pessoas do bairro 4 de Fevereiro, na zona de "Papá Ngomá" em Cabinda, perderam, na quinta-feira, bens domésticos devido à forte chuva que se abateu sobre a cidade e arredores.

Além da perda dos haveres, a uva destruiu parcialmente três casas, causou fissuras em 17 e inundou totalmente 34.

A maioria das casas atingidas pela enxurrada foi construída próximo da vala de drenagem, o que facilitou a ocorrência de estragos em diversas habitações.

Teresa Lelo de 33 anos, mãe de três filhos, foi uma das vítimas. Perdeu todos os haveres.

"Fiquei sem nada, tudo o que consegui durante tantos anos de trabalho ficou por baixo de escombros", lamentou.

"A porta principal da minha casa foi destruída pela pressão da água e tive de retirar as crianças pela janela" referiu.

O chefe do Centro de Documentação e Informação da Administração Municipal de Cabinda, Sefate Matoco, revelou que as três famílias mais afectadas vão receber do governo da província, através do Comando da Protecção Civil e da Secretária Provincial da Assistência e Reinserção Social (MINARS), assistência alimentar e tendas para se alojarem provisoriamente.

### **1.84 Luanda inundada com mais um temporal Candongueiros aproveitaram a ocasião para dobrar o preço da corrida**

*Jornal de Angola*

*29 de Novembro de 2010*

Ontem voltou a chover em Luanda durante três horas, das 11 hOO às 14hOO. Os autocarros e táxis tiveram inúmeras dificuldades para circular em Luanda devido às Inundações nas ruas. A normalização dos transportes só foi possível ao Início da tarde, quando a chuva abrandou.

Os candongueiros aproveitaram para cobrar o dobro pelas corridas e para encurtarem as rotas. As vítimas, como constatou a reportagem do Jornal de Angola, foram fiéis que regressavam dos cultos e pessoas que passeavam ou regressavam das praias.

Até ao fecho dessa edição, o Corpo do Serviço de Bombeiros e Protecção Civil ainda não tinha um balanço das enxurradas.

Várias actividades culturais que estavam programadas para ontem foram adiadas para a próxima semana. Mas enquanto a chuva não apareceu, foram vendidos discos, no Parque da Independência, da cantora Claudeht Tchizongo, que apresentou a sua segunda obra "Nosso Sermba.

Cruz pesada para Pedro

Nas artérias da capital houve engarrafamentos apesar de ser domingo. Nas zonas suburbanas, as águas voltaram a "invadir" as humildes casas e muitas ruas ficaram intransitáveis.

As ruas do Rangel ficaram praticamente todas inundadas. Pedro da Cruz, morador no bairro da Terra Nova, viu o seu "rabo de pato" engolido por uma cratera aberta pelas águas na Rua do Minho, Terra Nova. A viatura ficou submersa. Teve de abandonar rapidamente a viatura com as suas filhas menores. O destino da família era a igreja.

"Estava a levar a minha família para a igreja e de repente fui surpreendido com a corrente forte da água. Tentei regressar a casa mas já não fui a tempo. O carro começou a ser engolido no buraco aberto pela chuva.

Ernesto Miguel Ventura, morador na Terra Nova, disse que as obras de melhoramento do bairro deveriam começar no tempo seco e não numa época de chuvas. "Não compreendo como em tempo de chuva a administração pensou arrancar com as obras".

No bairro do Sambizanga, os moradores foram obrigados a trepar para os quintais dos vizinhos porque as ruas estavam inundadas.

Lixo arrastado

No Bairro Popular, o lixo que se encontrava na Rua Machado Saldanha à espera da recolha, foi arrastado pelas águas. O lixo acumulado nas bermas foi para os esgotos então permitiu o escoamento das águas.

As picaretas e enxadas dos moradores foram insuficientes para abrir caminho ao escoamento das águas. Os esforços de alguns moradores para limpar as sarjetas entupidas não serviram para muita coisa, porque a força das águas arrastava tudo o que encontrava pelo caminho. No ' Rangel, na Rua do "sangue fúria" houve casas inundadas e muitas ficaram sem chapas no tecto devido ao forte vento que se fez sentir antes , e durante as chuvas.

### **1.85 Angola tem ainda muito trabalho pela frente para superar efeitos das alterações climáticas**

*O País*

*30 de Novembro de 2010*

O ministro das Obras Públicas e Recursos Naturais de São Tomé e Príncipe, Carlos Vila Nova, afirmou que Angola ainda tem muito trabalho pela frente para resolver e superar os efeitos da transformação climática, mas diz que o Executivo tem todas as condições e recursos para superar as dificuldades.

"Angola tem muito a fazer relativamente à situação climática, mas acredito que está num bom caminho e vai encontrar caminhos para fazer face a esta situação, porque tem todos os recursos para ultrapassar os problemas relativos às alterações climáticas", disse o ministro são-tomense, depois de participar na II

Conferência sobre Saúde e Ambiente, que decorreu de 23 a 26 deste mês em Luanda.

Carlos Vila Nova considerou que a Conferência de Luanda foi uma oportunidade única para a reflexão e procura de acções que visem a criação de plataformas de troca de informação, para que o continente possa agir em bloco na defesa da sua posição.

Referiu que São Tomé e Príncipe têm também situações climáticas preocupantes. "Estamos sujeitos a alterações climáticas graves. Hoje é um dado concreto que isso afecta todos os países." Infelizmente, nos países africanos ainda não temos o domínio ou informações suficientes que nos permitam, a médio prazo, prever as próximas consequências das alterações climáticas", disse o ministro. Carlos Vila Nova apontou a subida das águas do mar, a erosão costeira, as secas prolongadas, chuvas torrenciais e desabamento de terras como os maiores problemas de alterações climáticas em África no momento.

"Isso tudo tem afectado e trazido consequências graves às nossas populações que se vêm forçadas a sair dos locais onde vivem", disse. O ministro reconheceu que a saúde está directamente ligada ao ambiente. "Se o ambiente não for salutar os casos de doenças são mais frequentes. Se tivermos um ambiente impróprio em termos de poluição, é claro que as populações são afectadas e vamos ter mais casos de doenças respiratórias. Se os recursos hídricos estiverem contaminados as doenças aumentam e podem absorver mais recursos do Estado, que podiam ser utilizados em outras áreas", exemplificou Carlos Vila Nova.

A Declaração de Luanda sobre as alterações climáticas em África vai ser submetida a apreciação na 16ª Conferência Internacional sobre Mudanças Climáticas, que decorre, desde ontem e até dez de Dezembro, em Cancun, no México. Angola está representada por uma delegação chefiada pela ministra do Ambiente, Fátima Jardim.

Declaração de Luanda é abordada no México o documento, assinado na sexta-feira passada em Luanda, durante a na Conferência Interministerial sobre Saúde e Ambiente em África, vai servir de análise dos conferencistas.

Na Declaração de Luanda, os responsáveis da Saúde em África pediram a criação de um mecanismo que facilite o acesso dos países aos recursos da saúde e ambiente, sobretudo fundos para as alterações climáticas.

A conferência de Luanda, com duração de quatro dias, foi a sequência de uma outra realizada em Agosto de 2008, em Libreville, Gabão. Na ocasião, representantes de 52 países africanos comprometeram-se a empreender 11 acções prioritárias

para fazer face aos desafios relativos à saúde e ambiente em África.

## **1.86 Lixo nas praias preocupa municípios de Luanda**

*Angolense*

*De 4 à 11 de Dezembro de 2010*

A situação do ambiente nas praias tem preocupado os municípios da cidade capital. Fomos até o município do Samba, nas praias do Bairro da Coreia, onde podemos observar o seu estado lastimável.

Assim que chegamos notamos um amontoado de lixo, carros estragados e animais que deambulavam a beira da praia, incluindo cabritos e cães.

Do outro lado da praia haviam muitas crianças a brincarem na água suja. À beira da praia ressaltava lama esverdeada com muitos resíduos sólidos por cima.

Segundo Paulo Nogueira, um dos pescadores, o lixo que se encontra no local é depositado pelos próprios moradores, uma situação que verifica-se há muito tempo. "Nunca apareceu nenhuma entidade para fazer limpeza nesta área", lamentou.

Anderson Jorge, um dos moradores da zona, diz que a situação continua assim porque existem vizinhos que não colaboram na limpeza. "Normalmente nos organizamos para fazer a limpeza, mas existem vizinhos que não colaboram e o que é pior voltaram a colocar resíduos sólidos nos locais já limpos", realçou.

Segundo alguns moradores ouvidos, muitos dos usuários contribuem para o cenário que encontramos "Precisa-mos mudar a mentalidade e isso começa dos adultos até as crianças, 'se trabalharmos todos juntos conseguiremos mudar a imagem das nossas praias", aconselhou Anderson. Actualmente, como explicou, um dos moradores que preferiu falar sob anonimato, os mesmos não conseguem fazer praia por causa da situação higiénica que alguns locais apresentam, tanto mais que para o fazer, têm que atravessar para o outro lado, na zona denominada por "praia da área branca". "Nós podemos fazer a limpeza, mas também precisamos da ajuda do governo provincial. A Elisal já esteve aqui algumas vezes, mas não fez grande coisa. Apenas abriu algumas valas e nada mais", lamentou.

A referida praia está ligada com a praia da Camuxiba e da Mabunda, que encontram-se no mesmo estado.

Tal como essas praias, as do Iknfica também se encontram em estado péssimo. A praia que fica no bairro dos Ramiros, outrora limpa, hoje transformou-se em uma lixeira. Garrafas, latas e resíduos sólidos espalhados pelo chão, atentam contra a saúde dos seus frequentadores.

Enquanto aguardamos que o Governo faça alguma coisa para acabar com essa situação, todos podemos

contribuir se colocarmos em prática as boas regras de convivência e colocarmos o lixo no devido lugar. Caso esteja na praia, leve consigo um saco e coloque nele todo lixo que tiver, dessa maneira contribuiremos para uma praia mais limpa. Este é o conselho de um dos banhistas.

### **1.87 Vice-ministro está satisfeito com obras para conter cheias**

*Jornal de Angola*

*6 de Dezembro de 2010*

O vice-ministro do Planeamento e coordenador do Gabinete Técnico para Avaliação de Infra-estruturas destruí das pelas cheias em Ondjiva e Regulação da Bacia do Cuvelai, Gualberto Lima Campos, manifestou-se, ontem, satisfeito com o nível dos trabalhos desenvolvidos.

Falando à imprensa, no termo da visita de três dias ao Cunene, o vice-ministro sublinhou que no concernente aos trabalhos em curso, destinadas à contenção das cheias que têm assolado a província, são visíveis os esforços e empenho dos empreiteiros e do governo local, pelo que as obras de construção dos diques de protecção e passagem hidráulicas nos arredores de cidade Ondjiva decorrem a bom ritmo.

No município de Namacunde estão em curso trabalhos de recuperação das infra-estruturas danificadas pelas cheias na cidade capital e arredores, frisou.

Gualberto Lima Campos disse que situação semelhante se verifica no município do Cuvelai, onde se assiste à construção de pequenas pontes em zonas críticas, como Onanuno, Omala e Oshivemba, ao longo do troço Ondjiva/Cuvelai, numa extensão de 160 quilómetros.

Para o vice-ministro, até ao momento, os trabalhos realizados dão segurança e tranquilidade. Durante a sua estadia no Cunene, Gualberto Campos, acompanhado da secretária da Presidência da República para os assuntos Sociais, Rosa Pacavira, reuniu-se com o vice-governador da província do Cunene para os Serviços Técnicos e Infra-Estruturas, Cristino Mário Ndeitunga, e os membros do governo local, e com os empreiteiros, com os quais abordou assuntos relacionados com estado actual das obras no Cunene.

Deslocou-se ainda ao município do Cuvelai, visitando as localidades críticas, como Onanuno, Omala e Oshivemba, e inteirou-se dos avanços da construção dos diques de protecção e passagens hidráulicas nos arredores de Ondjiva e no município de Namacunde.

As cheias no Cunene, que se registaram pela terceira vez, afectaram 23.699 pessoas.

O Gabinete Técnico foi criado pelo Presidente da República, José Eduardo dos Santos, tendo como missão implementar medidas para a reconstrução de infra-estruturas a curto e médio prazo e apresentar propostas de solução para a regulação das principais linhas de água decorrentes da Bacia do Cuvelai

### **1.88 Terra angolana**

*De 11 à 27 de Novembro de 2010*

**CINTURA VERDE.** O Gabinete de Desenvolvimento e Aproveitamento Hidráulico do Kikuxi, GADAHKI, promete levar a cabo nos próximos dias uma acção de demolição de residências construídas no perímetro agrícola do Kikuxi.

O director daquele gabinete, Salomão Manuel Caumba, visitou esta terça feira 1 de Novembro o local e constatou que o terreno está a ser invadido por pessoas que dizem pertencer as Forças Armadas Angolanas. O responsável, diz que a área foi reservada para a produção agrícola, pelo que não terá mãos a medir na hora das demolições. Pelo menos cerca de 20 hectares de solo arável foram indevidamente ocupados nos últimos tempos.

**CHUVAS.** As chuvas, que caíram no passado fim-de-semana causaram vários estragos em todo o país. Elas são de facto o grande fiscal de obras, ou seja, o fiscal mais incorruptível que alguma vez passou por Angola. A província de Luanda, por exemplo, a chuva que se fazia acompanhar de fortes ventos causou inundações nos municípios da Samba, Rangel e Cacuaco, impossibilitando a circulação rodoviária durante a semana finda. As províncias do Kwanza-Sul, Uíge, Malange, também não foram poupadas pela fúria da natureza, tendo as autoridades locais contabilizado a destruição de várias residências e outras estruturas físicas. Segundo o corpo de bombeiros e protecção civil há ainda a ter em conta a morte de dez pessoas e 20 feridos e muitas desaparecidas.

O morro do Binda na província do Kwanza-Norte encontra-se em perigo máximo devido ao mau estado da via. Anualmente a Polícia assinala acidentes naquela região alcantilada.

### **1.89 Chuvas provocam dezenas de mortes**

*Jornal de Angola*

9 de Dezembro de 2010

Um total de 15 mortos, oito feridos e a destruição de 1.669 infra-estruturas, incluindo 24 escolas, é o resultado das consequências das chuvas que se abateram durante o último trimestre deste ano no Bié.

Fruto desta situação, de acordo com o responsável da comissão provincial para a Protecção Civil, José Pinto, que prestou na terça-feira a informação, 8.330 pessoas vivem em situação difícil de habitabilidade.

Quatro postes de alta tensão e seus respectivos candeeiros desactivados e uma residência arderam fruto de uma descarga eléctrica, na aldeia da Calalavela, na comuna do Umpulo, município de Kamacupa.

Os bairros periféricos foram os que mais sofreram com as calamidades naturais, abrangendo igrejas e o comité comunal do MPLA, no Umpulo, disse José Pinto.

De momento, as pessoas que ficaram com as residências sem tecto e com paredes destruídas são as que estão a merecer maior apoio, enquanto as restantes famílias que tiveram as casas com menos problemas vão receber chapas de zinco e outros materiais rudimentares.

José Pinto esclareceu que, após a paralisação das chuvas, as comissões municipais de Protecção Civil vão trabalhar na sensibilização da população para que se saia das zonas de risco, pelo facto de serem áreas de escoamento das águas fluviais.

O coordenador da comissão provincial para a Protecção Civil disse que estão igualmente a definir as formas para apoiar as famílias afectadas e baixar mecanismos e orientações de actuação.

De acordo com orientações do governo local, as administrações municipais deverão traçar programas de sensibilização da população sobre as melhores formas de construir as residências para evitar consequências do género.

As administrações foram ainda orientadas a criar centros de acolhimento para acomodar pessoas que venham a ser afectadas por calamidades do género, com mínimas condições aceitáveis de habitabilidade. Nos arredores das grandes concentrações populacionais, as administrações também vão ser obrigadas a criar cortinas de vento, uma acção que contará com a colaboração da direcção provincial da Agricultura e Desenvolvimento Rural, que está já a sensibilizar a população para participar nas campanhas de plantação de árvores. A direcção provincial da Agricultura e Desenvolvimento Rural vai também criar mecanismos para punir as pessoas que se dedicam ao abate indiscriminado de árvores, para fazer carvão.

Cheias no Bengo devastaram campos agrícolas

Na cooperativa do campo de refugiados do Sungui, Porto Quipiri, Bengo, vários campos agrícolas foram devastados, na terça-feira, pelas fortes chuvas que se abateram sobre a região, informou à Angop o chefe da cooperativa agrícola, Yava Próspero.

Segundo o responsável, "foram destruídos mais de cem hectares de culturas, como tomate, cebola, repolho, gindungo, pepino, mamoeiros, batata-doce, milho, mandioca e banana, tendo ficado danificadas as principais vias de acesso às lavras". Além disso, dezenas de famílias foram transferidas para outras regiões. Yava Próspero adiantou que cinco mil famílias camponesas estão envolvidas nesta época agrícola, que carecem de alfaias agrícolas, sementes para diversificar a produção e fertilizantes.

O campo dos refugiados da comunidade do Sungui tem cerca de 150 famílias.

Vítimas das enxurradas recebem chapas de zinco .

Várias famílias afectadas em 2008 pelas enxurradas e actualmente a residirem no bairro da Mina, em Benguela, receberam na terça-feira, da direcção provincial da reinsertão Social, 20 chapas de zinco cada, para a cobertura das suas casas, à semelhança do que vem sendo hábito um pouco em todo o país.

De acordo com a directora provincial do Ministério da assistência e Reinsertão Social, Marinela Sendala, este gesto da administração municipal de Benguela tem por objectivo diminuir as dificuldades com que se deparam estas famílias.

O administrador adjunto de Benguela, Leopoldo Muhongo, disse, por seu turno, que a entrega do material representa um compromisso do governo de Benguela e da administração local, no sentido de garantir as condições básicas às populações que já dispõem de água.

Realçando o compromisso do Executivo em criar melhores condições de vida, o administrador adjunto de Benguela assegura que o bairro da Mina vai poder contar, nos próximos tempos, com uma escola, por se situar numa zona em fase de crescimento. O bairro é maioritariamente habitado por famílias angolanas provenientes da República da Zâmbia e do Congo.

## **1.90 Enxurradas continuam a fazer vítimas morais**

*O Independente*

18 de Dezembro de 2010

O luto, a mágoa e a desilusão pairaram no rosto de muitos munícipes da cidade de Luanda, como consequência das enxurradas que assolaram, nos últimos tempos, a cidade capital.

E é assim! Quando chove, muitos são os munícipes que não conseguem ir trabalhar, uns porque têm de retirar as águas para fora das suas residências, para se livrarem da inundação, outros porque as vias secundárias e terciárias ficam totalmente intransitáveis.

São muitas as explicações à volta da problemática, mas nestas últimas enxurradas, não deixamos de apontar o dedo às administrações municipais, pela incompetência na fiscalização das obras tanto asfáltica como de terraplanagem, pois muitas delas dispõem de verbas e pouco ou nada fazem para prevenir alguns males que assolam a municipalidade.

Durante as enxurradas a nossa reportagem conseguiu visualizar, em quase todos os municípios, muros de residências destruídos, desabamento de terras e pessoas que ficaram electrocutadas como resultado da inundação das suas residências.

As chuvas, o Natal e as consequências do lixo

As quedas fluviométricas continuam a ser o grande empecilho para as operadoras de recolha do lixo, que se viram impedidas de penetrar nas áreas mais recônditas dos municípios da província de Luanda.

As entradas de supermercados e os mercados informais são, sobretudo, as zonas em que maior amontoado de lixo se concentrou, como consequência das últimas enxurradas que assolaram a província de Luanda.

Vários jovens lavadores de carros aproveitaram a ocasião para extorquir dinheiro aos transeuntes, ajudando-os a atravessar os charcos e, em contrapartida, cobravam Kz 200.00 por cada pessoa transportada.

A nossa reportagem constatou, ainda, que alguns munícipes, para se prevenirem de determinadas catástrofes, criaram brigadas de trabalho para a recolha do lixo local e evitar que indivíduos desordeiros sujem as ruas de forma indiscriminada.

Por exemplo, no bairro do Rangel, foi possível notar a ausência das águas estagnadas ao longo da via, assim como os amontoados de lixo que se encontravam espalhados pela rua. Na Maianga, o cenário também era diferente.

A intervenção dos operadores de recolha de lixo conta com o apoio total dos munícipes. Os focos de lixo quase já não se fazem sentir, num exemplo de cidadania que deve ser seguido por todos. O momento exige de quem de direito a devida reflexão para que no futuro não voltemos a viver situações semelhantes.

## **1.91 Chuva deixa rasto de destruição e morte**

*Jornal de Angola*

*19 de Dezembro de 2010*

Milhares de famílias desabrigadas, 31 pessoas mortas e 16 feridas são o resultado das chuvas que têm caído no Moxico e no Huambo, revela um relatório da Comissão Nacional de Protecção Civil divulgado, na quinta-feira, no Luena.

O relatório, entregue à imprensa durante a visita de uma comissão multi-sectorial, chefiada pelo vice-ministro do Interior para Protecção Civil e Bombeiros, Eugénio Laborinho, refere que mais de 8.433 famílias se encontram desabrigadas no município do Alto Zambeze, a 500 quilómetros da cidade do Luena, em consequência das fortes chuvas.

O documento sublinha que, no mesmo município, as chuvas provocaram a morte de uma pessoa e a destruíram 5.097 casas, oito escolas do ensino primário, seis igrejas e 85 hectares de cultivo de milho, mandioca e feijão.

Para acudir às populações, a comissão levou bens de primeira necessidade e tendas.

Durante dois dias, a comitiva, acompanhada pelo governador provincial, Ernesto dos Santos "Liberdade", e de técnicos do Ministério da Assistência e Reinserção Social, da Família e Promoção da Mulher, das Forças Armadas e da Polícia Nacional, recolheu dados para a elaboração de um relatório a ser entregue ao Executivo Eugénio Laborinho disse, à imprensa, ser preocupante a situação e prometeu o empenho do Governo para realojar as pessoas sinistradas. "Viemos aqui para avaliar os danos causados pelas chuvas e, conjuntamente com as autoridades da província, encontrar formas de apoiar as vítimas e montar um sistema de alerta no Alto Zambeze", disse.

Alerta azul no Huambo

Na província do Huambo, apesar de ainda estar sob alerta azul, já estão contabilizadas 30 mortes, 16 feridos e 248 famílias desabrigadas devido às fortes chuvas. As chuvas destruíram, igualmente, 300 hectares de culturas diversas, causando, na comuna da Tchiana e na sede municipal do Tchindjendje, prejuízos a 1.200 pessoas, e 278 infra-estruturas, entre casas, igrejas e escolas.

Eugénio Laborinho visitou o local onde morreram quatro pessoas devido ao desabamento de uma casa no bairro de Galileia e as áreas consideradas de risco em São José, Candimba/Calilongue, Calomanda e Capango, todos na periferia da cidade.

O vice-ministro louvou o empenho do governo do Huambo, que, disse, tem feito tudo para minimizar o sofrimento das vítimas das enxurradas.

Eugénio Laborinho referiu que o Ministério vai trabalhar com a comissão provincial e com os órgãos

sectoriais de protecção civil para se encontrar uma solução imediata que minimize o problema do impacto das chuvas que se registam em todo o país.

“Faltam quatro meses de chuvas e vamos ter ainda situações muito complicadas”, alertou, lembrando que a população insista em construir em zonas de risco, sobretudo nas valas de drenagem, nas linhas de águas, encostas, montanhas e, às vezes, com um tipo de bloco inadequados.

## **1.92 Populares do bairro Uíge prevêm em natal apartado**

*O País*

*24 de Dezembro de 2010*

Os moradores dos bairros Uíge e Huambo, na comuna do Rocha Pinto, município da Maianga, em Luanda, cujas casas foram erguidas nas proximidades de uma vala de drenagem, prevêm um Natal de aflição, por causa das chuvas.

"Estamos conscientes que vamos passar o Natal com muita aflição, porque essas últimas chuvas roeram ainda mais as paredes da vala e as nossas casas estão quase a ser engolidas pelas águas que passam pelo canal", disse Dona Maria, moradora do bairro desde ano 2000.

A residente e mãe de sete filhos, que vê agora a sua casa a menos de meio metro do caminho da água, atiram as culpas para a ODEBRECHT, a empreiteira que se encarregou do trabalho.

"A ODEBRECHT tem culpa por ter colocado aí um tubo grande que, em Vf2, de atirar a água para o buraco, começou por despejá-la para os montes do limite da vala e, agora, tudo que é terra é consumido pelas correntes, cada vez que a chuva cai", argumenta a munícipe.

Voltando às lamentações, Dona Maria referiu-se aos cuidados reforçados que ela e as suas vizinhas passaram a dedicar aos filhos, quando chove, porque a corrente projectada pela manilha da ODEBRECHT arrasta qualquer obstáculo que encontra ao longo do percurso.

Vale lembrar que, nos dias sem chuva o piso da vala serve de campo de futebol para as crianças da área, como constatou O PAÍS no dia da reportagem, quarta-feira, 22. Os petizes, eufóricos, contaram ao jornalista que nos dias de enchentes, aproveitam para uns valentes mergulhos no local indiferentes ao perigo, na sua inocência!

Este jornal apurou dos residentes que a situação não tem sido das melhores nessas paragens, onde, há menos de um mês, uma mulher foi encontrada morta na vala, enquanto uma família chorou desalmadamente devido ao desaparecimento de uma

criança, que, segundo seus companheiros também petizes, teria sido arrastada mortalmente pela correnteza.

Quem se mostrou também preocupado com os jogos e outras diversões, na vala foi Manuel da Costa, cujo filho de sete anos se feriu em data recente, num dia de chuva intensa.

Em vésperas do Natal, o cidadão disse estar preparado para evacuar dali a família, caso venha a chover na véspera do Dia da Família (hoje), já que a sua casa dificilmente resistiria.

Manuel da Costa mostrou à reportagem de O PAÍS como a sua casa já começou a ser engolida aos poucos, estando já sem o WC, arrastado pelas últimas enxurradas.

Questionado se o facto de ter construído sobre a linha de água não era, em si mesmo, uma irresponsabilidade da família, o morador explicou

Quem contava que um dia viesse a ODEBRECHT desviar o curso de água mais para a esquerda do canal "quando eu vim para construir neste local, em 1998, a minha casa distava mais de 15 metros da vala".

Acrescentou que as construções feitas por outros vizinhos, que lhe seguiram o exemplo, alteraram o curso das águas e isso prejudicou a estabilidade do seu imóvel.

Manuel da Costa acredita também, tal como a vizinha Maria, que parte das culpas devem-se à construtora brasileira: "quem contava que um dia viesse a ODEBRECHT desviar o curso de água mais para a esquerda do canal?".

Manuel da Costa esperava que, à semelhança de outros pontos habitacionais do Rocha Pinto como são os casos do Morro da Luz e da "Moagem", a ODEBRECHT construísse uma vala de drenagem a betão.

Ainda assim, apela ao Governo da Província de Luanda (GPL) a activar um projecto do género para diminuir as preocupações dos moradores.

Áreas de construções desaconselhadas

O clamor dos populares dos bairros Uíge e Huambo ocorre numa altura em que o Governo reforçou o seu apelo em relação ao perigo das construções em zonas de risco.

Tais áreas têm a ver com as linhas de água, zonas com lençol freático, cimos ou áreas transversais a morros, locais antes ocupados por salinas, mangais e outras previamente proibidas pelos órgãos de direito.

Na verdade, a província de Luanda ainda conta ainda com um número elevado de cidadãos que insiste em edificar as suas residências em áreas inadequadas, no que se constitui uma permanente fonte de dores de cabeça para as autoridades.

## **1.93 Luanda nunca esteve preparada para receber enxurradas**

Os cidadãos são os que mais sofrem com as chuvas, sobretudo nas províncias e nos bairros suburbanos da capital do país. A população considera que Luanda nunca esteve preparada para receber enxurradas.

A época chuvosa, que ultimamente se tornou num flagelo para muitas regiões do país, começou há cerca de quatro meses. As imagens de mortes, destruições, desalojados e cheias poderão repetir-se em diversas partes do país, a julgar pelas torrentes de chuva que se irão abater sobre todo o território nacional, segundo previsões do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

Tais previsões são corroboradas pela Organização Internacional de Meteorologia e por institutos da África do Sul e do Zimbabué. No Cunene, que tem sido palco de grandes cheias, desalojamentos, fome, doenças e morte, o "filme de terror" poderá ser revivido nesta estação chuvosa.

Aliás, já aconteceu no Huambo, nas Lundas Norte e Sul, em Malanje, no Moxico e no Uíge. Em relação a Luanda, o quadro também se vai manter ou seja, as zonas de risco, nomeadamente a Samba, Cazenga, Boavista, Sambizanga e Viana, em suma, uma parte considerável da periferia, onde vive a esmagadora maioria da população, voltará a sentir a fúria das águas "enviadas por São Pedro".

Uma das consequências dramáticas das chuvas em Luanda, e não só, tem sido o surto de cólera, que há dias já registou dois casos no município do Sambizanga, em resultado das lixeiras que, por incrível que pareça, ainda se vêem um pouco por toda a cidade.

É inconcebível que a cidade esteja a crescer (!) com a construção de tantos arranha-céus, mas os seus cidadãos ainda sejam acometidos de cólera e paludismo e outras enfermidades causadas pelo lixo, falta de qualidade da água que se consome, poeiras e outros.

Este problema é agravado pelo deficiente funcionamento do sistema de drenagem. O *Semanário Continente* pretendia abordar este e outros problemas com a direcção da Elisal, cujo director, Lúcio Martins, e outros responsáveis se furtaram ao diálogo (vide caixa sobre o assunto.)

. Uma prova de que os esgotos, quando funcionam, aliviam o sofrimento da população é a rua Ngola Kiluanje, mais ou menos da antiga Padaria Pameli até à direcção da entrada da rua 12 de Julho, onde, após uma chuvada, por mais torrencial que seja, as pessoas podem circular à vontade, sem o constrangimento de enfrentar águas estagnadas.

Apesar disso, a obra naquela estrada foi abandonada pela empreiteira brasileira Camargo Correia sem a

ter concluído. Acresce a isso as estradas descartáveis que abundam na cidade de Luanda e em muitas outras partes do país e que só são admissíveis em Angola, por falta de uma fiscalização rigorosa e feita por gente im-poluta.

Como exemplo (mau), citamos a rua Rei Mandume, ex-Senado da Câmara, onde também os esgotos, apesar do pouco tempo de vida, deixaram de cumprir a sua função. Essa via, reparada há me-nos de 10 anos, vem-se deteriorando, recebendo de quando em vez arranjos paliativos.

O bairro São Paulo, que até é uma zona urbanizada, ainda tem ruas em estado vergonhoso. Como os projectos de requalificação são demorados, seria aconselhável que o Executivo arrancasse, já, com aqueles que tem vindo a anunciar, nomeadamente do Sambizanga e do Cazenga, com vista a, exactamente, minimizar os efeitos das chuvas e outras calamidades, pois isso vai pressupor a criação de equipamentos sociais modernos. Angola será um dos países da região Austral do "Continente Negro" que mais vai chover nos próximos meses. Em entrevista ao *Continente*, Eugénio Laborinho, coordenador da Comissão Nacional de Protecção Civil, fez o alerta baseando-se nas previsões do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica de Angola (INAMET) e do Centro Regional de Observação Meteorológica, sediado na África do Sul.

As previsões apontam as enxurradas para este mês de Janeiro e Abril próximo. Estão ameaçadas, segundo Laborinho, as províncias de Bengo, Benguela, Cabinda, Kwanza-Norte, Kwanza-Sul, Kuando-Kubango (Leste), Luanda, Lunda Norte, Lunda Sul, Malange, Moxico, Namibe, Uíge e Zaire.

As quedas poderão ser mais ou menos intensas nessas regiões, acrescentou. Laborinho chama especialmente à atenção dos governadores de província e as comissões provinciais do seu próprio organismo sobre estas previsões.

Francisco Paulo -funcionário público, 39 anos, natural de Luanda. A capital do país não tinha que estar governado por homem que vem de uma província mais desorganizada e mais atrasada em comparação com as demais províncias do país. Esta cidade carece de uma análise muito profunda; o governo, precisa implementar políticas de reestruturação desta cidade. O governo nunca preparou Luanda para grandes enxurradas. Em épocas chuvosas, chegam a morrer mais pessoas do em qualquer outro período e muitos populares ficam desalojados. Eu, por exemplo, vivo no bairro da Boavista, aquilo é um caso sério quando chove. Assistimos populares a serem carregados pelas águas. A minha própria residência já havia desabado mais de duas vezes e tive de a e reconstruir. É que para estes casos, o governo não dá a devida atenção. Nesta época chuvosa, gostaria que o governo pudesse ter um pouquinho

as valas de drenagem são devidamente. Até agora, algumas residências continuam muito mal construídas. Em todas as épocas chuvosas, assistimos a episódios terríveis, vemos pessoas a perderem a vida por um erro que pode ser evitado. A chuva é um fenómeno da natureza, mas a prevenção é uma atitude humana. Sinceramente, as zonas que sempre sofreram mais são as da periferia, às quais o governo podia prestar maior atenção. Vivo no morro da Samba, aí onde as pessoas só não morrem porque Deus ainda não quer. Mas se chover muito, haverá muitos óbitos neste ano. Os nossos governantes, não vivem na periferia. Se assim fosse, a preocupação seja maior.

Bernardo Alfredo - estudante universitário, 27 anos, natural do Huambo. Se Luanda está ou não preparada para receber as enxurradas, isso eu não sei. Mas a verdade é que Luanda não é uma boa cidade quando chove. Não é uma boa província para se visitara quando a natureza decide "bravar" ou "quando o São Pedro abre as torneiras", principalmente nas suas zonas periféricas. Vê-se a responsabilidade de um governo muitas vezes nestes contextos. Porque é bem verdade que algumas obras orientadas pelo governo central, tem sido descartáveis e quando desabam provocam problemas aos populares. Algumas valas de drenagem, esgotos, passeios e até mesmo residências desabam quando é provada a sua capacidade de resistência. As zonas periféricas de Luanda devem merecer uma maior atenção por parte do governo, pois elas são as mais atingidas nas épocas chuvosas. São mais de centenas residências que vão sempre abaixo em épocas chuvosas e que não têm recebido um tratamento devido. Manuel Pedro - estudante universitário, 38 anos, natural de Luanda. Os meus pais são da província do Uíge, mas eu nasci em Luanda. Desde que nasci nunca saí de Luanda. Pelo tempo que estou nesta cidade, nunca passei nenhuma época chuvosa sem assistir tragédia. Sempre que chove, vejo e oiço nos órgãos de comunicação social destruição de bairros, morte em quase todos os musseques e gritos. É lastimável o que se assiste na capital do país. Em sociedades mais evoluídas, as prevenções em épocas chuvosas, são prioridades no sentido de não prejudicar o próprio cidadão. Mas o que se verifica aqui é bem diferente. Os nossos dirigentes só se preocupam depois de as desgraças ocorrerem. A verdade Luanda não está preparada para grandes enxurradas, pois, ainda existem residências em zonas de risco, sobretudo a Samba, Boavista, Rócha Pinto, no Catambor e outras zonas. O continente tentou contactar o governador provincial de Luanda, José Maria dos Santos, este por sua vez estava sempre indisponível a falar neste semanário.

## **1.94 Um ambiente limpo e verde é desafio de todos**

*Jornal de Angola*

*1 De Março de 2011*

O Ministério do Ambiente tem vindo a promover, nos últimos dois anos, diversas acções ao nível da produção de legislação ambiental que defenda um crescimento económico sustentado. Neste período, foi desenvolvida uma série de acções de controlo que alteraram as práticas correntes contra o ambiente em muitos sectores de actividade. Hoje, qualquer projecto de construção tem que ser acompanhado de um estudo de impacto ambiental. Numa entrevista concedida ao Jornal de Angola, Domingas Brito, directora nacional das Tecnologias Ambientais, fala dos desafios do sector e defende a necessidade, de Angola começar a abraçar as tecnologias limpas, para que existam cidades mais verdes e ecológicas.

Jornal de Angola – Qual é a vocação da Direcção Nacional de Tecnologias Ambientais?

Domingas Brito – Esta direcção, de acordo com o estatuto orgânico recentemente reajustado, passou a ter a vocação de incentivar e fazer com que as tecnologias ambientais sejam realizadas em todos os sectores da vida económica, e incentivar também o investimento nas tecnologias limpas em Angola. Ela é recente e vamos esforçar-nos para que os desígnios por que foi criada sejam alcançados.

JA – O sector tem conseguido concretizar muitos projectos ambientais?

DB – Temos conseguido, de facto. As nossas atenções estão voltadas para as questões que têm a ver com os princípios do desenvolvimento sustentável, já que há necessidade de harmonizar a questão ambiental com os sectores económicos e sociais. É fundamental que tenhamos uma legislação forte e uma educação, sensibilização e capacitação extensiva, para que a harmonização dos sectores seja possível. Contudo, há muito a ser feito. Temos a Lei Base do Ambiente, que vai relação com o ambiente.

JA – Luanda está quase despida de verde. Há programas definidos para que tenhamos uma cidade mais verde?

DB – Na minha visão, esta é uma matéria da responsabilidade de todos. Esta é uma questão tão delicada que precisa da intervenção do Executivo, investidores, consumidores e sociedade civil. A responsabilidade de construir um meio ambiente limpo e verde é um desafio de todos nós. A questão ambiental é transversal, daí ser necessário que todo nosso esforço esteja voltado para o cumprimento dos princípios, acordos e convenções internacionais, bem como a realização de todas as medidas que visem a salvaguarda

e protecção da biodiversidade. Creio que existem princípios orientadores do Executivo que passam pela mitigação dos níveis de poluição, realização de tecnologias limpas, quer nos sectores da indústria, energia e água e até dos transportes. Todos estes sectores devem trabalhar para que o ambiente seja cada vez mais saudável.

JA – A realização de tecnologias limpas é um dado novo. Como andamos nessa área?

DB – Para mitigar os níveis de poluição é preciso apostar nas tecnologias limpas. Como sabe, um dos maiores vectores para a mitigação da poluição é o recurso às energias renováveis. Os nossos objectivos, nesse sentido, vão conduzir-nos a isso. Há potencial para que a criação de energias renováveis se torne possível. Temos bons ventos, uma vasta rede hidrográfica e muito sol. Podemos aproveitar tudo isso para reduzir o uso das energias fósseis, responsáveis pela emissão dos gases de efeito estufa. JA-O que está a ser feito?

DB – Estamos num processo de transferência dessas tecnologias limpas e isso passa pelo conhecimento e troca de experiência. Por isso, em Maio vamos realizar a Feira do Ambiente, uma plataforma para capacitar, educar a população e empresas, bem como oferecer soluções tecnológicas amigas do ambiente. Contamos com expositores II de Portugal, Espanha, Brasil, Estados Unidos, entre outros, o que representa um passo para a busca de tecnologias limpas e sustentáveis. Que

Importa também, para isso, a instalação de um Centro do Clima, que me parece ser preocupação do Executivo, e um Centro de Investigação Tecnológica, para que se tenha resultados mais eficazes sobre aspectos relacionados com a poluição atmosférica, o potencial solar e uma base de dados que nos permita obter toda a informação sobre o ambiente.

### **1.95 Técnicos do Ambiente visitam zonas afectadas**

Jornal de Angola 12 De Março de 2011

Uma equipa de técnicos do Ministério do Ambiente efectua, a partir de hoje, visitas às províncias do Namibe, Cunene e Benguela para constatar os danos causados pelas cheias. Os trabalhos iniciam na província do Namibe. A intenção é observar a situação nas localidades da Bibala (Namibe) e Ombandja (Cunene), onde o estado é considerado crítico.

O director Nacional do Ambiente, Camilo Ceita, disse que a equipa vai trabalhar com as autoridades locais e aconselhar as populações a procurar zonas seguras para a sua acomodação.

Depois do Namibe, os técnicos do Ministério do Ambiente deslocam-se às províncias do Cunene e Benguela. No final da visita, na próxima semana, a equipa técnica lá apresentar a público, os resultados do impacto das cheias nas localidades atingidas.

Esta semana o Ministério do Ambiente emitiu um apelo internacional para acudir as populações afectadas pelas chuvas nas províncias do Namibe, Benguela e Cunene.

O Ministério do Ambiente reconheceu que a solidariedade às populações afectadas tem sido desencadeada em vários quadrantes da sociedade, entre académicos, sociedade civil e público em geral, mobilizando os meios de assistência possíveis.

A Rede Maiombe também prepara uma visita às províncias afectadas pelas cheias.

O porta-voz da organização, Rafael Neto, afirmou que a instituição inicia as visitas na província do Cunene, seguindo depois ao Namibe e a Benguela.

Durante seis dias, a associação ambiental percorre várias localidades para ajudar as comunidades a prevenirem-se das chuvas e evitar situações críticas.

A Rede Maiombe pretende continuar o seu programa sobre o impacto das chuvas nas comunidades, que iniciou em Setembro do ano passado e termina em Maio. Informações do Instituto Nacional de Meteorologia (INAMET) indicam que, neste período, vai continuar a chover muito na região centro e sul do país.

### **1.96 As crises ambientais têm sempre a mão do homem**

Jornal Angola

18 De Março de 2011

O Ambiente define-se como a existência de condições para a vida: Este conceito resume a evolução do pensamento humano e reflecte a sua preocupação em relação à necessidade de protecção do meio que o envolve e que lhe dá os meios e os produtos para a sua subsistência. Em entrevista ao Jornal de Angola, o engenheiro Lucas Miranda, do Ministério do Ambiente, abordou algumas questões ligadas ao tema e às primeiras políticas de protecção da natureza que datam da Grécia Antiga, através da gestão e conservação dos solos ou através de um método que ficou conhecido como Barbecho Bienal. A partir dos séculos XIV e XV

começam a surgir as primeiras áreas protegidas, onde as monarquias se divertiam organizando caçada

Jornal de Angola Como vê as actuais políticas ambientais?

Lucas Miranda – As actuais políticas ambientais são as sucessoras das políticas de conservação da natureza. No início, elas obedeciam aos interesses de recreação de determinadas classes sociais, como a nobreza, os detentores do -poder político e económico, ou de subsistência, manutenção da biodiversidade pelas comunidades indígenas. No passado, a nível de colónias, Portugal desenvolveu acções que conduziram ao surgimento de uma rede de áreas protegidas constituídas por reservas e coutadas de caça e reservas florestais. Posteriormente, muitas dessas reservas evoluíram para parques nacionais e regionais, reservas naturais integrais, reservas parciais e coutadas de caça. A nível do sector florestal muitas das reservas, apesar de manterem o estatuto legal, deverão ser alvo de um processo de reavaliação. Poderemos fazer uma referência especial à Floresta da Ilha de Luanda, cujo objectivo da sua criação foi o de proteger a Ilha da erosão das águas do mar. A nível das comunidades foi realizado um grande trabalho para a conservação da biodiversidade agrícola. Esta acção levou ao reconhecimento dos direitos das comunidades indígenas e locais, através da Convenção sobre a Biodiversidade, da qual Angola faz parte.

JA- Na primeira Conferência de Estocolmo foram abordadas questões de fundo relacionadas com o ambiente?

LM – O que posso adiantar é que ficou patente que as preocupações sobre a necessidade de conservação do meio são tão antigas quanto as formas de organização das sociedades. O desenvolvimento científico e tecnológico, a partir da Revolução Industrial, com a entrada em jogo da máquina a vapor, fez com que houvesse um aumento da oferta e da procura de bens e serviços. A socialização da produção, a descoberta da penicilina, por exemplo, a melhoria dos rendimentos das famílias, fez aumentar a pressão sobre o consumo de combustíveis. No final da 1ª Guerra Mundial, a aplicação do Plano Marshall para a reconstrução da Europa, para além da procura de mão-de-obra, teve impacto no aumento do consumo de combustíveis fósseis. Os registos apontam a década de cinquenta do século passado como o ponto de viragem da capacidade de suporte do sistema climático mundial às variações das concentrações de Gases de Efeito de Estufa (GEE). Estas alterações climáticas começaram a ter

impacto nas condições do ambiente humano. É com base nestes pressupostos que um grupo de cientistas, com o apoio de algumas lideranças política, foi à Conferência de Estocolmo sobre o Ambiente Humano, de 5 a 16 de Junho de 1972.

JA – Como avalia os resultados da Conferência?

LM – Nesta conferência decidiu-se criar a Comissão Brundtland, foi publicada a obra intitulada "O nosso futuro comum", foi igualmente institucionalizado, a nível das Nações Unidas, o Programa das Nações Unidas para o Ambiente - UNEP/PNUD.

Portugal, como potência colonizadora, não ficou alheio a todo esse processo. Na sua acção governativa fez publicar, através do Ministério do Ultramar, decretos e portarias • que eram encaminhadas para regular a utilização do bem comum. Nesta esteira são dignas de realce as portarias que criam os actuais parques nacionais, parques regionais, reservas integrais e parciais. No capítulo de desenvolvimento dos recursos humanos e com o apoio de instituições sul-africanas, implementou os seguintes planos: cursos de conservação da natureza (básico); abertura do curso de veterinária nos estudos gerais (universitários); estabelecimento da Faculdade de Ciências Agrárias no Huambo, onde existia um curso de Engenharia em Silvicultura. A nível institucional foi criada a Direcção de Agricultura e Florestas (DAF), de onde surgiram os Serviços de Veterinária. O quadro evolutivo que apresento até agora acompanha Angola até à independência nacional.

JA – E desde que o país é independente?

LM – Apesar da situação político militar não ser nada agradável, um grupo de técnicos que vieram da antiga DAF e adstritos aos Serviços de Veterinária organizaram a primeira Conferência Nacional de Conservação da Natureza, que teve lugar de 27 a 31 de Janeiro de 1978, ano dedicado à agricultura. O acto de encerramento foi honrado com o discurso do primeiro Presidente de Angola, Dr. António Agostinho Neto. Esse acto definiu quais seriam as políticas de conservação posteriormente as políticas ambientais da República de Angola.

JA – Depois de Estocolmo realizou-se, em 1992, mais uma Cimeira Mundial sobre o Planeta Terra no Rio de Janeiro (Brasil). Qual foi o objectivo do evento?

LM – O objectivo foi abordar o ambiente global. Embora 20 anos depois de Estocolmo, a Cimeira do Rio foi organizada para aprofundar matéria. Nesse evento, Angola fez-se representar ao mais alto nível: esteve presente o Presidente José Eduardo dos Santos. Nesse

evento foram adoptados três instrumentos que regula as relações mundiais em matéria de ambiente, nomeadamente, Convenção sobre a Biodiversidade, Convenção sobre a Seca e Convenção sobre a Desertificação. Até essa altura, Angola não possuía qualquer instituição que se ocupasse das questões ambientais. Eram assumidas, na altura, pelo vice-ministro da Agricultura para os Recursos Florestais, através de uma pequena secção que existia no Instituto de Desenvolvimento Florestal (ID F), que é a sucessora da Direcção Nacional de Conservação da Natureza (DNAON). Em Abril de 1997 no Governo de Unidade e Reconciliação Nacional (GURN) foi estabelecida a primeira instituição formal para lidar com o ambiente.

JA - Pode identificar as causas das alterações climáticas?

LM – Para além das razões já conhecidas a nível mundial, existem também grandes evidências de que aumento da população está a mudar o clima, com as acções que criam emissões de gases de efeito de estufa, tais como o dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>) e metano (CH<sub>4</sub>). O clima mundial varia de forma natural como resultado de mudanças na órbita da terra; mudanças na energia que recebe do sol. Entretanto, existem agora fortes evidências e em geral todos os acordos universais dizem que não é possível explicar as alterações climáticas apenas por causas naturais. As alterações climáticas ocorridas nos anos recentes e as previsões feitas nos anos 80, levam-nos a pensar serem principalmente o resultado do comportamento humano. O Painel Intergovernamental sobre Alterações Climáticas (IPCC) é um órgão científico estabelecido pelas Nações Unidas para acompanhar as alterações do clima. Este órgão afirma que as actividades humanas são a principal causa das alterações observadas no clima.

JA – A desflorestação também contribui para as alterações climáticas, não é verdade?

LM – O abate de florestas é mais rápido do que a sua reposição. A desflorestação é o maior contribuinte para as alterações climáticas. Ela causa 5,9 mil milhões de toneladas de dióxido de carbono por ano que são libertados para a atmosfera. Isto constitui-se em 20 por cento das emissões mundiais de CO<sub>2</sub> - mais do que as emissões conjuntas produzidas pelo sector dos transportes. A desflorestação toma-se assim num grande contributo para as emissões, porque as árvores absorvem CO<sub>2</sub> no seu crescimento. Quanto mais árvores forem abatidas menos serão as que ficam para absorver o dióxido de carbono. Adicionalmente, agricultura e a indústria

que substituem às florestas causam sempre um problema extra através da produção das suas próprias emissões de gases de efeito estufa.

JA – Os nossos parques nacionais estão bem conservados?

DB – Sim, mas precisam de alguma intervenção. A reabilitação dos parques é uma meta. Precisamos proteger os parques com uma gestão destinada a eles. Temos de investir na fiscalização com meios tecnológicos e o sistema de informação geográfica operacional. Hoje, os fiscais devem ter ferramentas adequadas para que estejam à altura das exigências ambientais. Conservar espaços deve ser, de facto, uma meta a ter em conta. O Ministério do Ambiente tem um programa que pretende conferir uma gestão por unidade dos parques nacionais. É um começo para a política de gestão e protecção dos parques nacionais.

JA – O que lhe sugere o quadro ambiental do país? Estamos bem ou mal?

DB – Neste sentido, devo dizer, lá muito por fazer, embora tenhamos dado passos significativos. Será obra feita, reconheça-se, mas lá uma grande necessidade de desenvolver este sector, o que me faz crer que daqui a alguns anos começemos a ter os resultados. A medida que formos ganhando cultura e consciência ambiental, mais protecção e conservação vai ter a nossa biodiversidade. O ambiente leve ser visto como um factor de desenvolvimento económico.

JA – Há programas específicos para o combate à desertificação e seca?

DB – Como já disse, a questão do ambiente e as próprias questões ecológicas

São transversais. O ministério da agricultura tem programa de reflorestação, que leva a cabo em conjunto com o Ministério do Ambiente Objectivo é prevenir situações ambientais adversas, que o país desenvolva uma agricultura ecologicamente correcta, sem que se degrade o solo.

JA-Como falar de um ambiente sadio sem centrais de reciclagem de resíduos?

DB – Acho que o fundamental para se ultrapassar o problema ambiental em Luanda é criar uma base legal. Sabemos que o Estado orienta, embora a realização de algumas políticas possam ser feitas pela sociedade civil, população e empresas. Contudo, havendo um quadro de regulação, o sector privado tem oportunidade de fomentar a questão da reciclagem dos resíduos, que era benéfico para este processo.

JA – Os aterros sanitários que temos respondem aos níveis de resíduos produzidos?

DB – Ainda não, pois há clara desproporção dos resíduos produzidos e a capacidade dos aterros.

Devemos começar a pensar rapidamente em torno disso, pois na medida em que as cidades crescem aumentam os níveis de resíduos.

JA – A abertura e instalação de indústrias têm cumprido as exigências ambientais?

DB – Queremos evitar os problemas e erros do passado, quer em tecnologias aplicadas quer em máquinas. E preciso passar das tecnologias obsoletas para as tecnologias novas, menos poluentes e ecológicas. Existem políticas ambientais por cumprir e todos os projectos e iniciativas industriais devem estar circunscritas aos planos directivos do Ministério do Ambiente. É preciso, por exemplo, acautelar a instalação de fábricas em áreas residenciais.

JA

que situações do género ocorram no futuro. Se nos pedirem um parecer, vamos exigir que haja um cruzamento entre o ecológico e o urbano.

JA-Além do Salão Ambiente, Energia, Água e Reciclagem, a decorrer em Maio deste ano, há mais desafios?

DB – Para este ano os desafios passam por dar prosseguimento aos projectos existentes e pretendemos que o quadro legal, que está avançado, se consolide. Agora cabe aos outros sectores intervenientes na preservação do ambiente colaborarem neste sentido. Há outros desafios, que passam pela realização do Salão Ambiente e uma feira de tecnologias ambientais, a primeira do género a ser realizada no país. Vamos ter novidades ao nível da capacitação e soluções ambientais, como gestão de resíduos. Vamos fazer uma feira de troca de conhecimento. Outros desafios têm a ver com a conservação de espaços. Contudo, devemos perceber que medidas são feitas mediante regulação e estamos a caminhar bem, pois temos leis importantes, como as Tratamentos de Resíduos, Lei de Base Ambiental e Lei de Licenciamento Ambiental.

## **1.97 Chuvas obrigam Ministério do Ambiente a precaver-se**

*Semanário Angolense*

*19 De Março de 2011*

O Ministério do Ambiente vai propor um plano de gestão das bacias hidrográficas das províncias do Kuando Kubango, Moxico, Cunene, Huíla, Benguela e o Namibe, para que se saiba o comportamento dos rios da região sul do país quando recebem muita água, visto que se transformam em grandes máquinas de destruição de vidas humanas e meios materiais.

Aquele ministério prevê, ainda este ano, realizar um plano de gestão das bacias hidrográficas daqueles rios soube o *Semanário Angolense* de fonte ligada ao sector. Em relação ao ambiente a situação é crítica, visto que no troço rodoviário que liga as províncias do Namibe e Lubango, se as chuvas continuarem para além das dificuldades que já se fazem sentir, como aluimento de terras de enormes blocos de pedra, a estrada poderá ser cortada.

Durante o semestre em curso uma equipa de especialistas fará uma auditoria à província do Namibe para que se tenha uma noção dos elementos essenciais do ponto de vista ambiental, de forma a serem tomados em conta aquando da eventual destruição de infra-estruturas sociais áreas agrícolas e desalojamento das populações.

De acordo com a fonte, houve na província um certo desajuste no que respeita ao desassoreamento dos grandes vales que a região ostenta e como resultado, as fortes correntes de água das chuvas vindas da província da Huíla e outros locais estão a causar vários danos humanos e materiais.

Estão a ocorrer fortes impactos, tanto materiais como humanos e, em consequência a ponte do rio Giraul de cima foi completamente destruída, prevendo-se para a sua restauração e para evitar transbordos um enorme esforço no desassoreamento dos caudais, por causa da acumulação de resíduos.

Uma delegação do Ministério do Ambiente chefiada pelo director nacional do Ambiente Camilo Ceitas visitou a região com o objectivo de se inteirar e fazer uma avaliação dos estragos sobretudo das famílias que foram afectadas directa ou indirectamente. tiveram vítimas mortais e perderam bens e animais.

### **Construções mais sustentáveis com o EIA**

Por seu lado o director nacional de Gestão Ambiental, Vladimir Russo disse esta semana em Luanda, que o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) permite tornar a construção de infra-estruturas ambientalmente sustentáveis além de fornecer sugestões para a utilização de materiais ecologicamente saudáveis.

De acordo com o ambientalista avaliação dos estudos de impacto ambiental é feita com base em várias metodologias e critérios aprovados a nível nacional ou internacional. Para o caso de Angola são analisados os potenciais impactos do ponto de vista da previsão da magnitude e interpretação da importância desses impactos. Geralmente este estudo é efectuado através da

discriminação dos impactos positivos e negativos directos e indirectos imediatos e a médio e longo prazos temporários e permanentes. É feita a análise do grau de reversibilidade de cada uma das acções as suas propriedades cumulativas e sinérgicas e a distribuição dos ónus e benefícios sociais.

"O EIA propõe acções e processos de gestão ambiental que podem incluir mecanismos de gestão de resíduos sólidos e efluentes líquidos instalação de estações de tratamento de águas residuais e minimização dos impactos ambientais" explicou o especialista realçando que "o estudo pode igualmente sugerir e recomendar boas práticas relacionadas com o reaproveitamento da água utilização de energia solar gestão do uso de combustíveis e gestão ambiental da obra".

Vladimir Russo defende que o local de inserção do projecto é relevante "devendo-se evitar, sempre que possível, áreas ecologicamente sensíveis, perda irreversível da biodiversidade, sobre exploração dos recursos naturais e degradação da qualidade de vida das pessoas, já que as obras devem ser feitas para proporcionar ambiente saudável às populações".

Um EIA é uma análise dos potenciais impactos de uma construção do ponto de vista ambiental tanto negativos como positivos, com vista a minimizar os danos negativos e maximizar os positivos.

É também uma ferramenta para promover as boas práticas e sustentabilidade ambiental de projectos e cumprimento da legislação ambiental, contribuindo para os princípios do desenvolvimento sustentável.

Evitar uma factura muito cara

A necessidade da protecção e preservação do meio ambiente, bem como o asseguramento e equilíbrio que deve existir entre a economia e a ecologia e a implementação da "economia verde", faz com que o Ministério do Ambiente procure atrair empresários estrangeiros, entre outros, para que, em parceria com os angolanos, possam investir no ramo de tecnologias limpas nos vários sectores da economia. Para tal, o vice-ministro, Syanga Abílio, realizou em Lisboa, Portugal encontros e conferências para a promoção da 1ª Feira Internacional do Ambiente, Equipamentos, Serviços e Tecnologias Limpas, que se realizará em Luanda, de 26 a 29 de Março, numa promoção do Ministério do Ambiente e parceiros. A organização do evento continua a receber a confirmação de participação de diversos expositores nacionais e internacionais.

Angola é signatária da Convenção das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas e do Protocolo de Kyoto e deve introduzir as tecnologias

limpas para reduzir a pressão sobre os recursos naturais e melhorar a qualidade de vida das pessoas, favorecendo o crescimento económico, pelo que as tecnologias limpas, que serão exibidas na feira internacional, em Luanda, enquadram-se na estratégia do sector em relação à educação e consciencialização ambiental.

Assim sendo, urge a educar as pessoas no sentido de cultivarem valores, comportamentos, hábitos e competências para proteger e preservar o ambiente, da mesma forma como é importante educar os vários sectores da economia do país, principalmente os que transformam os recursos, sobre a necessidade da promoção do uso das tecnologias limpas, não apenas na produção dos bens, mas também na venda de serviços. Como experiência piloto, as tecnologias limpas serão implementadas nos sectores do urbanismo e construção, indústria, energia, transportes, agricultura e floresta.

Para evitar pagar, no futuro, uma factura ambiental muito cara, o Ministério do Ambiente empenha-se em apoiar o desenvolvimento económico do país, com o acompanhamento das tecnologias modernas para garantir o desenvolvimento sustentável.

Ainda no quadro da realização da Feira Internacional em Luanda, o MA está a promover o evento com a realização de encontros e campanhas, para dinamização do mercado nacional.

Portugal, Brasil, Espanha, Inglaterra, entre outros, são alguns dos países cujos expositores já confirmaram a sua presença, faltando ainda a China, que também poderá apresentar a sua experiência neste ramo de "tecnologias amigas do ambiente".

O certame será realizado em parceria com a FI L, contando reunir mais de 100 expositores, alguns dos quais querem investir no ramo de tecnologias limpas em Angola, indo permitir atrair um maior número de investidores, assim como a partilha de experiências.

A introdução de novos produtos, serviços e tecnologias ambientais será um estímulo à economia, através da criação de novas empresas, postos de trabalho, associando assim a melhoria ambiental à qualidade de vida das populações e contribuindo para o crescimento sustentável de Angola.

A crescente preocupação com ambiente e a necessidade de lhe dar resposta fomentou extraordinariamente a busca por essas tecnologias.

## **1. 98 Município da Ingombota sem cólera**

*Jornal Angola*

*19 De Março de 2011*

O município da Ingombota há dois anos que não regista casos de cólera, disse, na quinta-feira, à Angop, a sua administradora. Susana de Melo afirmou que a contenção da doença é fruto das sucessivas campanhas sobre o tratamento do lixo, da água para beber e dos alimentos. Além disso, referiu, contribuem para a ausência de casos da doença, a distribuição de cloro e de água potável por cisternas.

A administração municipal, acrescentou, tem camiões cisternas, cada uma com capacidade para 22 mil litros, que distribuem nas áreas suburbanas; onde não há água canalizada, como são os casos dos bairros da Boavista, Quilombo e Chicala. Os cuidados básicos para a não contaminação da água são transmitidos pelas autoridades sanitárias e pelas igrejas nas missas e nas escolas.

Os activistas que participam na campanha contra a cólera distribuem cloro e lixívia aos proprietários de reservatórios de água.

No município, em 2007, foram registados 311 casos da doença contra 37 mil, em 2006. Quanto à malária, a administradora revelou que estão a ser distribuídos, às grávidas e a crianças até aos 5 anos, mosquiteiros tratados com insecticida.

No município, referiu, estão a ser feitos melhoramentos nos sistemas de abastecimento da rede domiciliária de água potável e da iluminação pública, em colaboração com a EPAL e a EDEL.

O aumento do número de fontanários em áreas suburbanas, a reabilitação da rede de esgotos, para evitar a poluição dos recursos hídricos no litoral, a continuação da instalação de latrinas públicas em várias artérias e a limpeza de sarjetas, dos esgotos e das valas de drenagem são também projectos em execução.

### **1.99 Serviços de protecção civil com dificuldades para evacuar população do cuito cuanavale**

*Jornal de Angola*

*21 De Março de 2011*

Os Serviços de Protecção Civil e Bombeiros do Kuando-Kubango alegaram, na sexta-feira, falta de meios para retirar cerca de 3.500 pessoas da sede municipal do Cuito Cuanavale, que têm casas na iminência de desabar devido à progressão das ravinas.

Uma comissão técnica daquele órgão do Ministério do Interior, que trabalhou durante dois dias na

localidade, verificou que há 700 casas de construção precária prestes a desabar.

Um relatório da comissão refere que os bairros Tchissanda, Benzengue, Militar, Caioco, Lumeta, Lupiri, Baixo Longa e Nduma Mukuve "apresentam um alto risco de serem engolidos pelas ravinas", tornando-se urgente a tomada de medidas para se evitar um desastre natural.

Caso não sejam tomadas medidas preventivas, salienta o documento, as ravinas podem destruir importantes infra-estruturas, como o monumento dos Heróis da Batalha do Cuito Cuanavale, o palácio da administração e o centro médico.

Uma escola de quatro salas, a central térmica, a antena de uma operadora de telefonia móvel, o comando da Polícia Nacional (PN) e dos serviços prisionais, as instalações do comité municipal do MPLA e as casas dos comandantes das Forças Armadas Angolanas e da PN e as dos médicos também estão na iminência de serem atingidos pelas ravinas.

A Comissão de Protecção Civil e Bombeiros, em consequência das chuvas fortes que têm caído, decidiu proibir a circulação de viaturas na ponte sobre o rio Cuito – que tem fissuras nas vigas de sustentação em direcção aos municípios de Mavinga e de Rivungo a proibição mantém-se até a ponte ser inspeccionada pelo Instituto Nacional de Estradas de Angola (INEA), no Cuito Cuanavale, as chuvas já desalojaram 60 famílias.

### **Mobilização de meios**

O comando dos Serviços de Protecção Civil e Bombeiros propôs ao governo provincial que disponibilize viaturas, chapas de zinco, pregos, cimento, kits de cozinha, alimentação, tendas, imputes agrícolas e medicamentos e que prepare um lote de terreno para o realojamento das pessoas a retirar das zonas de risco.

O relatório da comissão técnica sugere que a contratação, pelo Executivo, de uma empresa especializada na contenção de ravinas é a medida mais acertada para resolver o problema porque, lembra, a sede municipal do Cuito Cuanavale foi construída sobre um terreno arenoso.

Este facto, sublinha o documento, faz com que seja necessário criar valas de drenagem com paredes de betão armado para levar as águas das chuvas para os rios Cuito e Intiengo, operação que envolve avultadas somas.

A comissão defende também a criação, pelo Ministério da Assistência e Reinserção Social, de uma base

logística, na sede municipal, que permita uma intervenção em tempo oportuno noutros desastres que possam surgir na zona leste da província. Além disso, propõe a elaboração de um plano de intervenção que possa acudir antes e depois de sinistros ou calamidades. As direcções provinciais das Obras Públicas e Urbanismo e do Instituto de Estradas de Angola enviaram para aquela região duas equipas técnicas para, com a ajuda de uma construtora cubana, tentarem minimizar o problema das ravinas. As equipas técnicas, refere a comissão, têm tido algumas dificuldades, em termos de combustíveis, pneus e lubrificantes para fazerem a manutenção dos equipamentos técnicos.

Apesar da situação crítica, foi possível conter, de forma provisória, a ravina que dividiu a sede municipal em duas e outra que avançava perigosamente em direcção a uma escola, à casa dos médicos e da antena de uma operadora de telefonia móvel.

### **1.100 Chuva inundou várias casas particulares**

*Jornal de Angola*

*26 De Março de 2011*

A Intensa chuva que caiu, na madrugada de segunda para terça feira, na cidade de Ondjiva, causou avultados prejuízos materiais, com dezenas de casas submersas, mobílias a flutuar e muitas famílias sem abrigo.

Na manhã de terça-feira, em várias zonas do centro da cidade e nos bairros Pioneiro Zeca, Castilhos e Naipalala viam-se muitas pessoas a tentarem salvar haveres e outras a retirarem água do interior das casas, com baldes, latas, jarros, com tudo que tinham à mão.

Rogério Mavulino, morador da rua Simione Mucune, no centro da cidade, disse que já previa a situação e que, por isso, não pregou olho, desde o início da chuva. Por volta das 3h 00 viu impotente a água entrar em casa, de uma única divisão, onde vive com a mulher e três filhos. O quintal ficou praticamente inundado, embora a casa não tenha sido muito afectada.

#### **Procura de casas para alugar**

Muitas pessoas, com medo de outra chuvada com a mesma intensidade, abandonaram as casas e procuraram arrendar outras em locais de maior segurança.

Mavulino, por falta de possibilidades financeiras, não pode fazer isso. Resta-lhe esperar que as chuvas cessem. Até quinta-feira, não tinha sido apurado o

número de famílias afectadas pela chuva. As cheias não se verificaram somente em casas particulares. Vários serviços públicos e privados também foram afectados.

As instalações da direcção provincial da Assistência e Reinserção Social, da empresa LEVON e da Escola Superior Politécnica, que teve de suspender as aulas, também sofreram os efeitos da chuva.

Os bairros Pioneiro Zeca, Castilhos, Bangula e Naipalala também ficaram inundados, mas, ontem, em parte das ruas já era possível a circulação de pessoas e de viaturas. A rua Simione Mucune ficou, igualmente inundada, afectando as instalações da administração municipal do Kwanhama, da TAAG, da biblioteca provincial, da Unitel, da escola do ensino primário 122 e varias casas particulares.

Devido às ruas inundadas, muitos funcionários públicos não foram trabalhar. Há também muitas fossas entupidas, provocando um cheiro nauseabundo. A cidade não tem um sistema de drenagem que permita o escoamento das águas, o que origina que fiquem estagnadas em quintais e nas vias públicas.

A sucção das águas, com o recurso a carros cisternas, sugerem algumas pessoas, resolvia parte do problema. A entrada da água da chuva em casas deve-se, também, aos entulhos nas ruas, resultantes das obras de reabilitação da cidade, que impedem a sua circulação. Governo procura soluções

O vice-governador para sector técnico e infra-estruturas disse que a Comissão de Protecção Civil está a retirar as águas estagnadas nos quintais do bairro Pioneiro Zeca. "Esperamos que, no quadro da realização do plano integrado das infra-estruturas da cidade de Ondjiva, a situação do tratamento da drenagem das águas, que caem dentro do perímetro dos diques de protecção, tenha solução imediata", afirmou Cristino Ndeitunga.

Esta é uma questão que requer um estudo integrado de todo o sistema de drenagem da cidade de Ondjiva, referiu, adiantando que se aguarda que o gabinete técnico comece a estruturar o lançamento do estudo para, nos próximos tempos, se resolver o problema de drenagem das águas de uma forma sustentável. A situação, lembrou, é também preocupante no município do Namacunde, onde há também casas inundadas.

O governo provincial, disse, está a fazer um levantamento para estudar medidas a tomar para minimizar situação.

### **1.101 Desarborização preocupa cidadãos**

*Semanário Factual*

*De 26 de Março a 2 de Abril de 2011*

As árvores trazem benefícios sócio-ambientais de grande importância. Essas são imprescindíveis no que toca ao abrandamento dos efeitos da elevação da temperatura, melhorando a qualidade do ar, bem como servem para ornamentar a cidade com o aumento de áreas verdes e flores.

Em Luanda, a inexistência de espaços verdes está a deixar preocupados os cidadãos que procuram por um momento de lazer ou um local onde possam respirar melhor.

Falta de árvores traz problemas de fórum ambiental  
A desarborização da capital do País, principalmente na zona urbana, poderá influenciar muito para o surgimento de problemas do fórum ambiental, piorar a poluição atmosférica causada pelo excesso de resíduos (sólidos, líquidos ou gasosos) capazes de colocar em risco a biosfera.

A estes males, acrescentam-se os transportes e as instalações industriais que produzem o monóxido de carbono e o dióxido de carbono que causam distúrbios respiratórios.

O aumento da temperatura no centro urbano, devido à concentração exagerada de cimento e asfalto, que cobrem o solo e reflectindo o calor solar, são factores que já se sentem em Luanda.

A desarborização pode, igualmente, causar a destruição da camada de Ozono, gás instável que se encontra distribuído, principalmente na estratosfera, e que impede a penetração dos raios ultravioletas nocivos à vida.

O seu desaparecimento ou diminuição pode vir a provocar câncer de pele.

Luanda já vive o efeito estufa

O efeito estufa é uma das situações que já se vivenciam na província de Luanda, devido à dispersão de gás carbónico na atmosfera, pela sua emissão por parte dos automóveis e queimadas, que retêm as radiações infravermelhas na camada atmosférica.

O Factual, no seu périplo realizado na cidade de Luanda, constatou situações desagradáveis para o ambiente, como o desaparecimento gradual da Zona Verde, no município da Maianga, o desaparecimento do espaço verde na

Zona do eixo-viário, na Ingombota, o abate gradual da floresta da ilha do Cabo e o sumiço total dos eucaliptos na zona do Rangel, situação que causou a inundação em vários pontos do município.

Na Maianga, o Factual falou com o morador Xavier Francisco, que é alguém que já teve o prazer de desfrutar a beleza e os benefícios da então Zona Verde que hoje se reduziu num espaço de lixo. "Naquela época, nós caminhávamos, aí os meninos aproveitavam para brincar, Hoje, o espaço está abandonado e a ser invadido por construções. Além

disso, entristece-me muito saber que temos um Ministério do Ambiente que não vele por este local, visto muitos políticos governantes terem passado por aqui e terem tido momento excepcional", recordou Xavier Francisco, magoado.

Ambiente carece de esforços conjuntos

Xavier Francisco alerta as associações ambientais, bem como outras entidades afectas ao ambiente, para que unam esforços em conjunto com os moradores, no sentido de se reestruturar o espaço.

Uma das situações que chamaram a atenção do semanário tem a ver com o que aconteceu no município do Rangel, devido ao abate das árvores (eucaliptos) que faziam a sucção das águas dos lençóis freáticos. Esse facto fez que a zona ficasse sempre inundada.

Outro morador do Rangel, João António, informou ao Factual que "esta zona, aquando da existência dos eucaliptos, era um lugar bom para se viver. Só depois do crescimento não urbanizado e do abate total das árvores, começámos a ter fortes problemas até chegar ao ponto de abandonar a casa".

Para os ambientalistas, a situação de Luanda é crítica, devido ao desaparecimento gradual da cintura verde em grande parte da cidade, bem como o aumento de edifícios que dificultam muito a circulação do ar. Para tal, o jovem Santos Mateus afirma ser necessário desenvolver-se projectos para a arborização da capital, de forma a evitar-se situações ambientais não propícias para o homem.

## **1.102 Floresta da ilha ameaçada pelos carros e marginais**

*Jornal de Angola*

*30 De Março de 2011*

A Floresta da Ilha já foi um dos mais pitorescos locais de Luanda, procurado por milhares de pessoas, sobretudo aos fins-de-semana, para mergulharem nas águas tranquilas da baía e fazerem piqueniques à sombra das casuarinas.

Os carros só podiam entrar no perímetro da Floresta com uma autorização especial, passada pelos Serviços de Agricultura. Para as pessoas, a entrada era livre. Mas havia guardas em permanente vigilância. Era proibido fazer fogueiras, colocar lixo no chão ou cortar ramos das árvores. Quem não cumpria era expulso pelos vigilantes.

A Floresta tem um papel importante na Ilha de Luanda: impede que os ventos dominantes levem para a contra costa toneladas de areia que se depositam na estrada. Por isso, eram plantadas novas árvores todos os anos,

para que a cortina vegetal fizesse as suas funções de protecção da estrada que atravessa toda a ilha.

Após a independência, a Floresta da Ilha foi abandonada à sua sorte. A falta de combustíveis levou ao abate indiscriminado das casuarinas. A Floresta foi desaparecendo aos poucos. Depois da destruição das árvores, o espaço foi invadido por marginais que acabaram de vez com aquele espaço aprazível. A situação era tão grave que ninguém se atrevia a entrar na Floresta. Os marginais eram donos e senhores do território.

Aurora Sapalo é guarda da Floresta da Ilha. Antes deste trabalho, ela fazia todo o tipo de "biscates" para sobreviver. Mas há 20 anos arranjou este emprego e hoje é a única vigilante. Foi ela que nas horas vagas plantou novas árvores e construiu a sua casa. Fez viveiros e todos os meses fazem mudanças: "quando entrei aqui, há 20 anos, isto estava cheio de marginais. Foi uma luta terrível, pensei muitas vezes abandonar a Floresta mas era o meu único meio de vida e aguentei. Hoje aqui não há marginais, mas eles estão sempre a tentar ocupar o seu espaço".

A Floresta foi reabilitada. Há espaços para os visitantes e os marginais foram para outras paragens: "tenho ligação directa com a Polícia Nacional e quando aparecem marginais por aqui, os agentes actuam imediatamente e a situação fica resolvida".

Aurora sapalo tem um problema: "ainda há aqui cabanas que ficaram do tempo dos marginais. E como a Floresta está aberta aos carros, as pessoas entram por aqui dentro, fazem as necessidades por aí, quando estão bêbados batem com os carros nas árvores e algumas são derrubadas. Quando tento impedir esses desmandos as pessoas nos seus grandes carros dizem que o espaço é do Estado e eu não tenho nada que me meter".

A Floresta no início foi assaltada por marginais. Hoje é invadida pelos engravatados dos "Prado". E esses pensam que o património do Estado é para destruir.

"Graças a Deus a polícia vem sempre que chamo. Caso contrário, estávamos mal. Os senhores dos carros destroem isto tudo. Até os viveiros são vandalizados", disse Aurora Sapalo.

A Floresta é um espaço de todos, mas todos têm a obrigação de respeitar aquilo que é público: "é preciso colocar de novo barreiras aqui na Floresta e impedir a entrada de carros. O Estado tem que me ajudar e criar melhores condições. A Floresta deve

ser cercada e temos de colocar um portão à entrada. Caso contrário um dia este espaço volta a ser ninho de marginais e território dos abusadores", pediu a vigilante Aurora Sapalo.

Hélder Lucas e Yuri Rebelo são músicos e frequentam a Floresta. A nossa reportagem encontrou-os a plantar árvores numa área descampada. Os dois jovens fazem parte de um grupo de ecologistas que lançou uma campanha que já dura há cinco anos: "vimos todos os anos à Floresta plantar árvores nos locais mais despidos de vegetação.

Há dezenas de jovens a fazer este trabalho", disse Hélder Lucas.

### Sessões de esclarecimento

A campanha dos ecologistas, para além da plantação de árvores, também inclui sessões de esclarecimento junto da população da Ilha de Luanda e dos visitantes da Floresta. Se não cuidarmos do Ambiente, os luandenses do futuro vão encontrar aqui apenas areal. Temos a obrigação de conservar este espaço para as gerações vindouras", disse à nossa reportagem Yuri Rebelo.

"A minha mãe ensinou-me que todos os seres humanos têm de plantar uma árvore todos os anos. Porque da vegetação depende a nossa vida e a qualidade do ar que respiramos", disse Hélder Lucas.

### Planeta em perigo

O planeta está em perigo e as novas gerações estão preocupadas com o aquecimento global. Por isso, disse Yuri Rebelo, os ecologistas fizeram da Ilha um dos seus mais importantes projectos de luta pela preservação do ambiente: "sempre que podemos vimos à Floresta com mais jovens, para fazermos piqueniques e conviver. Nesses momentos passamos a mensagem da protecção ambiental às pessoas que frequentam a Floresta. E costumamos dizer que o nosso planeta está em perigo porque o Homem não respeita a natureza".

O Executivo está empenhado na protecção do Ambiente, mas Hélder Lucas acha que "ainda temos muito trabalho pela frente". Considera que o exemplo da Floresta é gritante: "devia ser vedada a entrada de carros neste espaço maravilhoso. Aqui só deve haver espaço para as árvores e para as pessoas. E uma área tão grande não pode ficar sob a vigilância de uma só pessoa, por muita dedicação que demonstre", disse ainda.

A Floresta da Ilha já esteve pior mas também já esteve muito melhor e, mais bem guardada do que hoje. E preciso vedar toda a área e impedir a entrada de carros

que não estejam em serviço. Entre a estrada e as praias da Baía há um espaço muito curto que se faz bem a pé.

Deixar entrar carros numa Floresta é permitir que árvores sejam derrubadas e vegetação pisada. Temos de fazer da Floresta um espaço de lazer, mas sem carros.

#### Dia Mundial da Floresta

O Dia Mundial da Árvore ou Dia Mundial da Floresta festeja-se a 21 de Março. A comemoração oficial do Dia da Árvore teve lugar pela primeira vez no estado norte-americano do Nebraska, em 1872.

Um dos objectivos que levou a ONU a declarar 2011 como o Ano Internacional da Floresta é a necessidade da consciencialização da sociedade sobre a importância das florestas e da sua gestão sustentável.

A ideia é promover, durante os 12 meses do ano, acções que incentivem a conservação e a gestão sustentável de todo o tipo de floresta, mostrando a todos que a exploração das matas sem um manejo sustentável pode causar uma série de prejuízos para o planeta.

Segundo dados do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), as florestas cobrem 31 por cento de toda a área terrestre do planeta do planeta e têm responsabilidade directa na garantia da sobrevivência de 1,6 mil milhões de pessoas e de 80 por cento da biodiversidade da terra.

O ministério do ambiente lança a 22 de Maio, dia mundial da biodiversidade, um projecto denominado “adopte uma árvore”.

### **1. 103 Estragos causados pelas inundações são avaliados pelo governo provincial**

*Jornal de Angola*

*30 De Março de 2011*

O governador provincial do Cunene deslocou-se, na segunda-feira, à povoação de Onangwe, município do Cuanhama, atingida pelas cheias, para se inteirar das principais dificuldades da população.

António Didalelwa, que efectua, desde a semana passada, uma série de visitas às áreas afectadas pelas inundações, disse que o Governo Provincial está seriamente preocupado com a situação e procura soluções imediatas.

Na povoação de Onangwe, onde é somente possível chegar por via aérea, foi informado sobre o funcionamento dos sectores da saúde, educação e energia e águas.

António Didalelwa mostrou-se preocupado com o atraso no início das aulas na única escola da povoação, por falta de professores, o que coloca centenas de crianças fora do sistema de ensino.

"Ainda não sabemos qual é o problema da ausência dos professores, embora haja águas que impossibilitam a circulação e que possivelmente estão na base do não funcionamento da escola", afirmou, prometendo: "Vamos tratar da situação com a direcção da Educação para ver o que se pode fazer para resolver a situação".

António Didalelwa, depois de fazer a entrega de medicamentos no posto de saúde, referiu que "há a necessidade de se abastecer as unidades sanitárias com medicamentos, visto que, nesta altura de inundações, as doenças são mais frequentes, principalmente a malária e as diarreias agudas".

O governador garantiu que a distribuição de medicamentos vai continuar, para os centros e postos de saúde estarem em condições de atender a população.

António Didalelwa esteve, no domingo, nas povoações de Omufitu Nene, Omulola e Otcitumba para auscultar a população e avaliar os estragos causados pelas cheias. Nas referidas localidades, o governador garantiu que dentro de dias a população vai ser apoiada com bens de primeira necessidade.

### **1.104 Desarborização preocupa cidadãos**

*Semanário Factual*

*De 26 de Março a 2 de Abril de 2011*

As árvores trazem benefícios sócio-ambientais de grande importância. Essas são imprescindíveis no que toca ao abrandamento dos efeitos da elevação da temperatura, melhorando a qualidade do ar, bem como servem para ornamentar a cidade com o aumento de áreas verdes e flores.

Em Luanda, a inexistência de espaços verdes está a deixar preocupados os cidadãos que procuram por um momento de lazer ou um local onde possam respirar melhor.

Falta de árvores traz problemas de fórum ambiental

A desarborização da capital do País, principalmente na zona urbana, poderá influenciar muito para o

surgimento de problemas do fórum ambiental, piorar a poluição atmosférica causada pelo excesso de resíduos (sólidos, líquidos ou gasosos) capazes de colocar em risco a biosfera.

A estes males, acrescentam-se os transportes e as instalações industriais que produzem o monóxido de carbono e o dióxido de carbono que causam distúrbios respiratórios.

O aumento da temperatura no centro urbano, devido à concentração exagerada de cimento e asfalto, que cobrem o solo e reflectindo o calor solar, são factores que já se sentem em Luanda.

A desarborização pode, igualmente, causar a destruição da camada de Ozono, gás instável que se encontra distribuído, principalmente na estratosfera, e que impede a penetração dos raios ultravioletas nocivos à vida.

O seu desaparecimento ou diminuição pode vir a provocar câncer de pele.

Luanda já vive o efeito estufa

O efeito estufa é uma das situações que já se vivenciam na província de Luanda, devido à dispersão de gás carbónico na atmosfera, pela sua emissão por parte dos automóveis e queimadas, que retêm as radiações infravermelhas na camada atmosférica.

O Factual, no seu périplo realizado na cidade de Luanda, constatou situações desagradáveis para o ambiente, como o desaparecimento gradual da Zona Verde, no município da Maianga, o desaparecimento do espaço verde na

zona do eixo-viário, na Ingombota, o abate gradual da floresta da ilha do Cabo e o sumiço total dos eucaliptos na zona do Rangel, situação que causou a inundação em vários pontos do município.

Na Maianga, o Factual falou com o morador Xavier Francisco, que é alguém que já teve o prazer de desfrutar a beleza e os benefícios da então Zona Verde que hoje se reduziu num espaço de lixo. "Naquela época, nós caminhávamos, aí os meninos aproveitavam para brincar, Hoje, o espaço está abandonado e a ser invadido por construções. Além disso, entristece-me muito saber que temos um Ministério do Ambiente que não vele por este local, visto muitos políticos governantes terem passado por aqui e terem tido momento excepcional", recordou Xavier Francisco, magoado.

Ambiente carece de esforços conjuntos

Xavier Francisco alerta as associações ambientais, bem como outras entidades afectas ao ambiente, para que unam esforços em conjunto com os moradores, no sentido de se reestruturar o espaço.

Uma das situações que chamaram a atenção do semanário tem a ver com o que aconteceu no

município do Rangel, devido ao abate das árvores (eucaliptos) que faziam a sucção das águas dos lençóis freáticos. Esse facto fez que a zona ficasse sempre inundada.

Outro morador do Rangel, João António, informou ao Factual que "esta zona, aquando da existência dos eucaliptos, era um lugar bom para se viver. Só depois do crescimento não urbanizado e do abate total das árvores, começámos a ter fortes problemas até chegar ao ponto de abandonar a casa".

Para os ambientalistas, a situação de Luanda é crítica, devido ao desaparecimento gradual da cintura verde em grande parte da cidade, bem como o aumento de edifícios que dificultam muito a circulação do ar. Para tal, o jovem Santos Mateus afirma ser necessário desenvolver-se projectos para a arborização da capital, de forma a evitar-se situações ambientais não propícias para o homem.

### **1.105 Chuvas em Luanda: um autêntico calvário**

*O Independente*

*26 De Março de 2011*

Tudo se repete em Luanda sempre que chove, desde as longas filas de viaturas e de pessoas nas estradas esburacadas, ruas alagadas, trânsito caótico, aumento do preço da corrida do táxi, atrasos e ausências ao serviço, escolas, enfim um quadro quase considerado crítico ou melhor ainda" caótico".

A frase onde se diz que a urbe não está preparada para chuvas é uma frase" gasta e antiga", até já se transformou numa rotina ( ... ) que quase deixou de ser ouvida e os cidadãos conformam-se com a dura realidade.

Nas últimas semanas tem chovido com frequência em Luanda, apesar de não serem torrenciais em algumas regiões da cidade, mas para a maioria dos habitantes a vida tomou-se mais complicada, principalmente para os residentes na periferia.

Mas são estes os cidadãos que vivem nos subúrbios os que mais sofrem com esta situação. As estradas que dão acesso ao centro da cidade, onde estão situados os ministérios e outros organismos públicos são deficientes.

As obras em curso na maioria das vias rodoviárias dificultam ainda mais a circulação de viaturas, como o caso da 21 de Janeiro que dá acesso à parte sul da cidade, ou mesmo de Viana ou Cacucaco. Em consequência disso, muitos habitantes são forçados a andar a pé para chegarem ao destino e várias viaturas avariadas ao longo das vias.

Josessandra Gomes é uma adolescente que estuda a 12a classe no Centro Pré-Universitário da Ingombota, moradora no bairro do Gamek. Encontramo-la numa paragem de táxi para tentar chegar à escola, na sexta-feira, dia da última enxurrada que começou de madrugada.

A garota confessou-nos que já tinha perdido o primeiro tempo de aulas e o transporte estava cada vez mais difícil. Quando perguntamo-la sobre o que havia de fazer perante esta realidade, a rapariga limitou-se a encolher os ombros.

<<Isto está mal, não sei o que fazer.

Se eu tentar ir a pé vou chegar a escola toda borrada de lama. As ruas estão todas alagadas e os táxis estão difíceis. Estes estão a cobrar 300 Kwanzas pela corrida e mesmo assim está difícil. Sinceramente não se pode compreender que a capital de um país esteja nestas condições. O governo devia fazer alguma coisa.»

João Mendes Jacinto trabalha para uma empresa pública no centro da cidade. Enfrenta a mesma dificuldade que outras pessoas para chegar ao serviço. Descreve a situação como sendo bastante crítica e roga para que não volte mais a chover em Luanda.

«Estou a sofrer demais desde que começou a chover em Luanda. É assim todos os anos e o Governo devia acautelar esta situação. As obras que estão a ser feitas agora nas estradas deviam ser feitas com antecedência, no tempo seco. Isto está mal, isto está péssimo. Olhe da forma que estou todo borrado.

Consegui apanhar três táxis do Asa Branca até aqui no São Paulo e agora estou à espera de um outro que me leve à Mutamba, mas eles estão a vir todos cheios.»

As chuvas agravam os engarrafamentos, uma doença que já tomou conta de Luanda, o mano José Maria dos Santos esta com a bola toda, tendo prometido resolver ou minimizar este sofrimento da população da periferia.

Por causa destes engarrafamentos e mau estado das estradas, no interior dos bairros, muitos moradores com viaturas cortam o caminho, como se I diz na gíria, para fugir os engarrafamentos. Entram pelos becos, levando-os a fazer movimentos semelhantes ao dos taxistas.

É este o dia a dia em Luanda, uma cidade que já inspirou poetas e cantores. Nesta época do ano, tudo se torna mais complicado. É um verdadeiro calvário para a maioria dos seus habitantes., com realce para os da periferia.

## **1.106 Devastação das florestas leva a catástrofes**

*Jornal de Angola*

*22 De Março de 2011*

A ministra do Ambiente encorajou, ontem, os angolanos a melhor preservarem as florestas, pois a sua devastação pode aumentar as calamidades naturais e ter consequências para a saúde humana.

Em declarações à Angop, por ocasião do Dia Mundial da Floresta, assinalado ontem, Fátima Jardim sustentou que a devastação desses espaços verdes por queimadas, e não só, continua a pôr em perigo a vida de muitas pessoas, espécies animais e plantas, situação que "não compensa a própria biodiversidade".

Segundo a ministra, a prática das queimadas é mais notória nas comunidades, onde alguns cidadãos fazem o corte de árvores para a produção de carvão vegetal e a exploração de lenha para a comercialização.

"A medida que cortamos as florestas, as ravinas e as catástrofes naturais podem aumentar, caso não sejam tomadas medidas de mitigação", alertou.

Defendeu ainda que se imponham medidas mais adequadas contra este mal, tendo em conta a importância que as florestas e as árvores no geral têm para a vida das pessoas no planeta terra. No quadro do licenciamento ambiental da exploração de florestas, o sector que dirige, em parceria com o Ministério da Agricultura, vai reforçar as medidas de controlo das zonas florestais de Angola, uma vez que muitas têm falta de guardas. Acrescentou que os desafios de utilização dos recursos naturais, sobretudo das florestas, devem ser cada vez mais sustentáveis. A ministra sugeriu o envolvimento das comunidades para melhorar a protecção das florestas, e a sua consciencialização para a importância que as mesmas têm no quotidiano, situação que passa, também, pela melhoria das suas condições de vida.

Para as áreas onde se desenvolve uma agricultura intensiva, disse haver necessidade de se fomentar a reflorestação ao longo dessas zonas, com vista a compensar as árvores devastadas.

"Por cada hectare de terra cultivada, os agricultores devem plantar uma árvore, com vista à reposição dos danos causados, assim como à melhoria dos solos", disse.

Esclareceu ainda que com o apoio de outros sectores e das associações ambientais, o sector que dirige está a empreender esforços com vista à redução da devastação das florestas no país.

Pesquisas realizadas indicam que, em todo o mundo, as florestas cobrem 31 por cento da área terrestre, servem de casa a 300 milhões de pessoas e garantem a sobrevivência de 1,6 mil milhões de pessoas.

Assim, a Organização das Nações Unidas mostra o papel fundamental das pessoas na conservação e exploração sustentável das florestas que garantem o seu habitat, a diversidade biológica e a estabilidade para o clima mundial, além de serem fonte de alimentos, medicamentos e água potável.

### **1.107 Ondas desalojam mais de 470 famílias**

Novo jornal

25 De Janeiro de 2011

Quatrocentas e setenta e uma famílias estão desalojadas desde quinta-feira, 17, no bairro da Chicala, município da Ingombota, em consequência de fortes ondas provocadas pelas marés-altas.

A população conta que às 17 horas de quinta-feira passada os moradores da Chicala viram aquela área será invadida pelas fortes ondas que se abateram contra as suas residências, destruindo todos os seus haveres.

A reportagem do NJ apurou que várias casas ficaram totalmente inundadas e outras destruídas pela força das ondas, facto que obrigou os moradores a serem abrigados em tendas.

Ernesto Fernandes, que ali habita há dois anos, contou que as ondas atingiram a sua residência com muita intensidade e que teve imediatamente que abandonar a sua casa e procurar um local mais seguro.

Alguns moradores, como é o caso de João Serrote foram surpreendidos quando regressavam do serviço, encontrando todos electrodomésticos danificados pela água.

"Estava ausente e quando cheguei vi as coisas que comprei com muito sacrifício todas inundadas na água". "Bibicha", também residente na Chicala também perdeu todos os electrodomésticos, para além de dinheiro e comida. " A minha vida voltou ao zero não tenho nada", lamentou.

Mário António, que ali mora, igualmente, pensa já numa solução definitiva. "Estou a pensar seriamente em me mudar daqui antes que um dia aconteça o pior", frisou.

O governo provincial acudiu as vítimas com nove tendas que, no entanto, não são suficientes para acudir às necessidades actuais. Adélia Verónica, moradora, conta que nas tendas a prioridade é para mulheres grávidas e crianças e as outras pessoas dormem ao relento junto das tendas.

Segundo a nossa interlocutora numa tenda ficam mais de vinte pessoas, situação que tem causado actos de vandalismo. "Muitos homens quando bebem se aproveitam e entram nas tendas a tentar violar mulheres", revelou.

O coordenador do bairro, Vieira Dias, explicou à reportagem do NJ que não se tratam de calemas, mas de marés grandes que acontecem de quatro em quatro anos e que também surgem nesta época. Este ano, firma, estão a durar mais ' dias e afectar um maior número de famílias. Segundo o responsável a maré aparece duas vezes ao dia: uma às 17 e outra de madrugada.

O representante afirmou que há previsões de mais marés-altas para Março.